

GEORGINO JORGE DE SOUZA NETO

**A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE:
Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)**

**BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2010**

GEORGINO JORGE DE SOUZA NETO

**A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE:
Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)**

BELO HORIZONTE
Universidade Federal de Minas Gerais
2010

GEORGINO JORGE DE SOUZA NETO

**A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE:
Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Universidade Federal de Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Universidade Federal de Minas Gerais
2010

S719i Souza Neto, Georgino Jorge de
2010 A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). [manuscrito] / Georgino Jorge de Souza Neto – 2010. 130f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 123-130

1. Futebol - torcedores - Teses. 2. Lazer – Teses. 3. História - Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)* de autoria do mestrando **Georgino Jorge de Souza Neto** defendida e aprovada em 5 de março de 2010, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Co-orientador)

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Marilita Aparecida Arantes Rodrigues

Universidade Salgado Oliveira

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Escola de Educação Física e Desportos

Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFMG

*À Laiza, companheira amorosa e incentivadora nesta minha jornada de crescimento pessoal.
Àqueles que o amor incondicional não permite omitir: João Victor, Marina Morena, Maria
Luiza e João Francisco.
Este estudo é dedicado a vocês, por tudo que representam em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A Sílvio, pela orientação. Se isto não bastasse, pelo carinho e amor que extrapolam os limites hermeticamente fechados da academia.

A Tarcísio, co-orientador dedicado e iluminado. Pelos conselhos que fizeram o trabalho ganhar a necessária leveza, sem perder o rigor e a estrutura.

À Marilita Rodrigues, pela disponibilidade do tempo e das fontes; pelas sugestões valiosas; por compor minha banca de avaliação;

A Victor Andrade de Melo, pela simplicidade que ensina; pela luz e pela alegria.

A João Lucas, pelo *Abstract*.

À minha família, pelo apoio sempre alerta. A meu Pai, pela sensibilidade; minha Mãe pela força; e meus irmãos pelo afeto.

A Jorge e Kátia, pela mão estendida, pelo amor gratuito;

Ao Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da Universidade Federal de Minas Gerais. Pelo conhecimento, pela oportunidade de crescimento e pela amizade fraternal.

Ao Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer (CEMEF), da Universidade Federal de Minas Gerais. Pelo acolhimento; por permitir o acesso à sensibilidade histórica.

À Maria Cristina Rosa, querida amiga, cujos braços sempre abertos me inspiraram confiança em momentos necessários.

À Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), por permitir o meu afastamento, e acreditar na realização do meu trabalho.

Aos colegas do Departamento de Educação Física, pela convivência enriquecedora.

A Carlos Rogério Ladislau, pelo conhecimento repartido e pela colaboração sempre disponível; pela revisão do texto.

A Luciano Pereira, pelo apoio e companheirismo.

À Eurípedes Xavier, pela amizade fraterna e pela leitura crítica do trabalho.

A Júnior, pelo amor irmão da amizade.

Aos funcionários da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Aos funcionários da Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFMG.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (em especial ao Raphael Rajão).

Aos acadêmicos da Universidade Estadual de Montes Claros, em especial à Anne Karen e Samuel Lanna, pela ajuda nos arquivos.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG, pela bolsa que permitiu o desenvolvimento do estudo.

A todas as pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, e que a falha do esquecimento e/ou a falta de espaço não permitiram a explicitação dos nomes.

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse 'sentido do passado' na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.

Eric Hobsbawm

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar o movimento que permitiu a formação das torcidas de futebol na cidade de Belo Horizonte-MG, e como estas se constituíram em prática de divertimento. Para tanto, o período delimitado para a investigação abrangeu os anos de 1904 a 1930, por este abrigar desde as primeiras manifestações da prática do futebol na cidade até a sua consolidação. Por representar uma investigação historiográfica, o estudo fundamentou-se metodologicamente em dois aportes teóricos centrais: a História Cultural, particularmente a noção de *representação*, desenvolvida por Roger Chartier, e a Micro-História, notadamente o conceito de *paradigma indiciário* descrito por Carlo Ginzburg. Neste sentido, as fontes de pesquisa privilegiaram os periódicos. Assim, foram utilizados jornais e revistas da época, que possibilitaram a tessitura da trama proposta, em permanente diálogo com a bibliografia, que abarcou principalmente a História do Futebol, os Estudos do Lazer e a História da cidade de Belo Horizonte. Os indícios apontam para a identificação de três momentos singularmente pontuais: o primeiro, entre os anos de 1904 e 1915, marcado pela presença de uma assistência fidalga e aristocrática, sendo percebido uma vinculação afetiva pouco significativa com os clubes de futebol, com raras exceções. No momento posterior, a crescente popularização do futebol inaugura uma nova postura dos assistentes, com características mais evidentes de torcedores, onde a paixão clubística começa a se constituir. E finalmente, a consolidação da lógica de torcida/torcedor, com o aumento sistemático dos *sururús*, de rivalidades instituídas, do incremento do espetáculo esportivo, com a inauguração de novos e adequados estádios, da tentativa de um controle sobre o torcer e da apropriação desta prática pela dinâmica social, que enxerga na paixão e no pertencimento clubísticos uma nova forma de obter lucro e renda.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the movement that led to the formation of soccer fans in the city of Belo Horizonte-MG, and how they were constituted in amusement practice. Therefore, the period defined for the research covered the years 1904 to 1930, for this house since the first signs of soccer practice in the city until its consolidation. By representing a historiographic research, the study was methodologically based on two main theoretical contributions: the Cultural History, particularly the notion of *representation*, developed by Roger Chartier, and Micro-History, especially the concept of *semiotic paradigm* described by Carlo Ginzburg. In this sense, the sources of research focussed on the journals. Thus, we used newspapers and magazines of the period, which allowed the organization of the proposed plot, in constant dialogue with the bibliography, which covered mainly the History of Soccer, Leisure Studies and the History of Belo Horizonte. The evidence points to the identification of three times singularly off: the first, between the years 1904 and 1915, marked by the presence of a noble and aristocratic support, and perceived a minor emotional attachment with soccer clubs, with rare exceptions. In later time, the growing popularity of soccer opened up a new position of assistants, with salient features of fans, where the clubship passion began to form. And finally, the consolidation of the logic club/fans, with a systematic increase of brawls, established rivalries, enhancement of the sporting spectacle, with the opening of new and appropriate stadiums, the attempt of controlling the fans and the ownership of this practice by social dynamics, which sees in the passion and belonging to a club a new way of profit and income.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo match de football, 1915	35
FIGURA 2	Nota da seção Sport, jornal “O Bello Horizonte”, 1915	36
FIGURA 3	Flagrante da assistência na disputa da “Taça Bueno Brandão”, em 1914	38
FIGURA 4	Flagrante da assistência na disputa da “Taça Bueno Brandão”, em 1914	38
FIGURA 5	Flagrante da assistência paulista, em 1914	39
FIGURA 6	Flagrante da assistência carioca, em 1905	39
FIGURA 7	As archibancadas e o aspecto do campo na partida disputada entre o Athletic e o Granbery, em 1915	46
FIGURA 8	Cabeçalho da 1ª edição do Jornal “O FOOT-BALL”, 1917	51
FIGURA 9	Projecto de Archibancadas do America Foot-Ball-Club	54
FIGURA 10	Charge publicada no jornal O Foot-Ball, 1917	59
FIGURA 11	Charge publicada no jornal O Foot-Ball, 1917	60
FIGURA 12	Rua da Bahia, 1915	61
FIGURA 13	Página de reclames do periódico oficial Minas Geraes, 1919	69
FIGURA 14	Propaganda do filme dos jogos do torneio sul-americano, 1919	69
FIGURA 15	Anúncios de filmes de futebol, no Odeon e Pathé, 1924	70
FIGURA 16	Cupom do concurso “Rainha dos Sports”, 1927	77
FIGURA 17	Fotos da “Rainha dos Sports” e das Gran-Duquezas, 1927	78
FIGURA 18	Foto da mesa apuradora do concurso “Rainha dos Sports”, 1927	79
FIGURA 19	Foto do Club Athletico Mineiro, campeão de 1926, com a madrinha do time, Nenen Aluotto	81
FIGURA 20	Foto do Club Athletico Mineiro, campeão de 1927, com a Rainha dos Sports, Nenen Aluotto	81
FIGURA 21	Chamada da 1ª página do jornal Gazeta Esportiva, 1927	82
FIGURA 22	Manchete da 1ª página do periódico O Pirolito, com foto das archibancadas no jogo America x Athletico, 1928	83

FIGURA 23	Inauguração do Estádio Antônio Carlos, 1929	95
FIGURA 24	Foto da partida entre o America e o Queluziano, notando-se a geral e as arquibancadas, 1927	97
FIGURA 25	Detalhe aproximado da geral, na partida America x Queluziano, 1927 ...	98
FIGURA 26	Assistência no jogo entre Atlético x América, 1927	99
FIGURA 27	Assistência no jogo entre América x Palestra, 1928	99
FIGURA 28	Diversas vistas do novo Stadium do America Foot Ball Club, 1929	100
FIGURA 29	Reclame publicado na Folha Esportiva, 1930	101
FIGURA 30	Reclames publicados no Goal e na Folha Esportiva, 1930	102
FIGURA 31	Imagem da assistência do jogo entre o Villa Nova e o Palestra Itália, 1930	105
FIGURA 32	Mascotes dos três principais times de Belo Horizonte, estampadas na Folha Esportiva em 1930	106
FIGURA 33	Torcedores atleticanos sobre a torre de iluminação do estádio Antônio Carlos, s/d	108
FIGURA 34	Flagrante de um baile, destacando-se o “player” Odorino com a torcedora americana, 1930	111
FIGURA 35	Cupom de votação do Concurso Monroe, 1930	112
FIGURA 36	Jogadores mineiros votando no concurso Monroe, 1930	113
FIGURA 37	Resultado parcial da eleição do concurso Monroe, em Belo Horizonte, 1930	113

SUMÁRIO

Preliminar: “avia-te e vamos assistir a partida de foot-ball: nunca vi tal cousa”	12
O advento da assistência em Bello Horizonte: “a fina roda de distinctos sportmen e gentis sportwomen”(1904-1915)	20
A emergência da paixão clubística na Capital mineira: “das fundas sympathias aos torcedores enragés” (1916-1925)	48
A construção do <i>ethos</i> de torcedor na cidade moderna: “A Rainha dos Sports, os <i>sururus</i> e a victoria que o sol não viu”- (1926-1930)	76
E o jogo continua: “é difficil presumir o vencedor da contenda”	116
Referências	123

PRELIMINAR: “AVIA-TE E VAMOS ASSISTIR A PARTIDA DE FOOT-BALL: NUNCA VI TAL COUSA”

Envolvido em estudos do lazer, desde a minha formação acadêmica em Educação Física, procurei me apropriar, no decorrer da minha atuação profissional como professor em uma instituição pública de ensino superior, de uma ampla gama de possibilidades que habitam este campo de investigação.

No entanto, a história das práticas de lazer era algo por mim inexplorado, embora sedutoramente fascinante. Concomitante ao crescente interesse pelas pesquisas historiográficas, a relação estabelecida com o futebol, entendido como fértil terreno de vivências culturais, também adensava-se em minhas perspectivas de uma produção acadêmica mais sólida e sistemática.

Pela pluralidade de elementos que a temática demandava, a participação em grupos de estudo e pesquisa nestas áreas desenhou-se como necessidade premente. Assim, o Projeto de Mestrado foi gestado no interior do meu envolvimento em dois destes grupos, que mostraram-se fundamentalmente importantes para o desenvolvimento da idéia da pesquisa e na elaboração dos caminhos a serem trilhados dali por diante. O Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer (CEMEF), da Universidade Federal de Minas Gerais, permitiu a minha compreensão dos meandros e procedimentos necessários para a construção de uma investigação que ambicionava “dar voz aos mortos”¹.

Por outro lado, participar do Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), também da Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitou o aprofundamento em questões essenciais, no universo teórico das investigações científicas sobre o futebol no viés das ciências sociais e humanas. A partir disto, os contornos da pesquisa foram tomando forma. Entendendo que o “torcer” significa uma representação importante de lazer, verifiquei que os estudos que abordavam lazer e torcida situavam-se em uma perspectiva contemporânea, em sua maioria. Realizar uma pesquisa que tivesse como eixo norteador a história das torcidas, em um determinado espaço, abriu-se como a trilha a ser explorada.

Já a escolha da cidade de Belo Horizonte, como *lócus* do estudo, ocorreu por dois motivos. O primeiro deles, pela facilidade de acesso a fontes que viabilizassem o

¹ Expressão utilizada pela Prof^a. Dra. Andrea Moreno, na disciplina de Metodologia da Pesquisa, no Programa de Mestrado em Lazer – CELAR/UFMG, 1º semestre de 2008.

desenvolvimento da pesquisa. O segundo, mais pessoal e emotivo, por abrigar a história das torcidas de futebol dos clubes que estão muito próximos de minhas vivências particulares.

Neste sentido, buscar referências que permitissem a compreensão da constituição do torcer em Belo Horizonte representou a definição temática do presente estudo, e estabeleceu a linha limítrofe do espaço a ser investigado. Para além da construção de um novo conhecimento, a definição do tema de pesquisa também privilegia uma investigação situada à margem das discussões acadêmicas, dando à história do torcer um protagonismo que, mormente, se encontra negligenciada no âmbito científico. Diferentemente do usual na historiografia do futebol, que busca constituir os seus objetos de estudo por grandes jogadores, feitos e eventos memoráveis ou ainda de importantes instituições clubísticas, este trabalho elege como o foco das atenções o público espectador de futebol, uma massa composta por sujeitos anônimos e desconhecidos.

Do foot-ball ao futebol, do sport ao esporte, da assistência à torcida, o jogo bretão percorre um caminho particularmente singular na cidade de Belo Horizonte. Uma multiplicidade de objetos poderia ser o prisma condutor de um trabalho que propusesse-se a investigar a história do futebol (e dos seus significados) na recém-inaugurada capital do Estado de Minas Gerais. No entanto, este estudo objetivou analisar o movimento que permitiu a inauguração de uma nova prática social: o torcer.

A centralidade desta pesquisa esteve na proposição de compreender como as torcidas de futebol constituíram-se em uma vivência de divertimento, passando de uma “assistência de uma novidade *sportiva*” para uma paixão clubística. Para tanto, foi preciso localizar o momento histórico da ocorrência desta prática, bem como caracterizar o espaço que ela ocupou na dinâmica social da cidade de Belo Horizonte. Como apontado por diversos estudos, a construção planejada da cidade de Belo Horizonte representou a tentativa de instauração de uma nova mentalidade, menos provinciana e atrelada a aspectos da modernidade. Conforme apontado por Anny Silveira, Belo Horizonte deveria ser a síntese de uma “capital dos sonhos”. No entendimento da autora, a construção da Capital indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência. Uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.²

Assim, o embate entre as práticas tradicionais e o moderno refletia uma cidade em constante ebulição. Neste sentido, as primeiras décadas do século XX nos apontaram fatos que colaboraram no sentido de responder a uma série de questões, tais como: que

² SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 132.

representações poderiam ser construídas a partir da análise do desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte e a formação das torcidas de futebol? Como as torcidas de futebol, na perspectiva de ocupação do tempo, cumpriram uma expectativa específica? Em que momento e de que forma ocorreu a passagem da assistência a um jogo de futebol, para o pertencimento clubístico? Estas questões nortearam centralmente este estudo, caracterizando-se como problemas privilegiados na investigação.

Na perspectiva de um trabalho historiográfico, a adoção de um caminho que permitisse a construção de uma narrativa coerente tornou-se essencialmente importante. Assim, trabalhar metodologicamente sob a ótica da História Cultural apresentou-se como possibilidade adequada e pertinente. A História Cultural representa outra possibilidade de (re) construção do passado, colocando-se no movimento de oposição de uma “história historicizante”³, e constituindo-se como uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história preocupada, enfim, não com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passível de compreensão e explicação⁴. No dizer da historiadora Sandra Pesavento, trata-se de “uma nova forma de a História trabalhar a cultura... de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”⁵.

Entendendo que no movimento de busca das fontes, que dão vozes aos atores do passado, é que foi definida a metodologia de análise, orientei este trabalho a partir da noção de “representação” como forma de subsidiar a minha narrativa, visto que a mesma configura-se como categoria central da História Cultural. Cabe elucidar que as representações apresentam-se como possibilidade de entendimento de um fenômeno histórico-social, ou ainda, dito por Chartier, como “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”⁶.

Inspirei-me também no paradigma indiciário, importante conceito metodológico da micro-história. O objeto da micro-história não reside nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégias que

³ Termo utilizado por Ronaldo Vainfas para designar uma história arcaica, tradicional e pragmática.

⁴ VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural, p. 127. In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 15.

⁶ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.⁷ Nesta perspectiva, o método indiciário proposto por Ginsburg é valiosa ferramenta. Nele, a história não é uma *ciência de tipo galileano* (totalmente abstrata, dedutiva, quase matemática), mas uma *ciência do particular*. Ao historiador cabe, com método e problemáticas teoricamente amplas, captar e decifrar os indícios, à semelhança do que faz o médico, o detetive e outros “investigadores” que só atingem o geral a partir de sinais particulares, valendo-se de erudição e mesmo de intuição.⁸

Com tais procedimentos, procurei nas fontes as pistas que possibilitassem a investigação historiográfica viável. A opção aqui delineada fundamentou-se nas fontes escritas. Para Lopes, as fontes escritas abrangem também qualquer tipo de trabalho, direta ou indiretamente escrito para os fins a que o pesquisador(a) lhe destina. Desde os documentos legais, isto é, a legislação pertinente, até livros de receita, por exemplo, passando por biografias e autobiografias, literatura de época, narrativas de viagens, correspondência, jornais, etc.⁹

O universo dos periódicos investigados representou um volume aproximado de 12.000 exemplares, entre jornais e revistas. Periódicos que foram pesquisados em acervos da cidade de Belo Horizonte, sendo eles a Imprensa Oficial de Minas Gerais, o Arquivo Público da Cidade, a Coleção Linhares, da Universidade Federal de Minas Gerais e finalmente a Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais. O uso de jornais como fonte de pesquisas historiográficas se legitima com o reconhecimento da História Cultural, de uma outra possibilidade de fazer história. No entanto, mesmo antes da emergência da *Escola dos Annales*¹⁰, Machado de Assis já reconhecia a literatura informativa dos jornais como algo fundamentalmente importante para a escrita da memória. Em um trecho de sua obra, Machado de Assis afirmava, com a sensibilidade peculiar aos gênios:

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de

⁷ Conferência apresentada por Roger Chartier na Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), 1993, mimeo, p. 3 (traduzido em *Estudos Históricos*, 13, 1994 p. 97).

⁸ GINSBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143-180.

⁹ LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física. In: Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 4., 1996, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte UFMG/EEF, 1996. p.35-49.

¹⁰ A revista dos Annales foi fundada em 1929, tendo como principais mentores Marc Bloch e Lucian Febvre. Sua nova abordagem para o estudo da história trouxe conseqüências e influências até os dias atuais, notadamente pela sua preocupação em tirar a história de seu isolamento disciplinar, alargando as problemáticas e se apropriando de metodologias existentes em outras ciências sociais.

todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.¹¹

Ainda sobre a utilização de periódicos em estudos de caráter histórico, é necessário entender a especificidade deste tipo de fonte, que carrega em si uma peculiaridade do tempo e do espaço em que foi forjada. O olhar do historiador deve reconhecer, portanto, a existência de uma intencionalidade por detrás da elaboração dos textos de um periódico, e captar a essência dos discursos impressos. Dito pelas palavras de Laura Antunes Maciel:

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representam.¹²

Nos jornais e revistas, as imagens também fizeram parte do rol de objetos analisados. Embora a maior parte das fontes iconográficas constitua-se de fotos e charges dos próprios periódicos, algumas outras foram identificadas em acervos específicos, como o Centro Atleticano de Memória e o acervo do Clube Atlético Mineiro, e também o Museu Histórico Abílio Barreto. A respeito do uso de imagens, a historiadora Ana Maria Mauad ressalta:

Do ponto de vista temporal a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo, colocando, por conseguinte, um novo problema ao historiador que além de lidar com as competências referidas, deve lidar com a sua própria competência, na situação de um leitor de imagens do passado.¹³

Sobre a perspectiva da imagem como uma forma de leitura de um tempo passado, há a “necessidade de se indagar a fotografia em seu próprio código, como uma linguagem

¹¹ MACHADO DE ASSIS, José Maria. O jornal e o livro. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 952.

¹² MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.15.

¹³ ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. Através da Imagem II: Fotografia e História Interfaces. In: Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 4., 1996, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte UFMG/EEF, 1996. p. 60.

não-verbal, limitada em suas opções pelos recursos técnicos e estéticos de cada época, o que evidencia aspectos formais do registro”.¹⁴

A bibliografia necessária para esta pesquisa abarcou a literatura sobre a história de Belo Horizonte, processos de urbanização e construção das cidades, bem como história e contextualização social do lazer e do esporte. Também foram investigadas referências que abordam a temática da história do futebol e das torcidas. Através da pesquisa bibliográfica foi possível construir um escopo teórico que subsidiou a análise do objeto de pesquisa proposto.

A pesquisa documental foi realizada em jornais e revistas de Belo Horizonte publicados no período compreendido entre os anos de 1904-1930. O direcionamento da coleta de fontes para tal período justificou-se pelo fato do ano de 1904 representar, de certa forma, “o marco histórico” do surgimento do futebol em Belo Horizonte, com a fundação do *Sport Club Foot-Ball*, primeira equipe formalmente constituída na Capital mineira. Quanto ao ano de 1930, que fecha o período delimitado do estudo, o mesmo tem como fundamento a idéia de que o início da década de 1930 demarca a massificação do futebol e a consolidação das torcidas, enquanto grupos sociais específicos. Além disto, os últimos anos da década de 1920 nos permitiram a investigação dos primeiros movimentos característicos dos torcedores, já imbuídos da “paixão clubística” e importantes atores na cena social da cidade de Belo Horizonte. Por fim, acreditamos que a imprensa representava naquele momento, em Belo Horizonte, um rico espaço de projeção das práticas sociais, desde as notáveis até as ordinárias.

Nas fontes foram localizadas referências (notas, artigos, crônicas e imagens), que forneceram informações sobre a torcida/assistência de futebol situadas no período. Dentre os diversos aspectos da dinâmica social observados, apontamos nosso olhar na seguinte direção: quais pessoas faziam parte desses grupos sociais; o torcer enquanto um elemento do espetáculo esportivo, vinculado à diversão e à lógica do consumo; e finalmente, o torcer como uma prática que produz comportamentos sociais desviantes e indesejáveis, o que levou a uma “educação para o torcer”, como caráter preventivo, e à restrição do torcer como mecanismo de controle. A análise do conjunto dessas informações nos permitiu a compreensão crítica do local ocupado pelas torcidas de futebol na cidade de Belo Horizonte no início do século XX.

Para melhor compreensão da estrutura do trabalho, o mesmo assentou-se em três eixos discursivos, demarcados temporalmente. No primeiro capítulo, que compreende o período de 1904 a 1915, o estudo concentrou-se nas primeiras manifestações da prática do futebol na cidade de Belo Horizonte, tentando localizar referências da assistência. Por conter

¹⁴ VIDAL, D. G. Fontes Visuais na História: significar uma peça. *Varia História*: Belo Horizonte, n.13, p. 128-31, 1994.

características do processo de consolidação do esporte e do lazer na cidade, a primeira parte da pesquisa abarcou justamente o tempo que vai do advento do esporte bretão à sua afirmação, tanto como prática física quanto prática de divertimento posto notadamente na platéia. Afirmação esta marcada pela fundação da *Liga Mineira de Sports Athleticos* e de um campeonato mais consistente e organizado.

No segundo momento, a pesquisa pretendeu explorar a efetivação do torcer, possibilitado pela formação das torcidas e do surgimento de um comportamento específico dos sujeitos que habitavam o entorno dos campos de futebol. A constituição das “rodas sportivas” permitiu a inauguração de uma prática de divertimento singular, dotada de significados e sentidos próprios. Este período é delimitado pelos anos de 1916 a 1925. Além de, coincidentemente, representar o espaço de tempo que estabelece o decacampeonato do *America Foot-Ball Club*, esta definição temporal justificou-se pela manutenção sistemática de um campeonato da cidade/Estado, bem como por ter construído a identidade de clubes da cidade com os seus habitantes. Neste aspecto, o processo de identificação ocorreu, dentre outros fatores, pelo aumento sistemático dos *matches* intermunicipais e interestaduais, em partidas que os clubes da Capital enfrentavam as equipes de outras cidades mineiras, ou ainda quando debatiam-se com times de outros Estados. Outro tipo de confronto, que acentuou a lógica do pertencimento, estava situado no enfrentamento dos selecionados representativos de cada Estado da Federação. Assim, os jogos entre o selecionado mineiro e o carioca despertavam a atenção da população e permitiram a sedimentação de um sentimento rival, no sentido unilateral de Minas Gerais para o Rio de Janeiro.

Por fim, o terceiro capítulo discute os primeiros desdobramentos das torcidas, trazendo à tona a figura central do torcedor, como um sujeito determinante no processo de desenvolvimento do futebol na Capital. O fortalecimento da noção de diversão, espetáculo, consumo e a recorrência dos comportamentos desviantes (principalmente percebido nos *sururús*), a partir do forjamento do pertencimento e da paixão clubística, são notados em acontecimentos marcantes, como os concursos “A Rainha dos Sports” e o “Concurso Monroe”, a inauguração de estádios condizentes com um padrão moderno, o surgimento de grandes rivalidades e de uma tentativa mais contundente do estabelecimento de uma “educação para o torcer”. Toda esta efervescência pôde ser registrada nos anos finais da década de 1920, mais especificamente no período que abrange de 1926 a 1930.

A relevância do estudo reside em tomar como objeto privilegiado um tema pouco explorado pelas investigações acadêmico-científicas tradicionais. Para além de representar um trabalho original, ao menos no tocante à cidade de Belo Horizonte, o mesmo poderá

constituir-se em uma importante fonte de consulta, com a sistematização das fontes utilizadas na pesquisa, enriquecendo o banco de dados e informações históricas da cultura esportiva de Belo Horizonte.

O ADVENTO DA ASSISTÊNCIA EM BELLO HORIZONTE: “A FINA RODA DE DISTINCTOS SPORTMEN E GENTIS SPORTWOMEN” (1904-1915)

Foi em um ambiente emblemático e singular que o esporte e o divertimento ocuparam uma demanda social específica atrelada às novas exigências da recém criada capital do Estado de Minas Gerais. Neste sentido, o futebol, quer como prática, quer como fruição, revestiu-se de significativa importância na dinâmica da nova cidade. Segundo a pesquisadora Marilita Rodrigues, “as atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto aqui como na Europa, um lazer civilizado”¹⁵. Um relato da época expressava a forma intensa com que a prática do futebol penetrou na capital mineira:

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo dessa novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distinctos sportmen e gentis sportwomen. Prestou-se graciosamente a servir de referee o sr. Capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e attento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado della. Venceu ainda desta vez o team do Sr. Victor Serpa por 2 gols a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores, pelos srs. José Mariano de Sales e Victor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A lucta esteve sempre animadissima, o que demonstra que o popular sport está finalmente para sempre implantado em nosso áureo Estado¹⁶.

A constituição de novos hábitos, em uma cidade planejada e construída sob o ideário da modernidade, perpassa pela necessária compreensão da tensão estabelecida entre o embate de práticas sociais originais em um espaço ocupado por sujeitos educados em meio a valores tradicionais e conservadores. Neste aspecto, em particular, a historiadora Letícia Julião esclarece:

[...] Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. [...] Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo que oferecia espaços adequados e atraentes para o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos¹⁷.

¹⁵ RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 240.

¹⁶ SPORT Club. *Minas Geraes*. Belo Horizonte, p. 6, 04 out. 1904.

¹⁷ JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 66, 67. p. 49-118.

Na construção de seu trabalho de doutoramento, Tarcísio Mauro Vago aponta a relação original que deveria estabelecer-se entre a nova cidade e os velhos corpos que nela habitavam. Assim, descreve:

Como a própria cidade, o corpo que nela se movimentaria foi também um lugar para se implantar o ideário republicano. Praticar a cidade, transitar por ela, vivenciá-la corporalmente, isto é, provar a cidade com o corpo, isso era já uma forma – e uma fôrma! – de fazer o corpo se impregnar de racionalidade, da higiene, da assepsia, da civilidade desejada, uma forma de constituir o corpo pretendido para o cidadão republicano.¹⁸

Dentre o rol de transformações que a inauguração da pretensa cidade moderna promovia, estava o surgimento de um espaço favorável à apropriação do esporte. Nas memórias de Paulo Mendes Campos, “a mudança da Capital foi muito proveitosa quanto aos esportes, pois Ouro Preto não se harmonizava bem com outras práticas atléticas além do truco, a cachaça e o violão”¹⁹.

Desta forma, poder-se-ia dizer, pelas palavras do escritor mineiro Martins de Almeida, que “ao poder dispersivo da existência rural com sua falta absoluta de densidade demográfica, a nossa capital opõe a sua grande força de expansão urbana”. E mineiramente conclui: “e vai espichando um largo raio civilizador até as zonas mais distanciadas do Estado mineiro”²⁰.

Esses novos modos de viver a vida se davam em múltiplos espectros da dinâmica social, mas é notadamente no tempo destinado à vivência das festas e diversões que o “moderno” vai se estabelecendo. Convém apontar uma compreensão da modernidade que pretendemos demarcar ao longo da narrativa; assim, é necessário indicar que:

A modernidade é aqui pensada como uma “consciência moderna”, resultante e estruturante de uma nova política, de uma nova estética, de uma nova ética. Mais que transformações das bases materiais das sociedades, é uma espécie de projeto utópico em que o trabalho, a ordem, o tempo e o espaço, transformados por novos saberes, novas tecnologias e uma nova ordem normativa, produziram o homem moderno.²¹

¹⁸ VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: Educação Física e Gymnastica como Práticas Constitutivas dos Corpos de Crianças no Ensino Público Primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 34.

¹⁹ CAMPOS, Paulo Mendes. Os tempos Olímpicos. In: *Homenzinho na ventania*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962. p.73.

²⁰ ALMEIDA, Martins de. Sobre Belo Horizonte. *A Noite*, p. 3, 08 out. 1926.

²¹ BARROS, José Márcio. Cidade e Identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (org.). *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas-Autêntica, 2001. p. 23.

É emblemático pensar sobre o surgimento de uma seção intitulada “Festas e Diversões”, no periódico oficial do Estado, o *Minas Geraes*, em agosto de 1898 (um ano após a inauguração da nova capital). Destinar um espaço próprio no jornal mais importante do Estado na época, noticiando e dando eco às práticas de divertimento, apontava para uma mudança na mentalidade social que vigorava até então.

É o próprio *Minas Geraes* que noticiava (dentre outros periódicos) a fundação do primeiro “team” de futebol da cidade, o *Sport Club Foot-Ball*, no mês de julho do ano de 1904. A pequena nota que tratava da referida notícia se espremia entre outras manifestações festivas, na seção Festas e Diversões do jornal. Não por acaso, referia-se à nova prática como uma “util diversão”²², obviamente restrita às elites belorizontinas.

Certamente a “util diversão” estava posta na adesão às práticas esportivas, no caso o recente jogo do futebol, mas rapidamente se ampliaria para o lado de fora dos campos, se tornando também um divertimento a assistência aos jogos e exercícios práticos do novo esporte.

Se estudos que abordam a história do futebol na capital mineira, como os de Raphael Rajão e Marilita Rodrigues²³, apontam na direção de uma apropriação desta prática esportiva nos seus primeiros anos pela elite social e econômica da cidade, as fontes nos indicam que é também essa mesma elite que se incorpora do hábito da assistência. No cenário das partidas de futebol passava a ser cada vez mais comum a ocorrência de um público assistente, inicialmente constituído sem nenhuma vinculação afetiva com um ou outro clube de futebol.

Em um campeonato organizado ainda em 1904, era possível perceber que as pessoas iam a campo não para torcer por um determinado time, mas sim para se situar em uma importante posição social: a dos *sportmen* e *sportwomen*, que tinham como marca indelével o amor ao esporte, notadamente o futebol. Na partida entre o *Plinio Foot-Ball Club* e o *Sport Club Foot-Ball*, a nota do *Minas Geraes* assim chamava a atenção dos leitores: “Hoje os amadores do Foot-Ball”²⁴ vão ter ensejo de apreciar um bem organizado *match* entre os *clubs* Plinio e Sport. Dada a força de ambos os contendores, a partida de hoje vae ser

²² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 13 jul. 1904. Seção Festas e Diversões, p. 6.

²³ Cf. RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007; RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

²⁴ Grifo nosso.

interessante e muito disputada. [...]”²⁵. Nota-se que a ênfase estava em “amar” o futebol, e não necessariamente um clube. A assistência se efetivava, assim, como um importante espaço público de convivência, reverberando a constituição de um modo de vida “smart”²⁶, exigência imprescindível para a penetração no seio de uma nova ordem social.

Sobre isto, é esclarecedora a fala de Euclides de Freitas Couto, ao afirmar que:

Desde seus primórdios em Belo Horizonte, o futebol despontou como um esporte seletivo. As primeiras partidas disputadas no Parque Municipal, lugar freqüentado pelas elites locais, já demonstravam o caráter restritivo da sua prática. Entre os anos de 1904 e 1915, paralelamente ao ciclismo, o futebol ganhava praticantes e espectadores. As partidas realizadas nos finais de semana eram acompanhadas por uma assistência bem vestida e comportada que aplaudia de forma comedida, os lances mais emocionantes. Entretanto, os primeiros jogos da cidade, realizados no Parque Municipal eram eventos isolados, restritos aos freqüentadores daquele lugar.²⁷

Refletir um estilo de vida alinhado com uma fremente e inédita possibilidade, habitada na modernidade, seduzia (e induzia) às pessoas imersas na cultura urbana da nova cidade. O esporte se constituiu no propício espaço para o desenvolvimento de novas condutas, a apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades européias, sobretudo Paris. Este debate é instigado pelo pesquisador Gilmar Mascarenhas de Jesus, ao afirmar:

Não podemos deixar de frisar o caráter elitista que todo esse movimento assumiu inicialmente: a imposição de uma nova atitude corporal, através da assimilação de esportes importados, se inseriu plenamente no projeto *civilizador* da classe dominante, refletindo a intolerância de nossa *Belle Époque* para com a cultura popular, e não apenas para com o passado colonial. Índios, ciganos, imigrantes nordestinos e negros foram elementos que o projeto de “cidade moderna”, a princípio, foi incapaz de absorver.²⁸

²⁵ MINAS Geraes. Seção Festas e Diversões, p. 3 – 27 out. 1904.

²⁶ Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate.

²⁷ COUTO, Euclides de Freitas, Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927) In: Simpósio da Associação Nacional de História. 24. 2007, São Leopoldo-RS. *Anais...* Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Euclides%20de%20Freitas%20Couto.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2009.

²⁸ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. Texto elaborado a partir de pesquisa elaborada para a disciplina Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, em curso realizado no segundo semestre de 1997 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Belo Horizonte, ainda que preservando aspectos singulares da sua formação, não fugiu à tentativa de instituição de hábitos que fossem condizentes com o padrão civilizatório da modernidade; e neste sentido, os usos do tempo eram distintivos de um *status*, bem como se tornavam indicativos de pertencimento. Eric Hobsbawm, em *A Era dos Impérios*, aponta como um dos critérios identificáveis de um status burguês, ou de pertencimento a esta classe, a apropriação de uma atividade ociosa, especialmente a nova invenção, o esporte.²⁹

À parte a singularidade de inserção da prática do futebol e da assistência na Capital mineira, outras cidades brasileiras - especialmente as metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo – apresentavam um processo bastante similar. Como expõe José Miguel Wisnik,

[...] esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. Pondo-se como esporte vocacionado congenitamente para gente fina, seja na platéia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro [...] e de São Paulo [...] consolida-se como moda elegante ao longo já da primeira década do século.³⁰

Para Ruy Blas, cronista do jornal “O Bogari”, as mudanças que começavam a alterar o ritmo e os costumes no começo do século não passavam despercebidas, como relatava neste trecho de uma das suas crônicas:

O povo mineiro não é o mesmo de outr’ora. O desanimo corroe lhe a alma ou elle tem vergonha de seu passado. Minas, a fiel zeladora das tradições patrias, ha muito abdicou de seus foros. [...] Será isso descrença das coisas e difficuldades de vida que assoberbam o nobre povo mineiro ou effeito do progresso que é o aperfeiçoamento dos usos e costumes de um povo? A meu vêr, o progresso não é culpado; o progresso sempre respeitou a tradição.³¹

A ambigüidade estabelecida na tensa relação entre a modernidade e a tradição explicitava as diferentes percepções que este embate possibilitava. A passagem para um ritmo de vida social mais vertiginoso, veloz, incluía a aquisição de novos hábitos, que acabavam por influenciar a dinâmica social no seu cotidiano. O jornal “A Braza” trazia, em sua edição de novembro de 1904, uma nota que apontava o futebol como uma nova prática que ia se fortalecendo no dia-a-dia da cidade, afirmando que:

Vae-se em Bello Horizonte, com mais vigor, estabelecendo pela iniciativa de espíritos delicados e amigos da alegria, a união de idéas, o convívio risonho, e desaparecendo aquella indiferença que até bem pouco dominava entre nós. Uma nota commum, com os mesmos dizeres quase, de todos parte para um mesmo fim: -

²⁹ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 245.

³⁰ WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 200.

³¹ O BOGARI. Belo Horizonte, p.1-2, 03 jul. 1904.

a folgança. Os moços – academicos, preparatorianos, commerciantes e empregados publicos – como que de vez para sempre baniram o tal antagonismo tradicional existente entre si, com mais intensidade principalmente entre os ‘caixeiros’ e ‘estudantes’. Hoje todos formam uma só classe – a dos socios do foot-ball. Isto, em resultado, traz a camaradagem, o estreitamento das relações, assim tornando mais sociabilizada a vida.³²

A associação de uma vida social mais intensa e pública (possibilitada no futebol) com um incremento das relações pessoais, acabava por legitimar o discurso do esporte como um elemento social desejável. Assim, jogar e assistir o futebol em Belo Horizonte se tornava, cada vez mais, um hábito incorporado socialmente, chegando a ser rotulado como a “mania do ‘foot-ball’”³³.

O aparecimento do novo não se instituiu sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, o assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam³⁴ demarcava claramente esta percepção, narrando a sua impressão ao assistir a uma partida de futebol pela primeira vez:

[...] E a voz de Bicudo surpreendeu-me: - que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi ... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. – Nem eu, accrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei sorpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando commentarios, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam pontapés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um ‘foot-baller’ e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquillo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de D. Quitéria: - Neste mundo ha cada uma... - Que até parecem duas -, acabei eu.³⁵

O olhar de Spiridiam refletia a percepção de uma considerável parcela da população - os que não pertenciam à classe dos *sportmen* e *sportwomen* – e que, para além do estranhamento, teciam críticas e se opunham veementemente ao universo esportivo. Intelectuais e literatos assumiam discursos contrários ao esporte e ao futebol, acreditando que esta prática não teria o caráter formador do espírito elevado que, por exemplo, as palestras literárias desenvolviam. O cronista do jornal “A Epocha”, que assinava com o pseudônimo de Pan d’Ega, escreve um texto que bem demonstrava o descontentamento do mesmo com o

³² A BRAZA. Belo Horizonte, p. 2, 13 nov. 1904.

³³ A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out. 1904.

³⁴ Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.

³⁵ A EPOCHA. Belo Horizonte, 20 nov. 1904. Seção As Farpas, p. 2.

crescente aumento do interesse pelo futebol, que alienava as pessoas, em detrimento do gosto pela literatura e pelo conhecimento em geral:

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via approximar-se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor. Abracei-o numa irrefreavel expansão de allivio, certo de que, como eu, tambem elle malsinaria o morbus invasor. Interroguei-o sobre a politica internacional de que elle dava tão detalhadas noticias; mas, com grande espanto meu, retrucou: - Não leio mais jornaes. Tenho agora melhores occupações. – Que dizes? perguntei desconfiado. Lucio recuou um passo, arregaçou até ao hombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em angulo, falou: - Olha este *muque*. Entrei para o '*José de Alencar foot-ball- club*'. Estendi-lhe a mão afflicta que elle apertou, achando-a fria, e fugi!³⁶

Se a crônica de Pan d'Ega apontava para um claro movimento de oposição ao desenvolvimento do futebol, a mesma evidenciava a força com que o esporte bretão se inseria na dinâmica social da cidade de Belo Horizonte, nos primeiros anos do século XX, sendo inclusive apropriada pelos próprios pares do intelectual literato.

A noção de divertimento perpassava intensamente o universo que circundava a prática do futebol. Na tentativa de consolidação do esporte, a presença de um público assistente representava algo fundamental. Assim, desde os primeiros movimentos, iniciativas para atrair as pessoas aos campos foram estabelecidas. E estas passavam necessariamente pela lógica da diversão. Em uma partida em que o combinado do *Club Athletico and Estrada Foot-Ball Club* enfrentou o *Sport Club Foot-Ball*, foi possível perceber a ocorrência de um tradicional hábito de divertimento da população associado ao movimento esportivo. Na nota do *Minas Geraes* lê-se:

É provavel haver amanhã, muita concurrencia de pessoas ao local da lucta, tanto mais que uma das bandas da Brigada Policial, obsequiosamente cedida pelo sr. dr. Chefe de Policia, tocará nas proximidades da raia do campo.³⁷

A presença da Banda de Música demarcava o incremento da prática do futebol, dando ares de festa ao espaço freqüentado pelos *sportmen* e *sportwomen*. É notório, aliás, o caráter festivo, deliberadamente posto no fenômeno esportivo, como característica marcante da modernidade. Assistir às partidas de futebol significava a apropriação de um divertimento público, onde se podia ver e ser visto. Ainda que embrionariamente, o espetáculo esportivo

³⁶ A EPOCHA. Belo Horizonte, 12 fev.1905. Seção Semanaes, p. 1.

³⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 01 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 3.

começava a ganhar contornos que seriam cada vez mais estruturados, condicionados a uma nova ordem social e econômica.³⁸

Como elemento constitutivo de um corpo de hábitos inseridos na lógica de modo de vida moderno, as práticas de divertimento se reconfiguravam na passagem do século XIX para o XX. Como sinaliza Victor Melo, “[...] o desenvolvimento do campo esportivo no Brasil esteve relacionado com sua possibilidade de se constituir em uma diversão, em um país ainda carente de iniciativas nesse sentido”³⁹. Para o autor,

Nesse momento, notadamente nas maiores cidades brasileiras, no contexto da influência da *belle époque* no nosso país, gesta-se mais claramente os primórdios de um mercado de lazer e entretenimento, em uma sociedade que começava a valorizar as vivências públicas de divertimento.⁴⁰

A adequada ocupação do tempo não passou despercebida em Belo Horizonte. Era recorrente, aliás, o discurso que tecia críticas à “apatia da cidade modorrenta”, que não sabia se divertir, bem como o discurso incitador da festa, da valorização de práticas de divertimento. No jornal *A Epoca*, de cinco de novembro de 1905, foi possível encontrar uma interessante crônica, assinada por Lucio dos Alpes, tecendo críticas à tediosa capital mineira. A crônica, intitulada “A Cidade Morta”, pela sua riqueza de detalhes e pelo extravasar emotivo do cronista, ilustrava a sensibilidade refletida por parte dos moradores da cidade:

Nestes dias pardos e pesadamente tristonhos de Novembro, Bello Horizonte, pela atmosfera muda das ruas e largas avenidas, assemelha-se a uma cidade morta. Do céu alto parece desdobrar-se sobre ella um vasto manto de melancolia e de silencio, identificando todas as cousas na mesma tristeza. E esta Senhora entanguida, como uma velha de longo capote aos hombros, vae pousando a mão encarquilhada sobre as compromettedoras alegrias, que desaparecem como um não sei que de indizivelmente labil e fugaz. Pelas ruas estendem-se as duas alas funebres de arvores, farfalhando, agitadas pelo vento. E sempre o mesmo silencio, o fatal silencio acabrunhador, que nos pesa n’alma tediosamente... E Bello Horizonte se encolhe na modorrenta calma burocratica, sem uma festa que nos anime e nos distenda os nervos entorpecidos. [...] Com a chuva a escorrer de um céu negro vão transcorrendo os dias e as noutes na infindavel solidão desta cidade. Os poetas envolvem-se em suas scismas sonhando com orgias de luz a jorrar de um céu limpido e azul. Lá fora a chuva tamborila na janella e uma impressão mortuaria emana das largas avenidas silenciosas.⁴¹

³⁸ Victor Andrade de Melo aponta indícios importantes, que caracterizaram esse movimento no início do século XX. Para o autor, as vivências de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendi*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas.

³⁹ MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007. p. 52.

⁴⁰ MELO, 2007, p. 52.

⁴¹ ALPES, Lucio dos. A Cidade Morta. *A Epoca*. Belo Horizonte, p.2, 05 nov. 1905.

Por outro lado, no entanto, a cidade aparentemente tediosa regurgitava em festas e práticas de divertimento, ainda que contrariando e contrastando com a imagem estereotipada construída nos seus primeiros anos. A própria imprensa local, que ajudara a reforçar este estereótipo, também noticiava as diversões que habitavam a capital mineira. Em 1907, apenas dois anos após a crônica melancólica de Lucio dos Alpes, o *Diário de Notícias* trazia um texto consideravelmente mais animador, assinado por J. Antoine:

Bello Horizonte vibra! Março ainda não findou e já a cidade dá os ultimos adeuses, despede-se jubilosamente dos tristonhos e enfarruscados mezes passados, e recebe, de braços abertos, alegre e faceira, o periodo triumphal das festas e dos “flirts” adoraveis. Corre pela cidade um fluido delicioso que a anima e a impelle para a alegria, para o riso, para a vida! As horizontinas estão radiantes! Garridamente já se preparam para a elegante “season”, discutindo com ardor qual a festa preferida, a mais “chic” e a mais elegante. Propagam-se pelos salões graciosas e interessantes discussões à respeito. As opiniões são varias e divergentes. Mlle. X opina graciosamente pela supremacia incontestavel das palestras litterarias, a mais fina e elegante das festas da presente estação. Mlle. Z, defensora acerrima do sport, acha que são um verdadeiro encanto as deliciosas corridas do Prado... Mlle... que sei eu? Os pareceres são innumerous, chegando Mlle. Y a affirmar, com ingenuidade infantil, que acha uma graça especial no suave e encantador phonographo do Acre... É questão do gosto. A maioria, porém, é de opinião que a primazia deve pertencer incontestavelmente às palestras litterarias, diversão elegante e “chic” por excellencia. [...] Findas, porém, ainda não estarão as aristocraticas palestras, e já as nossas avenidas vibrarão ao alarido galhofeiro e alegria dos academicos que chegam... A rua da Bahia, deslumbrada, dará passagem à mocidade que brejeiramente a vem saudar, depois de três longos meses de separação. Os bairros floridos e cheirosos ficarão desertos, e a rua da Bahia, movimentada e “chic”, assistirá, escandalisada, “flirts” deliciosos e perturbadores... Em seguida teremos as corridas do Prado... Depois... Não, nada mais adeanto e somente affirmo que a estação será cheia de surpresas agradaveis e encantadoras.⁴²

Esta crônica é a ilustração emblemática do que se convencionou chamar de um estilo de vida “smart”, peculiar expressão de quem incorporava o modo moderno de viver. Belo Horizonte já respirava ares de cidade moderna, e se ajustava, ainda que com seu ritmo próprio (e certamente mais lento do que as pessoas que a projetaram imaginavam), aos costumes do novo tempo. Esse “smartismo” incorporado por parte da população belo-horizontina fazia parte de um movimento que procurava promover a passagem de um tempo para outro, uma mudança de costumes. O historiador Nicolau Sevcenko aponta indícios deste processo, ao afirmar que “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está.”⁴³

⁴² ANTOINE, J. A Season. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, p. 2, 29 mar. 1907.

⁴³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 33.

Todo este conjunto, de práticas constituídas no movimento do espaço urbano e moderno da nova cidade, promovia uma reconfiguração permanente e conflituosa dos hábitos que viriam a ser efetivamente instituídos. Entre essas práticas, o esporte e o lazer ocupavam especial destaque. Belo Horizonte, na sua tentativa de tornar-se moderna, lançava mão, através do *smartismo*, de vivências bastante particulares. Neste sentido, uma das mais requeridas formas de ocupação do espaço de tempo, se localizava no “sport”. É a cidade moderna também a cidade esportiva, campo fértil para a ocorrência e desenvolvimento do futebol.

Pelos estudos realizados sobre o futebol na capital mineira, no início do século XX, dois momentos distintos da penetração desta prática no seio social podem ser vislumbrados. Um primeiro instante, em que o futebol se alastra rapidamente, com a adesão de grupos sociais privilegiados e com a tentativa de construção de uma prática restrita e distintiva. Esse período habitou os anos de 1904, 1905 e meados de 1906, sendo praticamente extinta em 1907. O ano de 1908 marcaria o retorno do futebol à cidade de Belo Horizonte, desta vez com uma menor euforia e com uma maior regularidade. Regularidade esta que fez com que o futebol só voltasse a ser uma prática mais popular nos primeiros anos da década de 1910.⁴⁴

Nos periódicos investigados no primeiro momento do futebol em Belo Horizonte, não foi possível perceber nenhum comportamento que indicasse, por parte do público assistente, um vínculo afetivo com algum clube. Assim, o termo “assistência” era literalmente adequado aos freqüentadores dos campos de futebol. Outro termo de similar significado, utilizado pelos jornais, é a chamada “concorrença”, ou ainda “concurrência”, como forma de designar as pessoas presentes às partidas de futebol. “Apreciadores”, “amadores” e “espectadores” também representavam, de forma menos recorrente, a platéia assistente.

Em um campeonato da cidade realizado em 1904, no jogo ocorrido entre os “teams” do Grupo Colombo e do Grupo Vespucio, a nota indicava “os numerosos espectadores⁴⁵ que concorreram a este match [...]”⁴⁶; em uma outra oportunidade, a referência do jornal às pessoas que iriam ao jogo do *Athletico Mineiro Foot-Ball Club* foi assim feita: “É de presumir que haverá hoje grande concurrência⁴⁷ ao *Athletico-Mineiro Foot-ball*”⁴⁸.

⁴⁴ Sobre este movimento, a dissertação de Mestrado do historiador Raphael Rajão é bastante esclarecedora. Nela, o autor aprofunda as causas e os motivos dos períodos oscilatórios da inserção do futebol na Capital mineira, nos primeiros anos do século XX. Cf. RAJÃO, 2007.

⁴⁵ Grifo nosso.

⁴⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 out. 1904. Seção Festas e diversões, p. 7.

⁴⁷ Grifo nosso.

⁴⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 nov. 1904. Seção Festas e diversões, p. 6.

Assistir, concorrer, frequentar, apreciar. Independentemente de como os jornais refletiam o público ao redor dos campos de futebol, fato é que as pessoas lá estavam, e em número cada vez maior. Quem eram esses sujeitos, e por quais motivos ocupavam aquele espaço? Ainda que os periódicos reverberassem as práticas sociais de um grupo distintivo, não seria equivocado inferir que o entorno dos campos de futebol se destinavam mesmo a uma assistência constituída pela família, pelas “senhoras e senhorinhas”, pelos *sportmen*, bem como, de forma crescente, pela classe política da Capital, intitulada de “mundo oficial”. Esse universo de atores representava o *high-life* belorizontino, tornado público através dos periódicos. Em um “match inter estadual de foot-ball”, realizado no Parque (espaço emblemático de práticas da elite), a nota do periódico apontava a presença de representantes da classe política mineira:

O bello festival correu animadissimo, tendo attrahido ao ground do “Sport Club Bello Horizonte” grande numero de familias e cavalheiros da nossa melhor sociedade, entre os quaes os srs. dr. Bueno Brandão Filho, official de gabinete, e capitão Joviano de Mello, ajudante de ordens, interino da Presidencia, representando o exmo. sr. Bueno Brandão. A lucta travou se entre o “Sport Club de Bello Horizonte” e o “Riachuelo F. C.”, do Rio, que sahiu vencedor. Os bravos rapazes receberam inumeros applausos das pessoas presentes, mostrando se gratos pelas gentilezas que lhes foram dispensadas pela nossa sociedade.⁴⁹

Ao indicar a apropriação do esporte por uma elite local, é fundamental que situemos a concepção que possuímos sobre este grupo social. No particular caso de Belo Horizonte, este aspecto se torna ainda mais relevante, posto que a cidade foi erguida sob a perspectiva segregacionista do pensamento moderno, que instituía espaços próprios (e não convergentes) para a ocupação de indivíduos com posições sociais distintas, e obviamente, com práticas sociais singulares. Ainda assim, cabe o esclarecimento de que:

As elites são compreendidas não somente como os que detinham o poder econômico, mas também como a possibilidade de influenciar culturalmente o desenvolvimento da sociedade. [...] A história do esporte no Brasil confunde-se com seu relacionamento com as elites políticas e econômicas. [...] Assim, desde os primórdios os esportes apresentam algumas regularidades, entre elas o fato de ser uma prática que, mesmo popular, é conduzida por membros das elites, que nela percebem a possibilidade de obter lucros diretos e indiretos.⁵⁰

Após 1910, o futebol começava a apresentar mudanças, que iam desde o aumento da popularidade até a apropriação de algumas posturas diferenciadas, tanto dos “foot-

⁴⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 12-13 set. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.

⁵⁰ MELO, 2007, p. 59.

ballers”⁵¹ quanto da assistência. A fundação do “Yale Athletic Club”, em 1910, é emblemática deste momento. Representava, aos olhos da imprensa local, uma “sociedade formada dos melhores elementos sportivos desta Capital”⁵². Embora formada, segundo a própria nota que anunciava a sua aparição, por um “numeroso grupo de rapazes, pertencentes na maioria ao operariado desta Capital”⁵³, o clube do Barro Preto seguiu a lógica de um grupo distintivo, mesmo com uma composição mais heterogênea do seu quadro social.

O Yale passava então a ser um agente promotor e difusor do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades. Um jogo, em especial, refletia o novo momento do futebol em Belo Horizonte. Apresentado como “Um Grande Match de Foot-Ball”, a partida entre o Yale e o Morro Velho despertava grande interesse por parte do *Minas Geraes*, enfatizando na sua nota que:

Para maior brilhantismo da festa, o *ground* da avenida Paraopeba passou por notável transformação material, não só de terraplanagem, como em tudo mais que se tornava necessária para o conforto do grande publico alli esperado. Varios pavilhões e archibancadas foram contruidos, dando ao campo um aspecto novo, de local para diversões ao livre. [...] Conta com a presença do exmo. sr. Bueno Brandão, presidente do Estado, dos seus secretarios e do prefeito dr. Olyntho Meirelles, aos quaes o club mandou convidar por commisões especiais. [...] A festa tem despertado extraordinario entusiasmo entre os “sportmen” daqui e de Morro Velho, de onde vêm innumeradas pessoas especialmente para assistir á lucta entre os dois clubs, cada qual com os seus partidários mais extremados⁵⁴, que fazem grandes apostas sobre o resultado do jogo.⁵⁵

O texto do periódico oficial do Estado traz uma série de conotações importantes quanto à ocorrência de práticas até então não percebidas, em relação principalmente ao público assistente. A preocupação com “melhorias materiais”, no intuito de maior comodidade ao “grande público esperado”, dava a idéia de uma outra valorização desta prática no começo da década de 1910. A compreensão do evento como uma “diversão ao ar livre” também indica a forte relação estabelecida do futebol como um fato social, público, possibilitado na concepção do divertimento.

⁵¹ Expressão utilizada na época para designar os jogadores de futebol.

⁵² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 07 ago. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ Grifo nosso. A expressão “partidários extremados” sugere a primeira conotação de um vínculo afetivo do público assistente para o clube, embora não indique nenhum comportamento diferenciado por parte dos assistentes.

⁵⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

Ressalta ainda a presença (cada vez mais comum) do “mundo oficial” da Capital, com a presença do presidente do Estado (Governador), do Prefeito de Belo Horizonte e de vários secretários. Ao final, o autor da nota aponta um fato marcante e central: ao dizer do grande entusiasmo das pessoas para com a “lucta”, ele destaca os “partidários mais extremados dos dois clubs”, uma clara referência ao surgimento de um sentimento mais intenso do sujeito para com os “teams”, chegando ao ponto de realizar “grandes apostas sobre o resultado do jogo”.

Essa popularidade que o futebol vinha conquistando trazia, para os grupos que até então detinham o seu controle, acontecimentos não previstos (e certamente não desejados). Nesse mesmo jogo entre Yale e Morro Velho, os ecos do acontecido expunham uma situação que bem demonstrava a força de expansão popular que o futebol adquirira. Ao narrar o evento, o periódico afirmava que “a festa despertou vivo interesse e sympathia em nosso meio, affluindo ao “ground” da avenida Paraopeba um publico tão numeroso como ainda não vimos em qualquer outra diversão realizada nesta Capital”⁵⁶.

Denotando a idéia de espetáculo (que também começava a nortear, mais intensamente, as festas esportivas do futebol), o entusiasmado jornalista mostra que “as archibancadas do campo, lindamente ornamentadas de escudos e bandeiras, estavam repletas de familias e cavalheiros da nossa melhor sociedade”⁵⁷, e não se esquece, obviamente, de enfatizar: “assistiam, de camarotes especiaes, o dr. Julio Bueno Brandão Filho e tenente-coronel Vieira Christo, representando o exmo. sr. Presidente do Estado, o dr. Olyntho Meirelles, prefeito da Capital e os representantes dos Secretarios do Governo”⁵⁸. Todo este espetacularizado universo, aparentemente apropriado pela camada social da elite, começava também a receber a presença de outras pessoas, apontadas com menor evidência (e às vezes nem sequer evidenciadas). Como mostrava o jornal,

Notava-se ainda ao longo da avenida, fóra do recinto, uma grande aglomeração de populares, que acompanharam, cheios de entusiasmo, as peripecias da lucta, applaudindo, em delirio, os valentes “foot-balers”, a cada golpe de mestre vibrado por algum dos jogadores.⁵⁹

A “aglomeração de populares” é o indício mais esclarecedor quanto à participação de pessoas não ligadas a grupos privilegiados, na assistência. Embora essa presença começasse a ser notada, o lugar destinado a ela não deixava de ser explicitada: “fóra do

⁵⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ *Idem.*

⁵⁹ *Idem.*

recinto”. Mesmo impedidos de entrar, “os de fora” não se eximiam de acompanhar “as peripécias da lucta” travadas nos “grounds de football” da cidade.

Sobre o fenômeno de apropriação de uma “vida esportiva” pelas camadas sociais, Sevcenko elabora um discurso que aponta as possíveis causas de tal processo. Nele, o autor afirma que:

A intensidade e a pleora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transe profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. [...] nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias.⁶⁰

Já ao final de 1911, o Yale ainda persistia em estabelecer um vínculo mais enraizado entre os habitantes da cidade e as práticas esportivas. Parecia conseguir. É o que mostra o jornal “O Estado de Minas”, ao descrever a partida entre o Yale e o America, da Capital Federal (o convite a “teams” de outros estados feito pelo Yale – principalmente os do Rio de Janeiro – evidenciava uma perspectiva de atração popular), a nota caracterizava a força social que o clube mineiro vinha alcançando. Assim, mesmo sob um mau tempo incessante, o *match* interestadual levou ao Prado Mineiro “um grande numero de senhoritas e cavalheiros”, que “não resistiram ao desejo de dirigir ao ‘ground’ do ‘Yale’ para assistir ao melhor ‘match’ desta temporada”.

O *Club Athletico Mineiro*, juntamente com o Yale, assumia uma importante função no desenvolvimento e na apropriação do futebol na cidade. Fundado em 1908, por estudantes e acadêmicos, o Athletico vai se consolidando ao longo dos anos, se distinguindo dos clubes efêmeros que marcaram a primeira fase do esporte na Capital. Uma importante demonstração do apelo popular emanado pelo clube pode ser percebida em 1912, quando o Athletico começava a sua fase de expansão. Em uma partida realizada contra o Gramberriense, da cidade de Juiz de Fora, a repercussão explicitada nos jornais não foi discreta, chegando a se descrever desta forma o embate esportivo:

Correu animadissimo o “match” hontem à tarde, travado entre o “Gramberriense” e o “Athletico”. Os destemidos “sportmen” do Grambery, reforçados no ataque e na defesa, ardilosos e calmos nos “passes”, tiveram varias vezes os applausos dos assistentes, entre os quaes figuravam distinctas familias da nossa alta sociedade e inumeros dilletanti. [...]. O “match” despertou grande interesse entre os apreciadores do “foot-ball”, sendo assistido por mais de 1000 pessoas, que acompanharam, com vivo interesse, as varias peripecias da animadissima partida.

⁶⁰ SEVCENKO, 1992, p. 48.

Entre os presentes, vimos o sr. dr. Pedro Carlos da Silva, representando o sr. dr. Delfim Moreira, secretario do interior.⁶¹

Um aspecto particularmente interessante é a presença do público feminino, desde as primeiras manifestações de ocorrência do futebol na cidade. Presença que, embora ao longo do tempo vá se reconfigurando, se mantém regular e constante. Na perspectiva de assistência, a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva. Na partida realizada entre o “Estrada and Athletic Club” e o “Sport Club”, em 1905, a presença das senhoras no campo não passava sem a devida atenção:

O campo apresentava um aspecto garrido, todo circundado de galhardetes e bandeirolas. Que este genero de sport já se introduziu definitivamente entre nós, prova-o a grande concurrencia de espectadores, e principalmente de senhoras, que affluiram, ante-hontem, ao Campo Novo, emprestando, por alguns momentos, áquelle logar quase sempre ermo, o brilho das suas ricas *toilettes* e da sua graça.⁶²

A participação feminina na vida social começava a ganhar novos desenhos, no início do século XX, no Brasil. A inserção da mulher em espaços que a modernidade instaurava, possibilitou a sua emergência para a superfície de um amplo espectro de práticas. Assim,

O próprio contexto sociocultural da virada do século ampliou as possibilidades de participação social feminina. Os espaços de lazer, entre os quais os relacionados à prática esportiva, foram um dos responsáveis por essa maior presença das mulheres na vida social das cidades. [...] A participação feminina nas arquibancadas era muito valorizada e exaltada, até mesmo porque eram consideradas importantes para garantir o caráter familiar. As mulheres eram encaradas como torcedoras que embelezavam as competições. [...] As mulheres serviam para “enfeitar” o espetáculo.⁶³

Essa presença feminina nos campos horizontinos não parecia se diferenciar muito de outras importantes cidades. Como Capital da República à época, o Rio de Janeiro ditava os modos e costumes vigentes, e acabava por influenciar a recém-criada Capital mineira. Neste aspecto, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira aponta, em seus estudos sobre o futebol no Rio de Janeiro, que “lotadas de cavalheiros e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas”.⁶⁴

⁶¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 13-14 maio 1912. Seção Festas e diversões, p. 7.

⁶² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 9-10 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 4.

⁶³ MELO, 2007, p. 118-9.

⁶⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 74.

Embora poucos registros imagéticos neste período possam ser encontrados, a revista “A Vida de Minas” publica uma foto, lendo-se no rodapé o seguinte texto: “Nota de reportagem – Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo *match* de *football*” (FIG. 01). No entorno do “ground” do Prado Mineiro, contrastando com a poeira advinda da falta de calçamento, as senhoras e senhorinhas desfilavam com elegância e pose, confirmando a presença feminina nas festas esportivas, notadamente nas partidas de futebol.



FIGURA 01: Revista “A Vida de Minas”, Belo Horizonte, 30 set. 1915. p. 21

O caráter *décor*, posto na funcionalidade da presença feminina aos jogos de futebol, tendia a permanecer à medida que a lógica da assistência, distanciada da paixão clubística, prevalecia nos “matches de football”.

Obviamente a mulher representava, assim como a banda de música, um atrativo atrelado à idéia do espetáculo esportivo, cada vez mais intensa, ainda na ausência do pertencimento clubístico. Uma clara associação destes elementos pode ser captada na seguinte nota:



FIGURA 02: O Bello Horizonte – 24 jul.1915, p. 2

Do conteúdo da nota, duas considerações são pontuais. A primeira, diz do privilégio atribuído às mulheres, tendo a entrada franqueada. Clara iniciativa de atração, dos dois sexos. A segunda, evidenciando a forma espetacularizada, indica a cobrança de ingressos. A diversão esportiva agora é “consumida” pelo público espectador.

A cobrança de ingressos para os jogos de futebol aparece nas fontes, de forma mais explícita, em meados da década de 10. A primeira referência a esta prática, com discriminação de valores, é encontrada no periódico *Minas Geraes*, que destacava:

Realisa-se hoje, a 1/30 da tarde, o “match” de “foot-ball” em benefício das obras da matriz da Boa Viagem, havendo grande interesse para essa lucta, na qual tomam parte varios moços das principais familias e alumnos das escolas superiores. [...] O preço das entradas será o seguinte: geraes, 1\$000; archibancadas, 2\$000. Não haverá entradas de favor.⁶⁵

A título de comparação, 1\$000 seria valor suficiente para comprar uma dúzia de ovos, que à época custava \$800; com 2\$000, o valor para ingressar às archibancadas, o assistente poderia adquirir, com troco, um quilo de peixe, ao valor de 1\$400⁶⁶. Como se vê, a participação nas festas esportivas tinha um custo que nem todos poderiam arcar.

Além de destacar os valores cobrados, a nota indicava, também pela primeira vez, a divisão de lugares no “ground”. As geraes, mais baratas, determinavam os lugares menos privilegiados, com a assistência permanecendo em pé todo o tempo. Diferentemente, as

⁶⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

⁶⁶ Valores informados no periódico *Minas Geraes*, na Seção “Mercado de Bello Horizonte”, como “preços do dia 13 do corrente”. 15 de dezembro, 1917, p.6.

arquibancadas representavam os lugares mais cômodos, onde as pessoas podiam assistir às partidas sentadas, sob a sombra de uma cobertura.

O jornalista carioca Mario Filho, em uma passagem do seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, narra assim a relação que se dava entre a geral e a arquibancada, nos primeiros indícios deste movimento:

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro do campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral.⁶⁷

Outro importante estudioso da história do futebol no Brasil, Joel Rufino dos Santos, também opina sobre a presença de pessoas estranhas à elite na assistência, que ocupavam (quando conseguiam ocupar) o espaço da geral. Para o autor:

Os pobres – os que não tinham dinheiro para a bola, os uniformes e os ingressos – espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saudarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, *bouquet* de moças e rapazes de boa família.⁶⁸

O espetáculo esportivo vai se consolidando como experiência da modernidade. Diversão pública, consumo, exposição. Todos estes aspectos se potencializavam quando a competição esportiva assumia maior valorização. Foi a competição exacerbada, aliás, que começou a redimensionar os valores e os modos de viver do divertimento esportivo. Para Guy Debord, que discute a formação de uma *sociedade do espetáculo*,

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.⁶⁹

Belo Horizonte já começava a construir suas representações particulares. A dinâmica da cidade se configurava a partir das imagens de um espaço onde o “novo” se instaurava, ainda que lentamente e não sem o enfrentamento de resistências. O convívio público possibilitava a exposição necessária à efetivação de uma identidade moderna. Para isto, a diversão vivenciada sob a égide do espetáculo (onde o visual e o imagético imperavam) se apresentava como um importante caminho a ser trilhado. Caminho percorrido pelo futebol na sua tentativa de consolidação no espaço da cidade.

⁶⁷ FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 41.

⁶⁸ SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 15.

⁶⁹ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 13.

Em 1914 foi instituído o campeonato “Taça Bueno Brandão”, disputado entre os primeiros times do Athletico, do Yale e do America. Embora a organização da disputa coubesse aos próprios sócios dos clubes participantes, este torneio se tornou um marco impulsionador para a criação de uma Liga de futebol da cidade. A fundação de uma Liga representativa demonstrava a necessidade de uma outra lógica de organização, de uma nova exigência para gerenciar a idéia do espetáculo. A Revista Vita publicizou assim os flagrantes da assistência presente à disputa da “Taça Bueno Brandão”:



FIG. 03: Revista “Vita”, a. 1, n. 15, 26 jul. 1914.



FIG. 04: Idem

As imagens reforçam o discurso da assistência polida, fidalga até, que se comportava segundo os padrões exigidos pela ética burguesa. Os modos de vestir, os gestos e as falas deveriam refletir o *modus vivendi* da modernidade. Para o historiador Marcos Guterman, a assistência de futebol no Brasil era “muito bem educada, como se podia esperar em se tratando de um esporte alimentado por gente rica”⁷⁰. A tradução das imagens se dá nos textos jornalísticos dos periódicos da época, que já reservavam espaços mais consideráveis para noticiar os jogos. Em disputa da “Taça Bueno Brandão”, o *Minas Geraes* (que dentro da seção Festas e Diversões já criara um subtítulo denominado “Notas Sportivas”), entusiasticamente trazia a seguinte nota:

Só quem foi assistir ao “match de foot-ball”, que se realizou, domingo, entre o “Athletico” e o “America”, pôde aquilatar a influencia que, actualmente, vai exercendo o “sport” entre nós. As archibancadas do Prado Mineiro, absolutamente

⁷⁰ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 24.

repletas, apresentavam um magnífico aspecto. Exmas. famílias, muitas senhoras e senhorinhas representavam, alli, o que a nossa alta sociedade possui de mais distincto e selecto. [...] É indescriptivel o entusiasmo dos assistentes, ante este brilhante acto de Aristides.⁷¹

Mesmo não sendo alvo de investigação neste estudo, é pertinente a comparação com a assistência de futebol em outras duas importantes cidades do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Nas fotos abaixo (Figs. 05 e 06), é possível perceber a semelhança do tipo de público presente às partidas nestas cidades com o da Capital mineira.

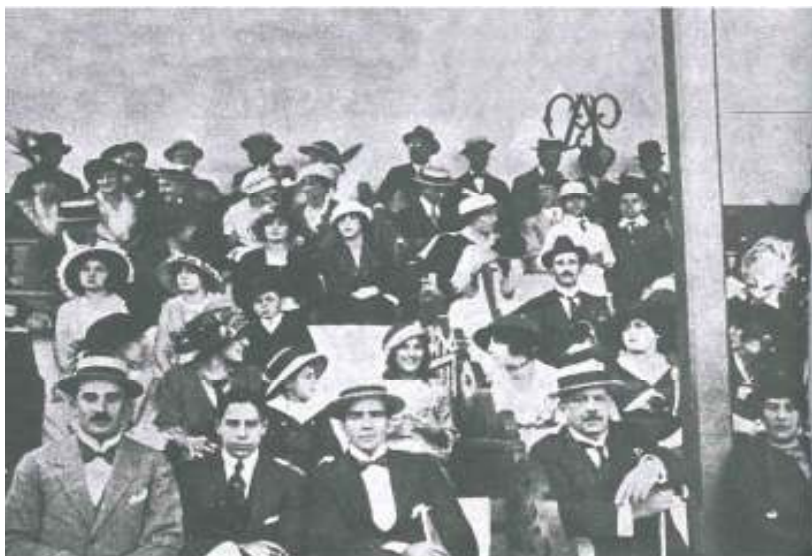


FIG. 05 – Flagrante da assistência paulista, em 1914. Revista *Vida Moderna*.

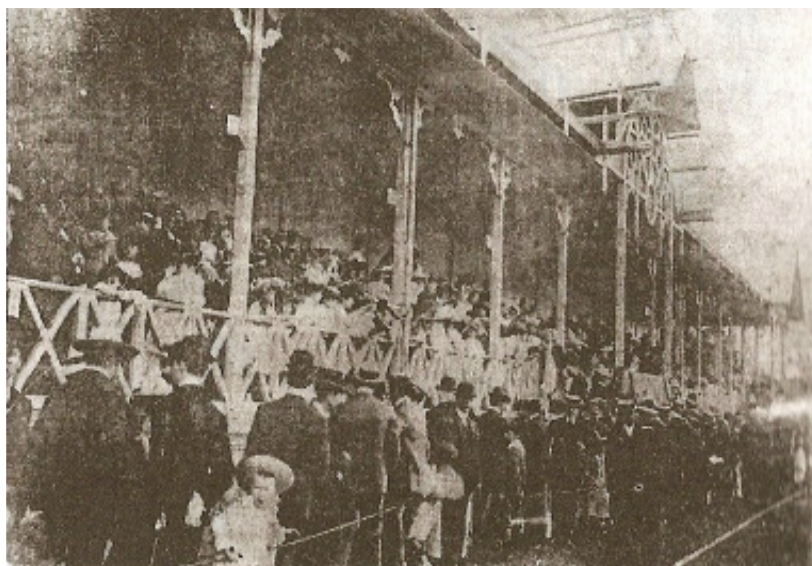


FIG. 06 – Flagrante da assistência carioca. *O Malho*, 19.08.1905.

⁷¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 27-28 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 12. Este “brilhante acto” representa um gol marcado.

A realização de campeonatos do vulto da “Taça Bueno Brandão” iria gestar uma nova concepção de público assistente que, motivado pelas disputas acirradas dos clubes pelo título de campeão, começava a construir um sentimento de afeição pelos times. Embora ainda estivessem distantes de se comportarem como torcedores apaixonados, a assistência passava a nutrir uma admiração e uma preferência por um dos clubes, criando uma identificação entre o sujeito e a instituição esportiva.

As referências identitárias às pessoas que assistiam aos jogos permaneciam as mesmas, mas passaram a ganhar a companhia de outros termos. Prova disso está na nota seguinte, também relacionada a uma das partidas da “Taça Bueno Brandão”:

Realiza-se hoje, no “ground” do Prado Mineiro, um “match” de “foot-ball”, entre o “Athletico” e o “America”. Tendo em vista as condições em que se acham estes valorosos adversarios, o “match” de hoje reveste-se de caracter decisivo para o campeonato aberto para a disputa da taça “Bueno Brandão”, e, portanto, há de, sem duvida, levar ao Prado Mineiro uma extraordinaria affluencia de admiradores⁷² dos dois contendores.⁷³

O termo “admiradores” cunhava uma nova possibilidade de frequentar os campos de futebol. Não se ia mais apenas para assistir, ou para compor um cenário social de distinção e pertencimento. Para além destas características, ia-se ao campo agora também para admirar um determinado time de futebol. Este comportamento inaugurava o que pretendo denominar de “momento de transição entre a assistência e o torcer”, onde a passagem de uma etapa para a outra começava a ser construída.

Na percepção de Rajão, a constituição de um campo esportivo representava o eixo central que permitiria a existência de um universo que, apesar de estar intimamente ligado a outros elementos sociais, poderia gozar de autonomia e independência, efetivando-se como prática social singular, com particularidades próprias. Para o autor,

[...] A constituição dos espaços de jogo vinculou-se ao processo de formação do campo esportivo em Belo Horizonte. Sendo o futebol a principal atividade do gênero na cidade, seu desenvolvimento propiciou a criação não só de lugares, mas também de instituições, parâmetros de distribuição de prestígio e avaliação de competência, especialidades – a exemplo dos cronistas ou dirigentes – e um calendário próprio, definindo o início da consolidação da autonomia relativa dessa esfera frente ao meio social da capital mineira⁷⁴.

⁷² Grifo nosso.

⁷³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 11.

⁷⁴ RAJÃO, Raphael. Em Busca de um Campo: o futebol belo-horizontino e a transformação dos espaços da cidade (1904-1921). In: LINHARES, Maria Eliza (Org.). *Campo e Cidade na Modernidade Brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. p.123.

O corte definidor de uma nova etapa da cultura esportiva se dá em 1915, com a criação da Liga Mineira de Sports Athleticos. A entidade cria as bases para um novo modo de apropriação das práticas atléticas, estabelecendo parâmetros palpáveis para o desenvolvimento mais acentuado do esporte na cidade de Belo Horizonte. Neste sentido, vale ressaltar que:

Formada por pessoas influentes, a *Liga Mineira de Sports Athleticos* foi um grande passo na institucionalização do esporte que assumia cada vez mais a sua característica moderna, pois a partir daí o que se pode observar na cidade são atletas agrupados em sociedades ou clubes, cujos dirigentes eram eleitos por eles, e a presença da Liga regional composta de membros eleitos pelo clube, que instituiu um calendário com encontros planejados, institucionalizando, assim, as competições, que deveriam ser democraticamente organizadas.⁷⁵

A partir de 1915, com a vida esportiva da cidade impulsionada pela criação da Liga Mineira de Sports Athleticos, o futebol era alçado à popularidade absoluta. Ainda que outras modalidades merecessem breves comentários nos periódicos, é de fato o futebol que absorvia a quase totalidade das notas referentes ao mundo esportivo da Capital. Pistas deixadas pelos periódicos corroboram essa efervescência do futebol na cidade, já anunciado como uma prática de divertimento predileta. Ao informar sobre a realização de uma partida entre o America Foot-Ball Club e o Morro Velho Athletic Club, o cronista não escondia a enorme expectativa projetada no evento:

Esta noticia constituirá, por certo, motivo de grande regosijo para os amantes do emocionante “sport”, que já tem lugar de preferencia entre as festas ao ar livre. Por isso, as archibancadas do Prado, onde provavelmente se realizará a partida, serão pequenas para conter a assistência que é para se esperar.⁷⁶

Assim, o primeiro campeonato de futebol de Belo Horizonte, organizado sob os auspícios de uma Liga representativa, concentra e atrai a atenção de grande parte da população belorizontina. Neste campeonato ocorre o movimento mais contundente da passagem de uma assistência onde a paixão clubística era menos evidente, para a construção de um sentimento arraigado por um clube, onde a idéia (e a palavra) de torcedor(a) começavam a se forjar, de maneira mais consistente. O aumento da popularidade (a assistência já não era mais restrita a grupos distintos), e o incremento da rivalidade e da competição favoreciam a constituição do ethos de torcedor. Embora essa passagem ocorra de forma lenta, alguns indícios apontavam na direção desse fenômeno.

⁷⁵ RODRIGUES, 2006, p. 261.

⁷⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 out. 1915. Seção Festas e diversões, p13.

A realização de partidas onde os combinados de um outro Estado enfrentavam a esquadra mineira acabava por realçar o sentimento de pertencimento nos habitantes da cidade. Tida como a principal praça esportiva do país, o Rio de Janeiro se apresentava como o mais importante “rival” dos mineiros, e gestava um sentimento que extrapolava os limites anteriormente construídos nos embates esportivos da Capital, inaugurando a ocorrência de condutas desviantes. Ainda que sutilmente, estes comportamentos podem ser captados em algumas notas dos periódicos.

Na partida entre o “scratch horizontino” e o “scratch carioca”, em 1914, que contou “com a presença de um grande numero de cavalheiros e de familias de nossa sociedade, e à qual compareceram também todos os amadores do ‘foot-ball’, residentes nesta Capital”, a assistência agiu como o esperado (e desejado), ao aplaudir “ruidosa e entusiasticamente os ‘players’ cariocas”; porém, a mesma assistência não titubeou em se manifestar a favor do “seu” *scratch* favorito, “protestando tambem algumas vezes contra o procedimento do juiz”.⁷⁷

Das pequenas vaias para algo maior não tardaria. Quando a reportagem do jornal “O Bello Horizonte”, estampou em letras maiúsculas o título “Um grande escandalo no Prado Mineiro – Um jogador apedrejado e vaiado – O sr. Moacir Chagas escoltado por quatro soldados do esquadrão”, inaugurou-se um comportamento do público assistente até então inexistente (e impensável, dentro da lógica do modelo fidalgo e burguês de se portar). Um trecho da nota relatava:

Deu-se hontem no Prado Mineiro, por ocasião do “match” alli realizado, um grande escandalo, provocado por um “sportmans”. [...] No descanso, o sr. Moacyr, tendo forte alteração com um dos seus adversarios de jogo, deu-lhe uns pescoções, estabelecendo entre ambos um grande escandalo, sendo necessaria a intervenção de populares. Os espectadores indignaram-se com o procedimento desse moço e vaiaram-no. Ao terminar o jogo os assistentes do “match” quizeram apedrejal-o, no que a policia não consentiu. Acompanhou-o pois, até a sua residencia uma escolta de cavallaria, composta de quatro soldados.⁷⁸

A referência dada ao ocorrido como um “grande escandalo”, bem demonstra o quanto se recriminava os comportamentos que desrespeitavam os códigos de conduta moralmente adequados da época. Esses comportamentos desviantes vão permear, de forma cada vez mais constante e intensa, o universo do futebol na Capital, sendo objeto de maior atenção no próximo capítulo.

⁷⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte. 21 out. 1914. Seção Festa e Diversões, p. 5.

⁷⁸ O BELLO Horizonte. Belo Horizonte, p. 2, 02 ago. 1915.

Um outro importante indício encontra-se na aparição do termo “torcida”⁷⁹, nos periódicos. A primeira referência encontrada, que utilizou esta nova palavra para designar o público espectador dos jogos de futebol, foi encontrada no *Minas Geraes*, em setembro de 1915. Ao anunciar o encontro entre os “teams” do Athletico e do Yale, o jornalista lança mão do termo *torcida*, no intuito de caracterizar os grupos de espectadores com predileção por uma das equipes disputantes. Na íntegra, o texto da nota narrava:

O “field” do prado Mineiro, domingo, será, certamente, pequeno, para conter o numero consideravel dos que apreciam as boas partidas do “association”. Batem-se os “teams” do Athletico e do “Yale”, os dois mais fortes concorrentes do presente campeonato. Dadas as condições de “treno” em que se acham as “équipes” dos dois “clubs”, impossivel será fazer-se um prognostico. Sera, pois, uma bella tarde, proporcionada aos amantes do violento “sport”, pelo que, certamente, concorrerão as “torcidas” dos dois clubs, ao bello “ground” do Prado Mineiro.⁸⁰

Um fato interessante está no estranhamento do termo *torcida*. Percebe-se, no texto, várias palavras entre aspas. Estas, com exceção do termo *torcida*, são assim marcadas por representarem um estrangeirismo, notadamente termos ingleses usados no universo do futebol no período. A aspa posta na palavra *torcida* significava que a mesma, por não pertencer ao vocabulário usual das pessoas, deveria então vir destacada como forma de demarcar o novo, o desconhecido.

É sempre salutar buscar uma relação teórica que pressuponha a palavra, ou ainda, os sentidos atribuídos às palavras. Não foi, por certo, o surgimento da palavra “torcida” que inaugurou as modificações de conduta da assistência. Mas não se pode ignorar que o aparecimento da mesma denotava uma prática, uma circunstância, singularmente distinta.

⁷⁹ Não foram encontradas fontes comprobatórias sobre a origem do sentido da palavra “torcida” para designar um grupo de pessoas com identificação afetiva a um determinado clube. No entanto, algumas versões puderam ser identificadas. Dentre elas, duas se destacam. Uma, assim explicada pelo jornalista Luiz Mendes, em uma entrevista publicada no periódico *Memória da Imprensa Carioca*: “No começo do futebol, ir ao estádio era um ato de elegância, principalmente, no Fluminense. Por isso o Fluminense até hoje tem essa fama de clube aristocrático. As mulheres se enfeitavam como se fosse ao Grande Prêmio Brasil, colocavam vestidos de alta costura, chapéus, luvas. Mesmo que a temperatura na cidade estivesse por volta dos 40° de temperatura, elas iam de luvas. Como o calor era muito grande, elas tiravam as luvas e ficavam com as luvas nas mãos, e como ficavam nervosas com o jogo, elas as torciam ansiosamente. Os homens usavam a palheta, um chapéu de palha muito comum na época, muito elegante e também ficavam com o chapéu na mão enquanto torciam. O Coelho Neto, que além de poeta e cronista era pai de dois jogadores do Fluminense escreveu uma crônica em que ele usava a expressão ‘as torcedoras’, referindo-se às mulheres e dali a expressão pegou e nasceu a *torcida*”. Uma outra versão, corroborada pelo historiador brasileiro Nicolau Sevcenko, aponta para o significado do termo *torcida* pela torção corporal que o sujeito apaixonado realiza ao acompanhar os lances de uma partida do seu time. No entanto, não há uma referência precisa de *quando* o termo passa a ser incorporado pelos sujeitos sociais. Porém, a palavra “torcida” tem aplicação genuinamente brasileira. Não existe, em nenhum outro país, um termo que tenha similaridade semântica ao ato de torcer por um clube. Em Portugal, os torcedores são identificados como “adeptos”, termo ligado à religiosidade. Na Espanha, a palavra “hincha” corresponde às pessoas que se “inflam” de paixão por uma equipe. Em inglês, os fanáticos (*fans*) ou os sujeitos que dão apoio a um time (*supporters*) é que definem o termo análogo ao torcedor brasileiro.

⁸⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 set. 1915. Seção Festas e diversões (Campeonato de Foot-Ball), p.6.

Para Reinhart Koselleck, “todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível”⁸¹. O autor, que se debruça sobre uma “história dos conceitos”, propõe ainda que “todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno lingüístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua”⁸². Assim, o aparecimento da palavra torcida indica, juntamente com outros fatores, uma nova possibilidade de compreensão dos espectadores das partidas de futebol, permitindo um olhar ampliado sobre as manifestações dos grupos freqüentadores dos *fields* da Capital mineira.

A idéia de “torcer” começava então a se configurar à medida que a identificação com os clubes aumentava, principalmente nas disputas em campeonatos que se organizavam cada vez mais sistematicamente. Um destes importantes clubes, que contribui para o desenvolvimento desta nova lógica, é o America Foot-Ball Club. Fundado em 1912, o America surgiu como um clube de garotos aristocráticos, e rapidamente se inseriu na vida esportiva da Capital. Juntamente com o Yale e o Athletico, adquiria o título de “time grande”, e começava a construir a história dos confrontos que desembocariam na dimensão rival entre eles.

Em 1913, uma pequena nota do jornal *O Commercio*, discretamente posicionada entre tantas outras, destacava, sem muita atenção e alarde, informando que “hontem no *ground* do ‘Athletico’, realizou-se um ‘match’ de footballers daquelle club e do ‘America’, que finalmente sahiu vencedore (sic)”. Situação bem diferente, dois anos após, quando o encontro ocorrido entre as mesmas duas equipes já causava uma sensação muito mais intensa na imprensa local, ao afirmar que “nenhum dos ‘matchs’ que se tem realizado nos ‘grounds’ horizontinos attingiu o grau de interesse e a animação com que foi disputado o de ante-hontem entre o ‘America’ e o ‘Athletico’. Mais de mil pessoas assistiram ao ‘match’”⁸³.

A gênese da rivalidade (que inaugura a lógica do pertencimento) se dá centralmente pelos embates travados entre estes dois clubes, que além de contar com uma maior penetração social na cidade, naquele momento, se encontravam fortemente atrelados a grupos sociais elitistas, que os dirigiam. Neste sentido, a lúcida contribuição do historiador Raphael Rajão reforça a ocorrência desta dinâmica, ao afirmar que:

O desenrolar dos campeonatos aprofundou o antagonismo entre alguns clubes de Belo Horizonte, especialmente entre o *Athletico*, campeão de 1915, e o *América*, a

⁸¹ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 134-146, 1992.

⁸² *Idem*.

⁸³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26-27 jul. 1915. Seção Festas e diversões, p.6.

quem coube a vitória em 1916 e 1917. [...] Tal situação evidenciava as ambigüidades entre a busca de uma conduta social pautada em referenciais de racionalidade e impessoalidade e a constituição da paixão em torno do futebol.⁸⁴

O Diário de Minas, sobre a disputa do campeonato de 1915, amalgamava a idéia de formação do sentimento de torcedor (a), ao estampar a nota redigida por Arthpin:

Actualmente Bello Horizonte já possui vida sportiva e ora a derrota do Athletico, inflingida pelo Christovam Colombo, embora notavel mas resistente, ora a do America imposta por aquelle club, sacode a fibra ao mais fleugmático torcedor dos clubs que degladiam no presente campeonato.⁸⁵

Apesar de possuir elementos identificadores do torcer, este período sugere um marco transitório. Concomitante ao aparecimento de condutas desviantes, de termos próprios e da afeição pelos clubes, ainda é possível captar, em 1915, um cenário bastante próximo ao de anos anteriores, quando a assistência elitizada e distintiva era preponderante. O encontro do Athletico Mineiro, da Capital, com o Grambery, da cidade de Juiz de Fora, é bastante representativo desta lógica. Na imprensa, esse embate esportivo foi assim apresentado:

Conforme estava anunciado, realizou-se ante-hontem, no “ground” do Prado Mineiro, o “match” de “foot-ball”, entre as “equipes” do “Athletico Mineiro” e a do “Sport Club Gramberyense”, de Juiz de Fora. Foi um dos encontros mais concorridos a que temos assistido nesta capital, calculando-se, sem exaggero, em cerca de mil pessoas que presenciaram o jogo, sobresaando-se inumeras senhoras e senhorinhas da nossa elite. [...]⁸⁶

As evidências da popularidade (“cerca de mil pessoas” – Belo Horizonte ainda não atingira 40.000 habitantes em 1915) conviviam com as demonstrações de um divertimento ainda restrito (“senhoras e senhorinhas da nossa elite”). A revista Vida de Minas, que refletia a vida do *high-society* mineiro, na sua seção “Vida Sportiva”, ilustrava a representação construída acerca desse acontecimento (FIG. 07). É emblemática a atenção dada, nas imagens, não apenas aos jogadores e ao campo, mas também no “aspecto das archibancadas”, reforçando a idéia da festa, da exposição pública e do espetáculo, não apenas esportivo, mas também e principalmente social.

⁸⁴ RAJÃO, 2007, p. 84.

⁸⁵ DIÁRIO de Minas. Belo Horizonte, 08 out. 1915, p.2.

⁸⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 set. 1915. Seção Festas e diversões (Sports), p.6.



FIGURA 07: Revista “A Vida de Minas”, a.1, n. 5 e 6, 30 set. 1915.

Os indícios demonstraram, neste primeiro momento, um movimento oscilatório de inserção do futebol na cidade de Belo Horizonte, e conseqüentemente, da constituição das torcidas. Passando por uma fase marcadamente caracterizada pela assistência elitizada e sem demonstrações explícitas de afeto pelos clubes de futebol, na segunda metade da década de 1900, até o surgimento de pequenas e significativas mudanças no modo de se portar nas

arquibancadas, na primeira metade da década seguinte, os textos da imprensa belo-horizontina refletiam a incontestável presença da nova prática social na rotina de parte dos moradores da cidade de Belo Horizonte.

As pistas encontradas que possibilitaram a construção desse trecho inicial da narrativa revelam um “modo de fazer” próprio da História Cultural, que abarca, segundo Viñao Frago, a história da cultura material e do mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, das representações e imagens mentais, da cultura de elite e da cultura popular, a da mente humana como produto sócio-histórico e a dos sistemas de significados compartilhados.⁸⁷

⁸⁷ VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, p. 63-82, set/dez. 1995.

A EMERGÊNCIA DA PAIXÃO CLUBÍSTICA NA CAPITAL MINEIRA: “DAS FUNDAS SYMPATHIAS AOS TORCEDORES ENRAGÉS” (1916-1925)

Estando demarcado o território da assistência, o presente capítulo atentará para os meandros que permitiram a consolidação do sujeito social “torcedor”, com toda a sua singularidade, imerso no universo futebolístico como um personagem não apenas emblemático, mas fundamentalmente importante para fazer, com a sua paixão, girar a engrenagem do futebol e dos aspectos que orbitavam em torno dele.

Os últimos anos da década de 1910 e a primeira metade da década de 1920 representaram um período estruturador para a composição da prática social denominada “torcida”. Os mesmos fundam a passagem transitória da assistência ao torcer. Por conter elementos de ambos, o presente capítulo se propõe a apontar os indícios que marcaram as mudanças que serviram de base para a constituição do pertencimento clubístico arraigado entre os “apreciadores do sport bretão” na Capital.

Os mecanismos da diversão espetacularizada se desenvolveram rapidamente, sempre visando o público espectador. O transporte público passava a atender uma demanda até então inexistente. Pela relativa e incômoda localização do Prado Mineiro - principal palco de realização das partidas de futebol na cidade – sendo considerado distante demais e de difícil acessibilidade, ações pontuais intencionavam minimizar esta questão. Em um Festival da Liga Mineira de 1917, lia-se o anúncio de que “[...] haverá bondes para o Prado de 5 em 5 minutos”⁸⁸. Ou ainda, em 1919, quando do encontro inter-estadual entre os combinados carioca e mineiro, para o qual “a assistência no importante jogo inter-estadual vai ser colossal, devendo, portanto, a Liga Mineira tomar providências para facilidade de locomoção dos assistentes”⁸⁹. Nesta perspectiva, é esclarecedor o fato de que:

Isso estava obviamente relacionado com os próprios movimentos de urbanização das cidades [...]. Com a expansão das cidades, o oferecimento de meios de transporte adequados foi uma dimensão importante para garantir o progresso. Da mesma forma que a melhoria do sistema de transportes foi fundamental para o sucesso dos clubes, já que permitia o afluxo da população aos eventos, também as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor, o que criou a necessidade de uma estrutura mais adequada de transporte público.⁹⁰

A formação de um mercado consumidor que se propagava em torno do futebol, a partir de uma organização e estruturação até então inexistentes, se constituiu como uma forte

⁸⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 11 fev. 1917. Seção Festas e diversões (Sports), p.7.

⁸⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 ago. 1919. Seção Sports, p.7.

⁹⁰ MELO, 2007, p. 152.

característica desse período de passagem. Os campeonatos de futebol da cidade, promovidos pela Liga Mineira de Sports Athleticos, se integraram ao calendário de eventos da Capital. A crescente popularidade do esporte despertava, então, o interesse de grupos que passaram a enxergar no espetáculo esportivo uma excelente possibilidade de renda e lucro. Renda e lucro que se potencializavam quando associados a um sentimento de afeição e predileção pelos clubes.

Referências indiciárias deste processo puderam ser captadas em periódicos locais, sinalizando a apropriação de “marcas” que continham a identidade clubística. Os hinos dos clubes se tornavam indicadores relevantes da representação estabelecida entre os clubes e os seus “admiradores”. Em 1922, uma nota do *Minas Geraes* descrevia a criação do “hymno do Palestra”, dizendo que “a casa ‘Carlos Gomes’, do sr. L. Cantagalli, acaba de editar e por à venda o hymno do Palestra, letrado pelo academico Tolentino Miraglia e musica do maestro Buzachi”⁹¹. Imagina-se quem compraria o hino do Palestra, senão os seus admiradores/torcedores?

A criação do Palestra Itália, aliás, deve ser destacada como essencial para o desenvolvimento da noção de identidade entre clube e sociedade. Ao ser fundado, em janeiro de 1921, como um clube de futebol representativo da colônia de imigrantes italianos residentes na Capital, o Palestra inaugurava a lógica do pertencimento, de forma mais explícita. Os imigrantes italianos, notadamente os comerciantes, não só apoiavam financeiramente o clube, como enxergavam nele uma oportunidade de reconhecimento social. Sobre o processo de formação da *Società Sportiva Palestra Itália*, vale ressaltar:

Os italianos que se estabeleceram em diversas partes do Brasil, no final do século XIX, não podem, de modo algum, ser tomados como membros da elite da sociedade brasileira daquela época. Eles eram, sobretudo, trabalhadores sem capital e sem instrução, que se dedicavam a atividades pouco valorizadas, como o trabalho nas fábricas e nas lavouras. Alguns deles, no entanto, já começavam a trilhar um duro caminho de ascensão social, dedicando-se ao comércio e à manufatura ou mesmo começando pequenos empreendimentos industriais cuja prosperidade seria responsável futuramente por alça-los às classes mais abastadas. O Palestra Itália era um clube de imigrantes que, na sua grande maioria, eram membros de famílias pobres ou no máximo remediadas, sustentadas pelo trabalho árduo nas fábricas, oficinas e armazéns.⁹²

⁹¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 ago. 1922. Seção Desportos, p.6.

⁹² SILVA, Marcelino Rodrigues da. Quando é dia de clássico: das massas aos mitos. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no Branco – Ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: [s.n.], 2007. p. 60.

Noutra perspectiva, cabe a consideração de que o clube italiano representava um projeto de valorização da colônia e seus integrantes, como uma forma de participação mais ativa na vida social da cidade. Sobre isto, é importante a afirmação de que:

Com a passagem do tempo, os imigrantes e seus descendentes se naturalizam e passam a disputar com as famílias tradicionais as posições de destaque nas diversas áreas. O futebol, introduzido no Brasil no fim do século 19, é um bom exemplo de como essa disputa se desenvolveu. No início do século 20, os três principais times de Belo Horizonte representavam segmentos específicos: o América era composto pelos rapazes da elite, o Atlético, por estudantes, originários do interior do Estado, e o Palestra Itália, por imigrantes italianos da classe operária. Este último [...] prosperou além dos outros. Essa correlação de forças se assenta sobre o poderio econômico alcançado pelos descendentes dos imigrantes e o relativo empobrecimento dos filhos das tradicionais famílias mineiras.⁹³

Essa imediata identificação, entre colônia e instituição esportiva, alça o Palestra, em pouquíssimo tempo, à condição de um time de futebol popular e importante, no cenário desportivo da cidade. Tanto que, em viagem a cidade de Villa Nova de Lima, para disputar uma partida com a forte equipe local, o Palestra promoveu uma excursão àquela localidade, com o intuito de levar os seus muitos admiradores e torcedores. Nos periódicos encontram-se referências a este fato, informando que “na Casa Ranieri, [...] acha-se uma lista para receber as assignaturas de todos os torcedores do quadro palestrino que quiserem acompanhar o Palestra àquella localidade”⁹⁴. No dia seguinte poderia se ler: “[...] segue amanhã para Villa Nova a embaixada desportiva do Palestra. Seguem juntamente numerosos torcedores daquelle club”⁹⁵.

Outro acontecimento que demonstrava a constituição de um público consumidor em torno da prática do futebol situou-se na inauguração de periódicos específicos do esporte, em meio á efemeridade que caracterizava os jornais da época. O “Foot-Ball”, em 1917, e “O Treno”, em 1918, surgiam no cenário da imprensa belorizontina, acreditando no desejo dos *sportmen* da cidade de ver exposto o universo desportivo que se consolidava na Capital mineira.

Na sua primeira edição, o jornal “O Foot-Ball” traz o seguinte discurso no seu editorial de apresentação, destacando a importância do surgimento de um periódico desportivo:

⁹³ ÁVILA, Myriam. *O retrato na rua: memórias e modernidades na cidade planejada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 17.

⁹⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 jan. 1922. Seção Desportos, p.6.

⁹⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 28 jan. 1922. Seção Desportos, p.12.

Aparece, hoje, nesta Capital, o O FOOTBALL. Jornal essencialmente sportivo, tendente a desenvolver, na proporção dos seus esforços o entusiasmo da nossa mocidade pelas cousas de tão atrahente quão salutar divertimento, cuja origem foi embalada nas terras longinquas da loira Albion. [...] Atirando, hoje, á publicidade este primeiro numero, podemos garantir aos nossos jovens leitores e queridos sportmens que vae, nelle, todo o calor de uma esperança, todo um esforço despendido, todo um entusiasmo de uma alma moça. [...] Assim, só nos resta agradecer ao amavel leitor a distincção que, por accaso, nos dispensar, e nós, mandando-lhe, hoje, o primeiro numero de O FOOTBALL, dar-nos-emos por ditosos e felizes, se o nosso jornal puder cooperar, efficazmente para o progresso constante do movimento sportivo de Minas Geraes, envolvendo-o no surto grandioso das conquistas e dos triumphos.⁹⁶

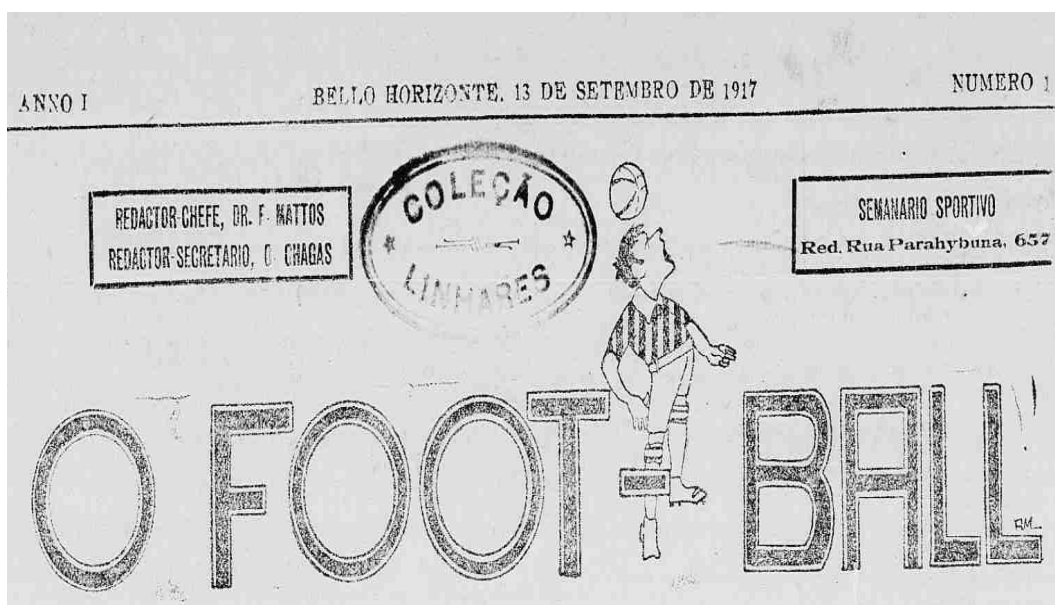


FIGURA 08: Cabeçalho da 1ª edição do Jornal “O FOOT-BALL”, 13.09.1917.

A proposta editorial do jornal evidenciava a sua percepção do esporte (e do futebol), como “salutar divertimento”, reforçando a lógica da diversão por detrás do espetáculo sportivo. Dirigindo-se aos “jovens leitores e queridos sportmens”, o periódico confirmava a associação do seu público consumidor aos jovens desportistas da cidade, que tentavam, com muito esforço, promover o “progresso do movimento sportivo de Minas Geraes”. O aparecimento de um órgão noticioso do mo(vi)mento sportivo da cidade não acontecia por acaso. Ao contrário, ele era fruto de todo um ambiente elaborado pelas pessoas que viam nas práticas esportivas um eficiente canal de reprodução do ideário moderno, refletindo hábitos condizentes com a cidade que se desenvolvia rapidamente.

⁹⁶ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

Nesta primeira aparição e em sua primeira página, O FOOT-BALL já assumia o seu papel de legítimo representante dos *sportmens* da cidade, em dois momentos pontuais. Primeiramente, ao exigir das autoridades políticas uma maior atenção para com o estrato esportivo de Belo Horizonte, o mesmo lançava mão da apropriação do futebol pelos grupos distintivos da Capital como justificativa para tal reivindicação. Para o cronista, a “fina assistencia que litteralmente encheu as archibancadas do Prado Mineiro”, no jogo entre o C. Regatas Flamengo e o America, representava a “verdadeira synthese da nossa melhor sociedade”, provando que “o foot-ball é um ‘sport’, não só o victorioso, como o predilecto”. Por este motivo, se tornava “preciso que os nossos governantes volvam suas vistas, auxiliando, não só material, como moralmente, a esse sport”.

Em seguida, a nota intitulada “A necessidade de um campo”, afirmava que “entre as questões que reclamam solução urgente nos ‘matches’ de ‘football’ está por sem dúvida, a dos campos”. Ao cobrar a construção de mais campos de futebol, o periódico levava em consideração o fato do “‘Prado’ ser o único, nesta capital, que offerece maiores commodidades aos espectadores”. Acrescentava ainda que “é esta uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football”⁹⁷.

Um novo campo de futebol já ecoava como importante e urgente realização, posto que, além da distância, o Prado Mineiro não comportava mais do que 1.500 espectadores sentados. Certamente, o aumento da assistência presente aos jogos significava também um aumento dos lucros advindos das partidas. A maior comodidade do público era também lembrada como uma outra necessidade a ser alcançada. Embora a cobrança do jornal O FOOT-BALL tenha ocorrido em 1917, a Revista Tank retomava o assunto, obviamente não solucionado em 1919, data da publicação. Nela, um trecho do artigo intitulado “A Liga Mineira” apontava:

Para esses tempos aureos, já se taçam *no papel* os castellos das futuras archibancadas e demais dependencias, á semelhança das que enfeitam as adjacencias dos rectangulos desportivos do Rio. Uma cousa, porém desde já ficou assentada: a mudança do campo da Liga para o terreno do Parque onde outr’ora existiu o campo do finado Sports Hygienicos. Acabou-se o martyrio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo e o maldito acotovelamento dos bondes cheios, que eram os desmancha-prazeres da brigada marmanja dos *torcedores* e da cohorte louçã das *torcedoras* gentis.⁹⁸

⁹⁷ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

⁹⁸ REVISTA Tank. Belo Horizonte, anno I, n. 1, 01 jan. 1919.

Mas será mesmo o America a concretizar o sonho dos *sportmens* belorizontinos. O fato foi devidamente noticiado pela “Seção Sportiva” do jornal “A Capital”, que animadamente anunciava:

O glorioso America F.B.C., que pela quarta vez, conquista o honroso titulo de campeão mineiro, no correr deste anno, vae construir as suas archibancadas á avenida Paraopeba. O elegante pavilhão americano, cujo projecto nos foi dado examinar, vae occupar todo o lado esquerdo do quarteirão da avenida e será dotado de todas as acomodações, de modo a tornar o “sport” mais procurado pelas commodidades que os jogadores e “afficionados” possam encontrar. Não seria licito negar-se que o “foot-ball” já se arraigou entre nós. É certo que este genero de “sport”, ás vezes, devido o nosso clima tropical apresenta alguns inconvenientes. Mas, seja como fôr, o povo gosta do “sport” e os nossos “footballers” podem ser comparados aos melhores do orbe. Si assim é, o America merece applausos por querer dotar a Capital de um confortavel “stadium” e ao disciplinado campeão não negaremos o nosso apoio, assim como aos demais clubs, que honram os “sports” entre nós.⁹⁹

O ambicioso projeto de soerguimento de um estádio de futebol pelo América refletia a realidade vivenciado pelo esporte na Capital. Anunciado em 1921, com o início das obras em abril de 1922, o *stadium* do América é inaugurado em 06 de maio de 1923, com grande destaque na imprensa belo-horizontina. No periódico oficial do Estado, a notícia ganhava ares de um importante evento social, sendo descrito como um acontecimento que, “de facto, o vasto e confortavel *stadium* do America, construído com todos os requisitos modernos e no centro da cidade, virá dar enorme impulso ao foot-ball nesta Capital”.¹⁰⁰ A referência aos “requisitos modernos” enfatizava uma nova ordenação espacial presente no projeto arquitetônico do estádio americano. A ansiedade que reinava sobre a inauguração da obra é devidamente refletida pelos jornais, que destacavam:

Realiza-se hoje a inauguração official da praça de sports do “America F. C.” Essa festa, que será offerecida ao exmo. sr. dr. Raul Soares, presidente do Estado, como o socio mais antigo do club, terá o comparecimento pessoal de s. exc. e das altas auctoridades do Estado, a quem foram dirigidos convites especiaes pela directoria do gremio horizontino.¹⁰¹

A presença do governador do Estado (sócio do clube, aliás), e de outras altas autoridades, ilustrava o alcance que a inauguração da praça de esportes do América atingia. Uma descrição pormenorizada da estrutura do estádio demonstrava o quanto o clube mineiro se atentava para questões fundamentais condizentes às necessidades e exigências da

⁹⁹ A CAPITAL. Belo Horizonte, p. 2, 18 fev. 1921.

¹⁰⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03 maio 1923. Seção Desportos, p.10.

¹⁰¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

modernidade, do espetáculo e do divertimento. Um trecho da nota do jornal dimensionava vários aspectos envolvidos por detrás da inauguração de tal obra:

Início da construção das archibancadas: 30 de abril de 1922 [...]. Extensão: 66 metros de comprimento por 6,50 de largura. As archibancadas propriamente ditas accommodam folgadoamente 2.000 pessoas, e as geraes e demais dependencias cerca de 3.000. Na parte inferior estão confortavelmente installadas todas as dependencias do club. Ha um salão nobre para recepções officiaes, outro para as reuniões da directoria, outro para a secretaria; salão para gymnasticas, amplo e arejado, com 14 metros de comprimento por 6 de largura; toilette para senhoras, dois “bars”, dois vestiarios com banheiros annexos e installações sanitarias. As geraes são também providas de archibancadas que, embora provisórias, são relativamente confortaveis. [...] Toda a construcção é solidamente murada. A entrada para as geraes se fará pelos portões da rua Curityba e da esquina desta rua com a avenida Paraopeba. O ingresso para as archibancadas se fará pelo portão alto da Avenida Paraopeba. O publico terá acesso nas archibancadas pelas escadas das extremidades, ficando a escada central reservada ao mundo official e aos socios.¹⁰²

Para se vislumbrar a dimensão de toda esta estrutura, a planta do “Projeto de Archibancadas do America Foot-Ball-Club” (Fig. 09)¹⁰³, expõe imageticamente as pretensões do elitizado clube da Capital:



FIG. 09 – Projecto de Archibancadas do America Foot-Ball-Club.

A primeira importante evidência está no fato da ampliação da capacidade do público assistente. Se o Prado comportava 1.500 espectadores, o novo estádio do América triplicava a possibilidade de absorção das pessoas ao espetáculo. Quanto mais público, tanto melhor. Uma outra consideração relevante pode ser feita para além da idéia da quantidade: a qualidade passava a receber maiores cuidados. A atenção dada a elementos como o “acomodar folgadoamente”, ou “confortavelmente instaladas”, apontavam na direção de que não mais apenas importava “quem” estava, ou “quantos” estavam, mas agora também o “como” estavam. Qualidade esta condicionada à classe social, pois os espaços se distinguiam de acordo com as destinações diferenciadas da platéia. O salão nobre de recepções, os bares e

¹⁰² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

¹⁰³ Imagem obtida na Coleção Projetos Arquitetônicos de Edificações Diversas do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH.

a sala de ginástica certamente representavam espaços reservados aos sócios do clube, nomeadamente sujeitos da elite. As geraes, destinadas aos menos privilegiados, embora contassem com provisórias arquibancadas, possuíam um “relativo conforto”, o que indica um conforto provavelmente menor do que os demais lugares.

O aspecto segregacionista ordenava as entradas específicas de cada tipo de público, evitando o contato social entre os pares de classes distintas. Internamente, o mundo oficial e os sócios ainda mereciam um destacado local, com acesso pelas escadas centrais. Os demais entravam pelas extremidades da arquibancada, desde que possuíssem condição financeira suficiente para não assistir às partidas das gerais, certamente o lugar menos digno do estádio. E para garantir que só tivesse acesso ao espetáculo esportivo quem de fato tivesse pago por ele, a nota faz questão de enfatizar que “toda a construção é solidamente murada”, alterando a ordem que vigorava até então, de campos abertos e que permitiam que “todos” pudessem assistir, mesmo sem comprar ingressos.

O Palestra Itália, que vinha perseguindo a sua afirmação no seio esportivo da Capital, também enxergava na construção do seu “campo” uma possibilidade de marcar posição quanto à sua presença entre os times “grandes” e importantes. Ter um espaço próprio aumentava a identificação do clube com a colônia de italianos, além de representar uma visibilidade concreta e palpável do clube com a cidade. Em vias de ser concluído, o estádio palestrino merecia as considerações da seção esportiva do *Minas Geraes*, que relatava:

A PRAÇA DESPORTIVA DO PALESTRA ITALIA – A convite de um dos membros da directoria do Palestra Italia, tivemos, hontem, o prazer de visitar a ampla e confortavel praça de desportos daquelle club, em construcção à avenida Paraopeba. [...] As archibancadas, com lotação para mais de 600 pessoas, já se acham quase concluidas e representam um lindo aspecto, pela sua construcção elegante e leve.¹⁰⁴

O geógrafo Gilmar Mascarenhas, ao discorrer sobre a dimensão simbólica do espaço de jogo do futebol, constrói importantes argumentos que reforçam os significados postos na estrutura deliberadamente pensada na construção dos estádios. Para este autor, os estádios são tomados como portadores de importantes conotações simbólicas, como novos espaços institucionais capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo. Também ele atenta para a monumentalidade do objeto e a recorrente divisão de “classes” no

¹⁰⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 ago. 1923. Seção Desportos, p. 18.

seu interior: elite e autoridades na tribuna, setores médios nas cadeiras e o povo aglomerado em pé, na parte inferior do estádio, com péssima visibilidade do campo de jogo.¹⁰⁵

A consolidação de um espaço onde o futebol e a torcida se fortaleciam cada vez mais pode ser captada por várias perspectivas, desde as mais evidentes, como a construção de estádios com melhor adequação, até as mais sutis, como os discursos impressos nos periódicos da época. Embora efêmeros, os jornais esportivos do final da década de 1910 oportunizam a emersão de pensamentos e representações construídas em torno do universo do futebol, especialmente do torcedor. Discursos que vão de críticas a certas condutas da assistência à exaltação da presença de personalidades políticas e sociais, passando mesmo pelas primeiras tentativas de um forjamento para uma “educação para o torcer”.

Um artigo em especial se mostrava bastante explícito neste sentido, no tocante à contundente crítica quanto ao comportamento dos espectadores. Intitulado “Aos Torcedores Inconvenientes”, o texto não assinado estabelece como teor central a suposta falta de educação que determinadas pessoas teriam ao se portarem nos campos de futebol de Belo Horizonte. Ao afirmar que “como fonte de quasi todos os disturbios nos ‘matches’ de ‘football’, temos, infelizmente, a assistencia apaixonada, isto é, o infalível e inevitavel grupo dos torcedores ‘enragés””, o artigo procurava associar os desvios de conduta à paixão clubística, que já se apropriara de muitos torcedores. Utilizando uma palavra francesa para dar uma conotação de “torcedores raivosos”, a crônica acabava por estabelecer uma interessante antagonia, permitida muito particularmente nas partidas de futebol: era a “assistencia apaixonada” que gerava o sentimento de raiva. Amor e ódio, postos lado a lado. Era o amor pelo clube (pertencimento) que possibilitava o ódio à equipe adversária (rivalidade). Assim, pertencimento e rivalidade, amor e ódio, paixão e raiva começavam a coabitar os entornos dos estádios belorizontinos.

O texto ainda segue, trazendo importantes apontamentos. Em uma outra passagem, afirmava que:

[...] pondo de parte todas as conveniencias sociaes, mostra abertamente, a sua pouca educação, já arvorando-se em juizes, dando os seus pareceres, quase sempre descabidos e parciaes, já manifestando o seu aborrecimento nos lances e investida contrarias ao seu partido. [...] Não obstante, infelizmente, devéras numerosa é a classe dos elementos desordeiros de que aqui fallamos. Raro é o ‘match’ de ‘football’ que, entre nós, se realisa calmamente, sem as vergonhosas scenas que o partidarismo arma onde quer que seja, desrespeitando todos os bons costumes e desmentindo, assim, os fóros de civilisação que nos attribuem... [...] Quando praticado com delicadeza, ou melhor, conforme ordenam as pragmáticas da

¹⁰⁵ MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: Forma simbólica e identidade. *Espaço e Cultura*: UERJ, RJ, nº. 19-20, p. 61-70, jan./dez. de 2005.

civilidade, o ‘football’ (sic) é, por certo, um jogo admirável [...]. Conttenham, pois, os nossos torcedores as suas demasiadas e prejudiciais expressões de entusiasmo pelos clubs de que são admiradores, e procedam conforme as normas de boa educação, para que, d’ora avante, possamos assistir a ‘matches’ de ‘football’, verdadeiramente dignos de tal nome.¹⁰⁶

Ao mesmo tempo em que o periódico esportivo apontava o dedo contra o mau comportamento dos torcedores, ele também dava vazão a personagens da torcida que, no seu entendimento, eram não só adequados, como também desejáveis. Neste aspecto em particular, a mulher voltava a ser uma figura de grande interesse, despertando comentários e inspirando crônicas, notas e artigos. Diferentemente dos primeiros anos do futebol na Capital, a presença feminina pós-1915 indicava uma participação mais ativa, se posicionando com clara admiração e partidárias fiéis de um determinado clube (ou jogadores), sem embora perder o tom de elegância e glamour.

Um bom exemplo desta nova postura da mulher é reverberado pelo periódico esportivo *O Foot-Ball*. Na sua edição de 21 de setembro de 1917, na seção denominada “Correspondencia das Torcedoras”, o jornal dá o tom exato do quanto a inserção feminina no futebol havia se consolidado (e se modificado). Dentre várias notas no interior da seção, duas podem ser aqui destacadas, ao retratarem as seguintes situações:

Madame A. N. – Lamentamos, deveras, a sua tristeza, por ter o Athletico perdido do America. Afinal, o que fazer? A sua “torcida” pelo club alvi negro ainda lhe dará um logar no ceo...

Senhorita C. B. – Nós a vimos no “match” America-Flamengo. E como estava lindamente encantadora, dando gritinhos nervosos e mostrando-nos, entre risos, o seu grande e *sincero* amor pelo club das Alterosas.¹⁰⁷

No entanto, a crônica “Às Torcedoras” é que permite a melhor dimensão deste novo momento. Logo no trecho introdutório, percebe-se uma nítida associação entre o aumento do interesse feminino pelo bretão esporte com as transformações sociais ocorridas na Capital. O autor refere-se a esta nova relação, alegando que “a radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontina, no que diz respeito às cousas de sports, é a mais bella victoria que o football conseguiu no seio de nossas familias”. Correlacionar o esporte com uma vivência familiar só seria possível graças à nova mentalidade que se instituiu em Belo Horizonte, que passava a valorizar cada vez mais práticas vinculadas a um pensamento moderno, progressista.

¹⁰⁶ AOS TORCEDORES Inconvenientes. *O foot-ball*. Belo Horizonte, p.4, 21 set.1917.

¹⁰⁷ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, , 21 set.1917. Seção Correspondencia das Torcedoras, p.3.

Ao contrário do que se imaginava anteriormente, a modernidade não inviabilizava a sua apropriação pela tradicional família mineira. Na sua continuidade, a crônica relatava que “[...] ainda ha bem pouco tempo, as nossas gentis patricias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotescos”. E acrescentava, com ares de poesia, dando o contraponto da situação, que “os nossos campos não apresentavam o aspecto risonho e festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino [...]”. A percepção das senhorinhas horizontinas se alterara radicalmente, como indicava outro instante do texto, onde lê-se:

Não ha quem não saiba o entusiasmo que a assistencia fluminense sopra na alma do foot-baller. Não ha emoção mais grata ao foot-baller do que pelear com a pelota sob os olhares de uma donzella que “torça” duplamente: Para si e para seu club. Felizmente, Bello Horizonte já tem um numero consideravel de “torcedoras”, que comprehendem o football, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a afflicção, o sofrimento de verem o “goal” de sua sympathia perigando. No “match” America-Flamengo vimos estampados nas physionomias de gentis “torcedoras” ares de tristeza, de inquietação, que as tornavam simplesmente mais encantadoras.¹⁰⁸

Em um momento onde a competição, o desempenho e a rivalidade assumiam ares de relevância, a participação da mulher era tida, inclusive, como um fator motivante para o jogador, que se esforçaria mais ante o olhar aflito e encantador das torcedoras. Certo é que as mulheres não se contentavam mais com o submisso papel de guardiã do lar. Se é verdade que nem todas podiam subverter a ordem social masculina, muitas já se insurgiam contra esta lógica, reivindicando mais espaço em diversas práticas. Neste sentido, cabe afirmar que:

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. [...] Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis. A nova paisagem urbana, embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea, composta de imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que se mudavam do campo para as cidades.¹⁰⁹

A presença das mulheres aos jogos de futebol são cada vez mais requisitadas pela estrutura que organizava o esporte na Capital. A imprensa assumia o seu papel de apontar a relevância da figura feminina às partidas do jogo bretão. Alguns, com argumentos até

¹⁰⁸ A'S TORCEDORAS. *O Foot-Ball*. Belo Horizonte, p.2, 13 set.1917.

¹⁰⁹ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 368-71.

inusitados, como os do jornalista Selenio Arruda, que em artigo publicado na seção de “Desportos” do periódico *Footing*, concatenava:

O futebol que é, pode-se dizer, o unico desporto que aqui se pratica, precisa ser seriamente amparado e impulsionado. E desde já avanço que duas são as fontes capazes de salvar a situação: o Governo e o bello sexo! [...] Quanto ao auxilio material do Governo, ninguem ousa pôr em duvida a sua indispensabilidade. [...] No que toca ao bello sexo, tambem não é menos indispensavel o concurso das nossas formosas horizontinas aos campos de futebol, onde os seus sorrisos compensam e premiam fartamente os athletas que se debatem nas pugnas. A esse respeito é bom acrescentar mais alguma coisa. Quer-me parecer que a quasi ausência das graciosas horizontinas aos campos é motivada pela falta absolucta de conforto que lhes offerece o Prado Mineiro, campo official da Liga de Desportos. A distancia collossal do centro da cidade, o pó immundo do caminho, a difficuldade de bondes para a volta, tudo isso já devia ter feito merecer dos dirigentes da Liga a rejeição completa desse abjecto e archaico Prado Mineiro. As nossas torcedoras têm, pois, uma certa dose de razão.¹¹⁰

A charge publicada em “O Foot-Ball”, no mês de setembro de 1917, ilustrava a participação da mulher nas partidas de futebol, porém com a salutar aproximação com o universo familiar, devidamente acompanhada (Fig. 10). Ressaltava-se neste caso, a presença da família, destacando-se a criança, evidenciada na charge como um “torcedor *mignon*”. Em muitas notas, os periódicos faziam referências sobre a frequência aos campos de futebol das famílias belorizontinas. Como por exemplo, em 1916, onde o jornal noticiava:

A festa sportiva a realizar-se depois de amanhã, 31, promovida pela Liga Mineira de Sports Athleticos, que assim pretende dar um remate brilhante ao campeonato de “foot-ball” de 1916, promete revestir-se do maior entusiasmo e está sendo anciosamente aguardada pelos *sportmen* da Capital e por grande numero de familias, que recebem sempre entre os mais vivos applausos as festas desse genero.¹¹¹



FIG. 10 - Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917, p. 2.

¹¹⁰ FOOTING. Belo Horizonte, 12 jun.1921. Seção Desportos, p.5.

¹¹¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 29 dez. 1916. Seção Festas e Diversões, p.6.

No entanto, na mesma edição, o periódico estampava uma outra charge, com o revelador título de “Torcedores”, mostrando o interesse do sexo feminino por assuntos ligados ao futebol da cidade, desta vez sem o vínculo com o mundo familiar e mais próxima de uma mulher independente e liberada (Fig. 11). A imagem da mulher na primeira charge contrastava enormemente com a figura feminina posta no outro desenho. Nota-se pelas vestimentas e pela postura duas visões de mulher completamente distintas. Uma, inserida no âmbito da tradicional família, usa um vestido discreto, com a coluna arqueada e o chapéu a lhe cobrir quase completamente o rosto.

Comparando com a imagem feminina da charge “Torcedores”, temos uma antítese visual. Desacompanhada (o que, para a época, era incomum), com uma postura ativa e elegante (beirando à sensualidade), e trajada nos moldes da moda parisiense, percebemos uma representação imagética da verdadeira dama da *belle époque* francesa, estampando valores da modernidade e de um novo modo de vida.



FIG. 11 - Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917, p. 1.

A palavra “roda”, colocada no texto da charge, possuía a intenção de designar grupos de pessoas que torciam pelo mesmo time. Assim, existiam as rodas do America, do Athletico, do Yale, etc. As rodas desportivas surgem como uma forma de congregar nos mesmos espaços de convívio social torcedores de um ou de outro clube. Não por acaso a rua da Bahia era o grande centro convergente dos desportistas da cidade, e conseqüentemente abrigava a maior parte das “rodas” dos clubes de futebol da Capital. Mais que local comum

aos amantes dos esportes, a rua da Bahia representava o modo de vida *smart*, elegante e moderno de Belo Horizonte na passagem da década de 1910 para 1920. Leticia Julião explicita o quanto a rua da Bahia simbolizava uma nova possibilidade de apropriação do espaço urbano, ao afirmar que:

De todas as ruas da capital, sem dúvida, a Bahia encarnava a síntese do ambiente cosmopolita. Para ali convergiam o comércio, o cinema, o burburinho da multidão, o café. Era a artéria por onde transitavam homens e mulheres elegantes, automóveis e bondes. Na esquina com a Avenida Afonso Pena ficava o Bar do Ponto, no mesmo quarteirão preferido para o *footing*, o *flirt* e a boêmia *smart*.¹¹²

Não seria exagero algum afirmarmos que a rua da Bahia (Fig. 12) era a representação mineira da rua do Ouvidor carioca. Embora a historiadora mineira não faça uma referência direta à presença dos desportistas neste espaço, a imprensa não deixava dúvidas de que lá também eles estavam.



FIG. 12 – Rua da Bahia, 1915. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.

Imprensa esta que não conseguia uma regularidade na permanência dos seus periódicos. No caso do periódico esportivo *O Foot-Ball*, sua existência é extremamente efêmera e nem sequer alcançaria o ano de 1918. Mas é justamente em 1918 que outro periódico esportivo surgia na Capital, tentando melhor sorte que seu mal-sucedido antecessor. *O Treno* aparece na imprensa local como uma tentativa de suprir a suposta carência de informações do meio esportivo de Belo Horizonte. Tem, obviamente, como público-alvo, os *sportmen* da cidade, e se dirige especialmente ao futebol, demonstrando a solidez que esta

¹¹² JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 67-8.

modalidade já possuía entre os desportistas belorizontinos. Chama a atenção, no entanto, um pequeno trecho do seu editorial de apresentação, em sua primeira edição. Abaixo, lê-se uma parte do texto, tendo em destaque o recorte discursivo que ora instiga a uma reflexão mais aprofundada e que, explicitamente, diz respeito à idéia de pertencimento e paixão clubística.

Visando acima de tudo, esforçar se o quanto possível em prol do desenvolvimento do *sport* em nosso meio, muito especialmente o foot-ball, procurando, ao mesmo tempo, a fundir no cadinho da harmonia e da solidariedade os componentes dos diversos *clubs* daqui, entre os quaes como é sabido, existe, máo grado nosso e de muitas outras pessoas que com os mesmos vivem em contacto, uma certa divergência, ou rivalidade mesmo, podemos adiantar, surge, hoje, na arena jornalística o primeiro número d' "O treno". Em nossas collunas, encontrará o leitor, informações autorisadas sobre tudo que diga a respeito do *sport* local, pois, para isso teremos o maximo escrupulo no inserir de noticias que nos chegarem ás mãos, e bem assim no colher de nossa reportagem; mesmo porque, as nossas páginas não serão, jamais, manchadas com o menor vislumbre que seja, de paixão por este ou por aquele club. E isto, nos parece, é o bastante para que as nossas informações como também as apreciações, sejam conscienciosas e revestidas do maior criterio possível. Assim é traçada a róta pela qual devemos seguir, e por ella seguiremos.¹¹³

Para o recém lançado periódico, assumir uma postura de parcialidade em benefício de um ou outro clube era algo a ser veementemente condenado. No seu entendimento, a imprensa deveria manter-se neutra na exposição dos fatos esportivos, principalmente os que envolvessem os clubes de futebol da cidade. Embora a intenção fosse louvável, era recorrente a presença dos clubes grandes nos muitos jornais da Capital, em detrimento dos vários outros clubes que já se constituíam nos bairros de Belo Horizonte.

Embora com uma aparente melhor estruturação, o jornal esportivo *O Treno* também sucumbe à pequena demanda para um periódico tão específico. Na sua segunda edição, o redator descrevia, desapontado, a pequena aceitação do público belo-horizontino ao seu projeto de criação de uma gazeta desportiva. Para ele,

Infelizmente, com pesar confessamos, não nos preencheu expectativa o nosso apparecimento, porque ella era muito maior do que foi a nossa acceitação neste tão desenvolvido meio sportivo, onde sempre se propalou a necessidade de um jornal deste genero. E se isto se fazia sentir, era de esperar que o apparecimento do nosso jornal, para fazer desaparecer esse vacuo notado por todos quantos cultivam e apreciam o "sport", tivesse um outro acolhimento que não o que verificamos. Emfim, foi ainda o nosso primeiro numero que circulou; e a surpresa que tivemos não é caso de desanimo, quanto mais para nós, os que trabalham nesta casa que não costumamos recuar o primeiro obstaculo que se antepõe em nosso caminho. Continuaremos a lutar com afinco e bôa vontade, e mais tarde veremos corôados de exito os nossos esforços: o nosso jornal se tornará conhecido e procurado; quando por mais não seja, ao menos por que nos interessamos e nos debatemos.¹¹⁴

¹¹³ O TRENO. Belo Horizonte, p. 1, 30 mar. 1918. Grifo nosso.

¹¹⁴ O TRENO. Belo Horizonte, p. 1, 06 abr. 1918.

Mesmo com o esforço denodado do jornalista, o periódico foi extinto pouco tempo depois, obedecendo ao ritmo de existência dos jornais da Capital. O que todo este movimento revelava, na tentativa (ainda que vã) do estabelecimento de noticiários esportivos, é a percepção de um público em formação para o consumo de produtos ligados ao esporte e ao futebol, em particular. Jornais que tratassem pontualmente do futebol na cidade seriam apropriados notadamente pelas pessoas que alimentavam interesse na vida dos clubes; e estas pessoas, na sua maioria, eram os torcedores apaixonados, uma classe cada vez mais em ascensão.

A construção do pertencimento iria percorrer um caminho que não estava unicamente associado aos clubes de futebol. Concomitante ao processo de se afeiçoar por um time em particular, os desportistas belo-horizontinos foram desenvolvendo o sentimento de paixão e pertencimento por outros vieses. Torcer pelo país, pelo estado de Minas Gerais e pela cidade de Belo Horizonte se constituiu em um importante mecanismo na formação do *status* de torcedor.

Primeiramente, foram os *matches* intermunicipais, no início da década de 1910, que instigaram o fomento de uma rivalidade entre Belo Horizonte e outras cidades mineiras, notadamente Juiz de Fora e Morro Velho (ou Villa Nova de Lima). A primeira por já possuir um desenvolvimento da prática do futebol bastante avançado, e a outra por dois motivos: ser vizinha à Capital, e por ter um clube fundado por ingleses, proprietários das minas, que introduziram e incentivaram a prática do esporte nos seus domínios.

Este processo pode ser observado pelas linhas traçadas em vários periódicos. Em um deles, lia-se:

Não nos enganavamos quando previmos que o grande “match” de “foot-ball” entre os “teams” desta Capital e de Morro Velho ia ser uma festa nova e brilhante para Belo Horizonte [...]. Notava-se também a presença de grande numero de famílias inglezas, vindas do Morro Velho, especialmente para assistir ao grande “match” de ante-hontem.¹¹⁵

Em outro, a notícia do embate entre um time da cidade de Juiz de Fora e o Athletico, da Capital, era devidamente anunciado:

No dia 13 de maio haverá um grande “match” de foot-ball, entre o Granberyense e o Athletico. O “match” será no “ground” do Athletico Mineiro Foot-Ball Club, abaixo da Imprensa Official. Começará às 2 ½ da tarde.¹¹⁶

¹¹⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e Diversões, p.8.

¹¹⁶ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 12 maio 1912.

São inúmeros os relatos encontrados nos jornais que ilustram os muitos jogos intermunicipais e/ou estaduais. Como estas partidas ocorriam com uma frequência maior a cada ano, foi possível captar uma variedade considerável de elementos que acabaram por corroborar este movimento. Em certa medida, a própria imprensa se imbuía de alimentar essa rivalidade, sendo imparcial e “torcendo” pelos clubes mineiros ou belo-horizontinos. Em uma partida entre o *scratch* da Capital contra o selecionado de Juiz de Fora, o periódico horizontino deixava claro a sua preferência. Destacamos uma parte da nota que tratava de noticiar a ocorrência do jogo:

Bem dizíamos nós, quando predizemos por estas columnas, o brilhantismo de que se revestiria a tarde de Domingo ultimo. [...] Não havia um só logar vago nas vastas archibancadas do Prado; garrulos bandos de lindas torcedoras, emprestavam ao momento uma alegria communicativa, que mais adorável tornava o ambiente. [...] O que previramos, effectuou-se: não batemos o quadro visitante, porém, nem assim deixamos de fazer justiça a victoria moral, pois que, empatar-se, pondo em campo um contra-scratch e sem treno, com um adversario disposto a vencer a todo custo, equivale a uma victoria, e esta por certo nos caberia si não fôra a muita sorte que durante todo o transcorrer do embate protegera os juizdeforanos. [...] Arbitrou a importante pugna, o sr. Octacilio Negrão, que procurou agir corectamente (sic), sendo porém infeliz. Algumas falhas teve S. S. dentre as quaes o goal conquistado por Hermeto e dado por S. S. como off-side e o penalty de Raul, que não foi punido.¹¹⁷

Para além de indicar como este tipo de confronto atraía a atenção de muitos, a ponto de ocupar todos os espaços da arquibancada do Prado, a nota se mostrava bastante tendenciosa a favor do time da Capital. Primeiro, ao inferir que a equipe de Juiz de Fora só empatou por mera sorte, mesmo a *eleven* belo-horizontina estando mal preparada. Assim, a vitória moral foi dada pelo periódico ao conjunto do antigo Curral Del Rey. Em outro momento, ao se referir à atuação do árbitro da partida, as críticas apontaram na direção de dois erros crassos, segundo o jornal: um gol mal anulado e um pênalti não marcado. Coincidentemente (ou não), ambos os erros favoreceram a equipe juizforana.

Neste movimento de (im)parcialidade da imprensa local sobre os matches intermunicipais e/ou estaduais, a pertinente e importante observação do estudioso Marcelino Rodrigues da Silva esclarece:

Mas é sobretudo nos momentos em que os jornalistas refletem sobre seus próprios textos que se ode observar como a imparcialidade não era apenas uma parte do código de valores e condutas do esporte, mas também um dos elementos fundamentais do modo como o futebol era interpretado pela imprensa daquela época. Era usual que, como ponderação a uma crítica ou elogio mais enfático, o cronista dissesse que suas preferências ou relações com determinado clube não influenciavam sua capacidade de julgamento. Mesmo quando sua ligação com um

¹¹⁷ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 07 set.1920. Seção Sports, p. 3.

dos *teams* era evidente, como nos jogos interestaduais, os jornalistas faziam questão de ressaltar sua capacidade de reconhecer a superioridade dos adversários. Como um prolongamento das funções do *referee*, seu papel era proferir um julgamento justo sobre o jogo, em que a racionalidade e os laços de união promovidos pelo “verdadeiro espírito sportivo” não fossem perturbados pelas paixões clubísticas ou regionalistas.¹¹⁸

Este tipo de confronto, do início da década, ganhava força e se tornava recorrente ao final dos anos de 1910. Paralelo aos jogos entre as cidades, dois outros tipos de embate também se estabeleciam: entre clubes de um estado contra outro e entre as equipes representativas de um e outro estado do país. Na primeira concepção, os jogos interestaduais se configuravam principalmente entre os times da capital mineira enfrentando conjuntos cariocas. Mas a rivalidade futebolística com o Rio de Janeiro se acentuaria por conta dos enfrentamentos entre os selecionados mineiro *versus* fluminense, onde Minas quase sempre tinha ferido o seu orgulho desportista, com achacadores reveses nos placares das partidas.

A história desta pugna interestadual, que acentuou imensamente a rivalidade entre cariocas e mineiros, pode ser contada a partir dos quatro embates travados pela disputa da “Taça Delfim Moreira”. O primeiro jogo entre os respectivos selecionados estaduais ocorreu em Belo Horizonte, no dia 3 de março de 1918, e terminou com a vitória do scratch do Rio de Janeiro pelo placar de 3 x 1. Sobre este jogo, noticiou o *Minas Geraes*:

Realizou-se domingo ultimo nesta Capital, entre os dois valorosos “scratches” de Minas e Rio, um dos mais sensacionais “matches” de foot-ball que se tem ferido no Prado Mineiro. A esta partida estiveram presentes o exmo. sr. Presidente do Estado, pessoas gradas de nossa sociedade e uma vasta galeria que, com entusiasmo acompanhou as phases do jogo, applaudindo delirantemente os lances interessantes que occorriam.¹¹⁹

Por ser o primeiro e pelo resultado considerado normal (derrota, mas com diferença pequena), o periódico tratou o evento esportivo de forma contida, dando ênfase mais à perspectiva social do jogo do que propriamente à competição e rivalidade que ali se iniciava. A segunda partida, porém, muda radicalmente a visão cavalheiresca posta anteriormente nos encontros entre os selecionados dos dois Estados. Tendo acontecido na cidade do Rio de Janeiro, em 8 de setembro daquele mesmo ano, a honra esportiva de Minas sofre um duro golpe. O placar adverso de 13 x 0 dói na alma do orgulho mineiro, e, mesmo não tendo sido encontradas referências pós-jogo nos jornais locais, presume-se o quanto o mesmo impactou a vida esportiva da cidade.

¹¹⁸ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 47.

¹¹⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 mar. 1918. Seção Sports, p.5.

O ano de 1919 reservaria os outros dois encontros. A terceira luta entre mineiros e cariocas deu-se em 10 de agosto de 1919, e o desejo de revanche vem acompanhado por um sentimento de desconfiança quanto a possibilidade da vitória da esquadra alterosa. Na sua seção esportiva, datada de 19 de julho de 1919, o Estado de Minas publicizava o enfrentamento destes dois selecionados, já prevendo o resultado do combate, inclusive apontando possíveis causas para tal. Um trecho da nota sentenciava:

Evidentemente não acariciamos a possibilidade de uma victoria sobre os cariocas, não porque nos falem optimos sportmen, mas, precisamente porque não conseguiu a Liga ainda dar um numero regular de trenos. Ora, a melhor *eleven*, constituida de habeis foot-ballers, sem o treno em conjuncto, sem jogo orientado e combinado, é positivamente um grupo de onze *players* que disputam... derrotas.¹²⁰

A formação do scratch mineiro refletia a influência que Atlético e América exerciam sobre a Liga Mineira. Composto por jogadores dos dois clubes, com o América representando ainda uma porção generosa da esquadra, o selecionado de Minas acendia a rivalidade de outras equipes que reivindicavam igual tratamento. O Yale se posicionava frontalmente contrário à política de formação do conjunto mineiro, e os seus representantes e torcedores não escondiam a insatisfação com tal situação. O pertencimento e a paixão se manifestavam à medida que as cobranças eram publicamente expostas. *O Estado de Minas* informava sobre o recebimento de uma carta, assinada por um “leitor assiduo”, onde podia-se perceber a indignação dos admiradores do Yale por tal fato:

Veio às mãos do redactor sportivo uma carta assignada por um “leitor assiduo”, fazendo censuras acres contra a Commissão de Desportos da Liga Mineira, que excluiu do scratch os elementos do Yale. Não damos publicidade à referida carta por inoportuna [...].¹²¹

Desconhecidos os motivos pelo qual o redator esportivo se negava a publicar a referida carta, resta a suposição de entender como inoportuno ou o conteúdo da carta, ou a postura de críticas à entidade esportiva. Seja qual for a razão verdadeira, todo esta situação confirmava a existência de um jogo de interesses, para além do jogo de bola com os pés, e tornava evidente a construção de um sentimento de identidade por detrás da constituição dos clubes e/ou do selecionado.

Paralelo às críticas, o dia da terceira partida se aproximava. Pouco antes do embate, os periódicos adotavam um tom que, senão otimista, pelo menos mais esperançoso.

¹²⁰ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 19 jul 1919. Seção Sport, p. 3

¹²¹ UM LEITOR assiduo. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, p. 4, 13 ago. 1919.

E, de mãos dadas com a esperança, a sincera vontade de reavivar o orgulho esportivo do Estado, tão alquebrantado pelo vexatório resultado da última partida entre ambos. Assim anunciava a nota:

A nossa equipe está aparelhada para a luta e o treno de hontem deixou-nos positivamente bem impressionados. Depositamos muita esperança na nossa representação sportiva, a melhor, a homogenea e a articulada eleven constituída do que ha de fina flor nos dominios do sport em Minas. Não alimentamos a idéa de uma victoria sobre os Cariocas, mas, tambem, não olhamos com desanimo o nosso conjuncto; ella póde muito bem elevar o nome de Minas na pugna de domingo.¹²²

A incredulidade da vitória mineira contrastava com o desejo de se fazer frente ao “scratch” carioca. O confronto de 1919 é emblemático, pois a equipe mineira faria uma apresentação à altura do orgulho dos “filhos de Minas”, e embora tendo perdido, o placar apertado (2 x 1) demonstrava o esforço e o denodo dos “foot-ballers” mineiros. Esta partida atijou os jornalistas do Estado, que acreditavam no desenvolvimento do jogo da equipe local. Telegramas são publicados na seção esportiva, com o sub-título de “Ecos do Match”, e evidenciavam os pensamentos da imprensa inconfidente. De Uberaba, “adeantada cidade do Triangulo”, o telegrama solicitava: “Pedimos com toda urgencia informações sobre resultado match. Ha grande anciedade”¹²³. A resposta chegou à cidade mineira de Sete Lagoas nos seguintes termos:

De vários pontos chegaram telegramas indagando do resultado da partida. À Liga Mineira de Sete Lagôas chegou um telegrama assignado pelos sportmen do Democrata [...], concebido nos seguintes termos: Perdemos. Victoria moral dos mineiros, cujo progresso sportivo já é um facto! Hurrah!¹²⁴

O progresso esportivo e futebolístico de Minas se constataria no quarto jogo. Mas não com uma vitória. Nunca um empate significou tanto para os ardorosos torcedores mineiros. O resultado de 2 x 2, no campo do Club de Regatas Flamengo, na Capital Federal, em 14 de setembro de 1919, representou a retomada do brio e da dignidade altiva dos futebolistas e dos torcedores de todo o Estado, mas singularmente da cidade de Belo Horizonte. As crônicas das seções esportivas nos periódicos da Capital mineira, após o acontecido, destilavam um teor de desabafo. Era-se capaz de ler, dentre outras considerações, relatos como este:

Depois de uma lucta deveras emocionante e entusiastica, os mineiros empataram o quarto match da “Taça Delfim Moreira”. E nem podia ser por menos; basta corremos um “coup d’oiel” sobre os acontecimentos passados, lembrarmos das

¹²² O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 08 ago. 1919. Secção Sportiva, p. 3.

¹²³ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 12 ago. 1919. Secção Sportiva, p. 3.

¹²⁴ *Idem.*

derrotas soffridas, dos 13 a 0 *apesnamente*, para avaliarmos o quanto vae de contentamento pelas rodas desportivas mineiras. Pensam então os carioquinhos que é só bater! Estão enganados; os mineiros jogam, e jogam de facto. [...] Certamente, virão elles allegando a má organização do scratch carioca formado à ultima hora e a falta de treno em conjuncto, e ainda mais, quem sabe – o juiz! Não, desta e da outra vez aqui em Bello Horizonte o juiz *pintou* com os mineiros. Aqui annullou um goal de Gerson, [...]; e agora lá, marca um goal, conquistado por Pastor, ao receber um passe de Junqueira, visivelmente off-side!! Isto é demais, assim nunca poderemos ganhar uma partida.¹²⁵

Enquanto a partida se desenrolava no Rio, os moradores de Belo Horizonte esperavam ansiosamente o telegrama, com a notícia do placar final. Torcedores ou não, o confronto atraía a atenção de muita gente. A nota do jornal traduzia fielmente o cenário construído na Capital de Minas, e apontava como a rivalidade estava definitivamente instituída neste quarto e último jogo interestadual:

Hontem, à noite, grande massa se estacionou em frente ao telegrapho “afobados” pela noticia do resultado do jogo. A’s 19 horas, o “Estado de Minas” recebeu o seguinte telegramma:

RIO, 14 (A. A.) – Primeiro tempo – cariocas um, mineiros um. Copernico.

Augmentou então a curiosidade dos sportmens, até que, às 20 horas, debaixo de alle goacks e hipp hurrahs, foi conhecido o resultado final [...]. Dizia o telegramma:

RIO, 14 (A. A.) – Empatamos dois a dois. Reina entusiasmo no meio sportivo. Parabens.

Um bond especial percorreu, apinhado de rapazes, as principaes ruas da cidade, em verdadeiro entusiasmo.¹²⁶

O sentimento de rivalidade com o Rio de Janeiro comportava exceções. Pela cidade de Belo Horizonte ter sua população composta por muitas pessoas de outras plagas, mesmo de outros Estados, era natural que determinados agrupamentos desenvolvessem simpatia pelos clubes representativos de suas origens. Mesmo os times cariocas conseguiam gozar de certo apreço por parte dos habitantes da Capital. Em uma partida amistosa, entre o America e o Vasco da Gama, realizada no dia 2 de setembro de 1923, a nota do periódico revelava que a torcida não era exclusiva do time mineiro, e destacava:

Uma colossal assistencia affluu, ante-hontem, ao campo do “America F. C.”, afim de assistir uma das mais brilhantes festas desportivas realizadas nesta Capital. [...] Assim, embora o tempo chuvoso, ficaram repletas em pouco tempo as vastas dependencias do campo, em que se notavam tambem o nosso mundo official e muitas familias de nossa melhor sociedade, que foram, com a sua presença, dar maior realce à festa do Centro da Colonia Portugueza. [...] As phases brilhantissimas da peleja arrancavam, de momento a momento, applausos delirantes da grande massa popular, dividindo-se a *torcida*, naturalmente, em apaixonados pelos visitantes ou pelos locaes.¹²⁷

¹²⁵ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 15 set. 1919. Secção Sportiva, p.3.

¹²⁶ *Idem*.

¹²⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03-04 set. 1923. Secção Desportos, p. 5.

Minha cidade, meu estado, meu país. Certamente, a lógica da posse e do pertencimento contida no futebol se resumia em uma expressão: *meu time*. Ter um clube, uma equipe ou uma seleção que representasse um espaço habitado por valores e princípios particulares a um agrupamento social era também dar vazão a sentimentos intensos, em uma espécie de catarse coletiva (ainda que extravasada individualmente).

O Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1919, evocava os sentimentos de patriotismo e de valores dos filhos da nação, ao incitar a torcida pelo selecionado brasileiro ante as outras seleções sul-americanas. Diante da impossibilidade de estar presente aos campos onde as pugnas se desenrolavam, uma ferramenta da modernidade se apresentava como estratégica possibilidade de “estar presente na ausência”. Os filmes da campanha brasileira no torneio continental são apresentados para deleite dos desportistas belo-horizontinos. Um dos principais cinemas da Capital alardeava a exibição das fitas, e apelava, no seu reclame, para a alma patriótica do povo brasileiro com o intuito de atrair às salas o maior número possível de pessoas. A cena não deixava de ser inusitada: centenas de freqüentadores do cinematógrafo de Belo Horizonte “torcendo” pela seleção brasileira, substituindo o espaço usual do campo de futebol pelo salão elegante do Odeon. Abaixo, a imagem do jornal (Figs. 13 e 14) ilustra a propaganda do filme, que se apropriava da paixão e do pertencimento do torcedor de futebol para angariar lucros na junção de duas práticas modernas: futebol e cinema.



FIG. 13 – Página de reclames do periódico oficial Minas Geraes, 15.06.1919, p.16.



FIG. 14 – Propaganda do filme dos jogos do torneio sul-americano, em destaque.

A figura 13, que mostra toda a página de reclames do periódico, possibilita visualizar a relevância que se dava ao filme, ao ocupar, apenas com a divulgação da fita, praticamente $\frac{1}{4}$ da página. Ao lado, destacada a chamada da projeção das partidas de futebol, várias considerações merecem desdobramentos. Dentre elas, algumas expressões, como “cenas emocionantes de patriotismo brasileiro” e “a alma brasileira vibrando de entusiasmo pelo exito dos nossos jogadores”, marcam claramente a noção de pertencimento, no caso do país, atrelado à idéia de se “torcer ansiosamente”. A rivalidade entre os países sul-americanos acendia a chama da paixão pelo *nosso* país, e como bem diz o texto do reclame, pelos “nossos jogadores”.

Outros flagrantes da associação entre cinema e futebol são revelados pelo periódico *Avante!*, em 1924 (Fig.15). A excursão vitoriosa do Paulistano à Europa despertava o interesse dos mineiros, que “torciam” por um time brasileiro, tendo o filme dos jogos da equipe paulista levado muitas pessoas às salas de cinema da cidade. Outra imagem mostrava a publicidade de uma fita onde o desfile do dia 21 de abril em Belo Horizonte dividia espaço com a exposição de uma partida do América mineiro. O que motivava a ida aos cinemas da Capital era o pertencimento, mais forte no caso do Paulistano, e a paixão clubística, mais evidente no jogo do América. Neste caso, é possível notar como as arquibancadas do estádio americano se encontravam repletas.

HOJE **Odeon e Pathé** HOJE
OS REIS DO FOOT-BALL
 Os dois empolgantes "matchs" que constituíram os primeiros triunfos do CLUB ATHLETICO PAULISTANO, terminando com os brilhantes scores
7 x 2 **3 x 1**
 21 - Partes Sensacionais - 21
 HOJE - EM MANHÃ E NOITE NO ODEON OS REIS DO FOOT-BALL
21 de Abril em Belo Horizonte
 O desembarque do contingente da Marinha Nacional por entre entusiasticas aclamações da grande multidão
 A chegada do Quartel
 Chegada ao Quartel
 A festa no p. basileio
 O vibrante discurso do Sr. Presidente do Estado
 No Stadium do Americas
 O Match de Foot-Ball
 O Goal do America
 O Impresario Della do Conselho da Marinha no Porto da Liberdade, em Continência ao Sr. Presidente do Estado e em Honras de Titular.
Film da BOTEHO-FILM em 3 longas partes
 Quarta-feira, 13 de Maio - No Odeon - Pathé - Avenida

FIG. 15 – Jornal *Avante!*, 10.05.1924, p. 4.

Os caminhos trilhados pelo torcer começavam a se sedimentar. Os anos finais da década de 1910 e os primeiros anos de 1920 compunham um cenário onde a paixão e o pertencimento clubístico possuíam contornos bem delineados. As pistas deixadas pelos periódicos indicam consubstancialmente esta perspectiva. Como fundamental indício deste movimento, é imprescindível o retorno ao debate sobre o comportamento inadequado das pessoas na torcida, ou ainda, como categoria demarcada pelo estudo, sobre os “comportamentos desviantes da assistência”. Os relatos no período são férteis neste sentido. Se, em 1917, o cronista de “O Foot-Ball” alertava sobre os torcedores *enragés*, o começo dos anos 20 consolidava a ocorrência desses personagens. E as críticas aumentavam na mesma proporção dos acontecimentos tidos como indevidos, ao olhar da imprensa. Em 1919, a seção esportiva do jornal “O Estado de Minas”, iniciava uma série de condenações a uma suposta “falta de educação para o torcer”, que iria seguir ao longo da década seguinte. Assim, apontava o cronista que:

Si a attitude manifestamente hostil dos jogadores do Yale merece a nossa reprovação mais ainda reclamamos contra o magote de rapazelhos do bairro do club, torcedores inconvenientes, aggressivos e mal educados. À policia tão mãos elementos de “torcidas” recommendamos os intransigentes afficionados do sport.¹²⁸

Alguns anos depois, *A Gazeta*, ao tratar de um jogo entre o Atlético e o América, confirmava a atitude rotineiramente comum dos torcedores em causar confusões nas archibancadas. Na sua seção esportiva, o periódico, ao retratar especificamente a torcida, afirmava que “o numero de torcedores foi calculado, mais ou menos, em 1500 pessoas, havendo, como ha em todos os jogos, discussões calorosas”¹²⁹. Na mesma seção, um tópico intitulado “A Policia”, demonstrava que a presença de um aparato de segurança já se fazia necessário às partidas de futebol na Capital. Talvez por merecer “francos encomios o modo de agir da nossa policia”¹³⁰, as discussões acaloradas não avançaram para os sururus, brigas e confrontos diretos entre os partidários dos times disputantes.

O clube mais elitizado da cidade obviamente não vê com bons olhos a proliferação de sujeitos oriundos de outras camadas sociais. O América foi o primeiro time a estabelecer o seu próprio policiamento, uma espécie de segurança privada, formado pelos próprios sócios do clube e que, juntamente com a força policial pública e oficial, garantiria a boa ordem no seu *stadium*. O fato foi assim noticiado pela imprensa:

¹²⁸ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 3, 06 ago.1919. Seção Esportiva, p.3.

¹²⁹ A GAZETA. Belo Horizonte, 02 jul. 1923. Seção Sportiva, p.2.

¹³⁰ *Idem*.

No intuito de bem servir ao publico que freqüenta, aos domingos, o seu *stadium*, resolveu o “America F. C.”, em sua ultima reunião da directoria, designar uma comissão de socios encarregada de fazer o policiamento interno de sua praça de desportos. Essa comissão, que terá como distinctivo uma braçadeira verde e branca, agirá de commum accordo com as auctoridades policiaes presentes, no sentido, principalmente, de ser mantido todo o respeito no campo, para inteira garantia das exmas. familias que alli comparecem e perfeito desenvolvimento dos jogos.¹³¹

A presença de sujeitos que estavam à margem dos grupos distintivos é percebida como um dos principais fatores para o surgimento das condutas desviantes. Outros aspectos importantes, que não estavam atrelados à frequência das camadas populares, eram desconsiderados. O aumento significativo do público assistente (dando saltos de 1000 para 5000 ou mais espectadores) e a crescente relação de pertencimento e paixão entre os torcedores e os clubes são exemplos disto. As vaias, trocas de insultos e sururus certamente não eram exclusividades dos moradores da periferia belo-horizontina. Mas o discurso oficial, reproduzido por boa parte da imprensa, culpava mesmo “os de baixo” pela desordem instaurada nos campos de futebol. Sobre isto, Luiz Henrique de Toledo considera:

No que se refere à crescente participação extracampo das camadas populares, precocemente responsabilizadas pelo aumento das transgressões e violências como indícios de uma autonomia e mudanças nos significados mais “nobres”, portanto restritivos, que se queriam atribuir ao futebol, [...] os cronistas esportivos no regime amador frequentemente denunciavam a falta de educação esportiva dos torcedores oriundos dos estratos mais populares.¹³²

Definitivamente, as “torcidas” não se compunham mais apenas pela fina assistência, polida, fidalga e aristocrata. À popularização do futebol, correspondia uma exponencial apropriação dos sujeitos pelos clubes que iam se constituindo pelos bairros da Capital. No caso do Yale, a nota destacava o “magote de rapazelhos do *bairro do club*”. A associação das equipes com uma localidade da cidade fortalecia os laços de pertencimento. Embora a imprensa não oferecesse muita voz aos clubes da periferia, destacando particularmente os “grandes” Athletico e America, foi possível identificar uma série de equipes estabelecidas a partir dos vários bairros de Belo Horizonte. Clubes como o Sport Club Calafate (Calafate), Fluminense Sport Club e Guarany Sport Club (Lagoinha), Sete de Setembro (Floresta) e Yale (Barro Preto) representavam o futebol nos espaços periféricos da cidade.

¹³¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03 ago. 1923. Seção Desportos, p.12.

¹³² TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 55-6.

A identidade espacial não era a única, no entanto. O surgimento de clubes com vínculos diversos também passou a ser algo relativamente comum. Para além das equipas oriundas de imigrantes e descendentes, como o Palestra Itália, o Lusitano e o Sírio Horizontino, alguns clubes representativos de setores da sociedade ganhavam vida, ainda que com menor importância, como por exemplo os clubes de futebol dos Motoristas e do Graphico¹³³, que dispensam maiores explicações quanto à origem de seus nomes.

Todo este universo de equipas coabitando o mesmo espaço revelava o fortalecimento da relação identitária das pessoas com os clubes. Ao lado do desenvolvimento das condutas desviantes, este processo também se constituía por outros acontecimentos. Acompanhar os times de sua preferência se tornara algo tão importante para os torcedores, que não demorou muito para que as cobranças e exigências de desempenho, por parte dos jogadores, acontecessem. Se a paixão da torcida fazia nascer ídolos esportivos, o mesmo sentimento reivindicava o adequado comportamento de tal posição. Uma correspondência, enviada ao redator esportivo do *Estado de Minas*, Arthpin, e assinada pelo “camarada Minotti”, é surpreendentemente reveladora de uma atitude passional. Pela importância do teor, quase todo o conteúdo da carta é aqui transcrito:

Meu caro Arthpin, saúdo-te. Sem pretensões a glórias [...], venho, meu bom amigo, revelar-te um facto, de cuja gravi...dade deixo a ti os commentarios. Acabo de descobrir o microbio da “lazeira” ou inercia que ora se manifesta pavorosamente nos nossos sportmen! Á primeira vista, dirás que estou doído ou regulando como o relógio da nossa estação de Bonds, mas, nem uma cousa nem outra é verdade, e, para dar-te as provas do que affirmo, vou descrever os factos como de “facto” (não julgues que seja recurso por de “facto” e de “direito”), se passaram. [...] Pois bem meu amigo, sem empregar microscopios e lentes (de vidro, naturalmente), capazes de descobrirem um boi numa gota de sangue, descobri o tal “bacillo” da “lazeira”, “fundura”, cançasso, etc. e queres que te revele o seu (do bacillo) nome? Chama-se “Bagageiro” (sympathico nome) e advém dum baile que, todos os sabbados, se realiza na Avenida São Francisco. Pois lá, meu Arthpin, se reúnem todos os “moleques de cheiro” dos nossos principaes Clubs de Foot-ball e é um gozo apreciar o B... tangando, com uma zinha; o I... dançando o “corridinho” (Rag-time) com a outra; o L. G... dizendo graçolas ás Mlles.; o B. 2º... deitando pose e, finalmente, o D... sorrindo e “bancando amabilidades” [...] – e o resultado é dançarem até os primeiros albores do domingo e ao treno mesmo, “cadê gente!”. [...] Se teimarem em lá ir no proximo sabbado, ver-me-ei obrigado a enviar-te uma relação com os nomes dos “gangolinas” [...]. Com estas “injecções” é provável que se extinga o “marvado” bacillo. Até logo e queira-me bem.¹³⁴

Ao utilizar o pronome possessivo *nosso*, para designar *sportmen* (jogadores) e os principais clubes de futebol, Minotti lança mão do pertencimento para assumir uma posição de vigilância legitimada, quanto à conduta inadequada dos *footballers* belo-horizontinos. Por não explicitar os nomes dos atletas e nem tampouco a qual time eles pertenciam, não se pode

¹³³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 29 out.1925. Seção Desportos, p.9.

¹³⁴ O ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 27 ago. 1919. Seção Sportiva, p.3-4.

afirmar que a razão de tal postura do autor da carta tenha sido motivada pela torcida por um dos clubes, mas ainda assim, expunha um novo modo de relação entre torcida e jogadores.

Outro fato relevante, no processo de implementação do mundo esportivo de Belo Horizonte, esteve na criação da Associação Mineira de Cronistas Desportivos (A.M.C.D.). Ter, na imprensa, um espaço próprio para abrigar jornalistas que se interessavam e se envolviam com as coisas do esporte e do futebol, era indicativo da força com que estas práticas se constituíam na vida da cidade. A A.M.C.D. procurava incentivar o gosto pelo esporte, e o fazia por meio dos periódicos e revistas da Capital, bem como da realização de campeonatos que atingiriam grande alcance, a exemplo do “Torneio da Imprensa”. Na comemoração do seu 3º aniversário, em julho de 1921, a Associação realizava uma sessão solene, na qual compareceram “os representantes da Liga Mineira, de diversos clubs da Capital e crescido numero de associados”¹³⁵. A influência mostrada pela presença de importantes atores do mundo esportivo e pelo aumento de associados apontava no sentido de uma instituição que infundia respeito e consideração.

A A.M.C.D. foi a responsável pela legitimação de uma prática corrente entre os torcedores. Ainda que os periódicos não reservassem espaços para noticiar as apostas que os torcedores faziam, jogando com a sua paixão para ganhar (ou perder) dinheiro, é de se imaginar que os jogos de azar também ocorriam no ambiente futebolístico. A Associação Mineira de Cronistas Desportivos, que certamente não coadunava com a possibilidade da aposta em dinheiro, criaria então o “Concurso de Palpites”, entre os seus associados. Durante todo o campeonato de futebol da Liga Mineira, os membros da A.M.C.D. faziam previsões dos placares dos jogos, com uma determinada pontuação dada a cada acerto. O “Concurso de Palpites” era levado tão a sério que, de fato, a competição entre os participantes era acirrada, sendo ao final, o campeão premiado com uma taça.

Minotti, o autor da carta acusatória de 1919, mostrava que realmente estava inteirado acerca dos assuntos do *Association* na Capital. Participante do Concurso de Palpites em 1921, assumia a liderança da competição, em meados do campeonato da Liga naquele ano. Com 27 pontos já conquistados, assim ele cravou os seus palpites para a rodada que tinha os jogos America x Athletico, Sete de Setembro x Guarany e Palmeiras x Hellenico: Athletico 2 x 1 America; Sete 3 x 0 Guarany; Hellenico 2 x 1 Palmeiras.¹³⁶ Chama a atenção o fato de Minotti ter sido o único a creditar uma vitória para o Atlético, no jogo com o rival América. Dos outros participantes, seis marcaram uma vitória para a esquadra alvi-verde do América e

¹³⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, p. 5, 31 jul. 1921. Seção Desportos, p.5.

¹³⁶ *Idem*.

apenas um confiava em um empate¹³⁷. Se ele tinha preferências pelo Atlético ou não, esta é uma questão irresponsável pelos periódicos, mas tudo leva a crer que o vigilante cronista/torcedor nutria mesmo uma certa simpatia pelo alvinegro belo-horizontino.

O campeonato de 1925 fechava um período de sedimentação das “torcidas” da Capital, marcadas pela concentração da maior parte das pessoas entre dois principais clubes: Atlético e América. O embate entre ambos mobilizava grande número de simpatizantes e representava o principal indicio da constituição do torcer em Belo Horizonte. Prova disto estava na forma como a partida entre estes times era anunciada, na disputa da taça de campeão mineiro:

FOOT-BALL – CAMPEONATO DE 1925 – Bronze “Pharmacia Americana” – Prosseguem com muita animação os jogos do campeonato de foot-ball do corrente anno, da Liga Mineira de Desportos Terrestres. No proximo domingo teremos um sensacional encontro entre os dois clubs de maior “torcida” de Bello Horizonte – o America e o Athletico. [...] Tudo faz crer que o proximo jogo leve ao campo uma assistencia consideravel.¹³⁸

Este período também encerra o decacampeonato americano. O clube da elite da cidade conquistara todos os campeonatos da Liga Mineira entre os anos de 1916 e 1925, angariando torcedores mesmo em outras classes sociais devido ao estrondoso sucesso esportivo alcançado. A ascensão do Palestra, que começava a se abrir, lentamente, a não imigrantes e descendentes italianos e a enorme popularidade do time atleticano demarca uma outra fase do futebol belo-horizontino, com novas rivalidades, campeões e acontecimentos singularmente importantes para uma reconfiguração no papel das torcidas.

Este novo momento será objeto de análise do próximo capítulo, que debaterá sobre as mudanças e permanências do torcer no recorte temporal de 1926 a 1930. Neste período foi possível observar uma efervescência das práticas que orbitavam o universo do futebol, promovendo uma outra possibilidade de apropriação do esporte, fundamentalmente quanto às torcidas.

¹³⁷ A partida terminaria empatada em 1 x 1.

¹³⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10 jun. 1925. Seção Desportos, p. 12.

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE TORCEDOR NA CIDADE MODERNA: “A RAINHA DOS SPORTS, OS SURURUS E A VICTORIA QUE O SOL NÃO VIU”- (1926-1930)

America F. C. – Dada a situação de decadência a que chegou esse outr’ora modelar gremio, é de esperar-se que seus actuaes directores se movam no sentido de impedir o total desmoroamento do glorioso club. [...] Saibam os desportistas do America que seria crime imperdoável o desaparecimento, por sua incuria, dessa instituição que sempre honrou, honra e honrará o meio desportivo e social de Bello Horizonte.¹³⁹

O trecho da nota escrita por “Carpas”, articulista esportivo do *Correio Mineiro*, atentava para a possibilidade de declínio do clube decacampeão da cidade. A perda do título do campeonato de 1926 para o Atlético e o franco desenvolvimento do Palestra faziam acender a preocupação dos muitos simpatizantes do vitorioso alvi-verde. A segunda metade da década de 1920 é indicadora de uma profunda mudança no futebol em Belo Horizonte. A quebra da hegemonia americana representava apenas um dos vários elementos que emergiram neste período. À reboque destas transformações, obviamente, estavam os sentidos e significados atribuídos ao torcer, mais intenso e abrangente que os anos anteriores.

Mais do que propriamente uma modificação nos modos de “torcer”, os novos comportamentos e situações registravam uma hipertrofia daquilo que havia sido construído pelo que se convencionou chamar de *torcida*. A idéia de espetáculo e diversão, a participação da mulher, os sururus e a própria noção de pertencimento e paixão clubística são alçados a uma dimensão inimaginavelmente grandiosa.

O início do ano de 1927 trouxe um acontecimento que iria impactar toda a cidade de Belo Horizonte, mobilizando milhares de pessoas em torno dele. Talvez sequer o próprio *Correio Mineiro* não imaginasse o sucesso que alcançaria o concurso instituído por ele, denominado “Rainha dos Sports”. A idéia era relativamente simples, e consistia na escolha de uma das senhorinhas representantes dos principais clubes de futebol da Capital. A mais votada, ao final da promoção, obteria o título de a “Rainha dos Sports”. Os clubes ofereciam os nomes de suas “Rainhas”, escolhidas por critérios diversos. Destarte, havia as “Rainhas do Atlético”, as “Rainhas do Palestra”, e assim por diante. Melhor explicado pelas palavras do articulista da nota, na edição em que se lançava a proposta do concurso:

Iniciamos hoje o nosso concurso para sabermos qual será a Rainha do Sport em Bello Horizonte. O votante deverá encher o coupon que publicaremos diariamente, escrevendo o nome da candidata, o club de que a mesma é “torcedora” e o seu nome. Este coupon deverá ser remetido ao redactor sportivo do CORREIO

¹³⁹ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 18 nov. 1926. Seção Jogos e Desportos, p. 3.

MINEIRO, para a nossa redacção, ou para a caixa postal nº. 134. A apuração será feita aos sabbados e o resultado será publicado diariamente. As candidatas collocadas até o 3º lugar serão premiadas com lindos premios que vamos instituir brevemente e terão, tambem, estampada em nossas columnas sua photographia.¹⁴⁰

Para se ter uma noção da tamanha aceitação do público por parte deste evento, as notas da seção esportiva vibravam os ecos de tal movimento:

O NOSSO CONCURSO – QUAL SERÁ A RAINHA DOS SPORTS EM BELLO HORIZONTE? Cada dia que passa e o entusiasmo dos nossos desportistas augmenta pelo resultado final do nosso concurso para a eleição da Rainha dos Sports em nossa capital. O sport, tambem, necessita de uma imagem que guie os seus atletas no campo de lucta e é por isso que tomamos esta iniciativa, que felizmente foi recebida com applausos geraes pelo mundo sportivo horizontino. Diariamente augmenta o numero de candidatas ao titulo de Rainha dos nossos Sports. Hoje já temos uma nova candidata, a senhorita Sylvia Maia, do Club Ludopedio Calafate. O Club Athletico Mineiro apresenta mais uma candidata na pessoa da distincta senhorita Lucia Morandi, que hoje começa a ser votada.¹⁴¹

Certamente, o periódico vislumbrou, na paixão clubística, uma forma de obter lucros. Cada voto representava a compra de um exemplar do jornal, haja vista a necessidade do cupom da promoção (Fig. 16) ser recortado para posterior depósito nos locais indicados. Enxergava-se também, no concurso, uma possibilidade da demarcação de um campo de forças, onde a “Rainha dos Sports” acabaria por representar a torcida mais influente.

CONCURSO DO CORREIO MINEIRO

Qual será a Rainha dos Sports em Bello Horizonte ?

Nome

Club

Votante.....

FIG. 16 – Cupom do concurso “Rainha dos Sports”. *Correio Mineiro*, 01.03.1927, p. 2.

O resultado do concurso não deixava nenhuma dúvida acerca do seu sucesso. O exemplar do dia 2 de abril anunciava a tão esperada vencedora. Na 1ª página, quase completamente tomada por comentários, fotos e notas referentes ao concurso, podia-se ler:

RAINHA DOS SPORTS – DIVA DA FORÇA E DA GRAÇA

Rumorejou em largas ondulações de fremente entusiasmo a aclamação da Rainha dos Sports, cujo sceptro foi ter às mãos de Nenen Aluotto. Os eleitores da graciosa soberana fizeram vibrar os corações em fogosas expansões de alegria, debulhando em alacres clamores de triumpho a satisfação que produziu a noticia do resultado da

¹⁴⁰ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 17 fev. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 2.

¹⁴¹ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 01 mar. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 2.

ultima apuração, processada na séde da Liga Mineira. Não obstante o caloroso empenho – nunca verificado em certamens desta natureza, em Bello Horizonte – com que foi disputada a realza dos sports, dando cada grupo, cada club o maximo de seus esforços pela collocação de sua candidata no concurso, o pleito defluiu num ambiente de perfeita serenidade, sem o menor incidente que o tísasse. [...] Estamos satisfeitos com o exito do nosso certamen, que tão bem impressionou a sociedade de Bello Horizonte.¹⁴²

O título coube à torcedora do Club Athletico Mineiro, senhorinha Nenen Aluotto. O que mais impressionava, no entanto, era a quantidade de votantes, e a diferença da primeira colocada para as demais. Nada menos que 86 mil votos foram computados na apuração final. Ora, levando-se em consideração os censos de 1920 (55.563) e de 1930 (116.981), é possível estimarmos a população de Belo Horizonte no ano de 1927 em torno de 90.000 habitantes. 86.000 mil votos representava a quase totalidade dos moradores da cidade, e mostrava realmente a força de mobilização que o concurso atingira. As segunda e terceira colocadas receberam o título de *Gran-Duquezas*, cabendo às senhorinhas Horizontina Frederici (Palestra) e Amelia Vanucci (Fluminense) respectivamente, tal distinção. As fotos estampadas na primeira página do jornal (Fig. 17) ilustravam a importância do evento, e cumpriam uma das promessas de premiação da disputa.



FIG. 17 - Correio Mineiro, 02.04.1927.

¹⁴² CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, p. 1, 02 abr. 1927.

A realização deste concurso é revelador de muitos aspectos acerca do torcer em Belo Horizonte. Primeiramente, o caráter de time popular posto sobre o Club Athletico Mineiro parecia se confirmar. A quantidade de votos destinados ao clube não deixava margem para dúvidas quanto a isto. Apenas a vencedora obteve 34.471 votos - bem mais que a soma das gran-duquezas, 17.801 e 4.785 respectivamente – porém, somando-se todos os votos destinados às torcedoras do Athletico, tem-se o expressivo número de 35.056, o que equivale dizer que 40% do montante de votos tomaram a direção da equipe alvi-negra.

Por outro lado, o America justificava a preocupação de parte da imprensa e da torcida quanto à sua decadência. A americana melhor colocada no concurso ficou com a pouco honrosa colocação de sétimo lugar, com 3.285 votos recebidos. Ao todo, o clube alvi-verde arrebanhou 5.194 indicações, distribuídas entre as candidatas que o representavam. Percentualmente, o time da elite conseguiu obter pouco mais de 6% dos votos, ficando atrás do clube da colônia italiana, o Palestra, que obteve 18.220 indicações (21%).

A seriedade e a lisura do concurso era algo recorrentemente anotado pelo periódico, que fazia questão de se mostrar isento e imparcial durante todo o processo. Isto de fato era tão importante, que a foto da apuração feita na sede da Liga Mineira (Fig. 18), indicava a presença dos representantes de todos os clubes participantes.



FIG. 18 - *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, p. 1, 02.04.1927.

Ainda assim, a ocorrência de protestos e questionamentos sobre o resultado não deixavam de acontecer, como indicado na própria nota referente ao concurso, ao relatar que:

Tendo surgido uma reclamação do club Sete de Setembro a respeito da apuração de ante-hontem, convidamos os representantes do Fluminense e do club reclamante para comparecerem hoje à nossa redacção, [...] afim de verificarem o resultado obtido pelas suas candidatas.¹⁴³

A idéia de *torcida* atrelada à realização do concurso ficava evidenciada na marcha composta especialmente para a “Rainha dos Sports”. Na letra da canção, trechos pontuais demarcavam a associação das representantes femininas dos clubes com o ato de torcer por eles. Na íntegra, a marcha intitulada *Rainha dos Sports*, composta pelo maestro J. J. Santos, assim foi apresentada:

I

O Sport em Minas Geraes,
Prosegue a passos ligeiros,
Não retrocede jamais
O valor de seus arqueiros.
A Rainha dos Sports,
No reinado da “torcida”,
Torna os mineiros mais fortes:
Minas não será vencida!

.....
Marchando alegres para a lucta
Confiantes numa victoria bem sucedida,
Seguem cantando para o campo,
Delirantes pela conquista da gloria,
Esforçando, custe a vida.

II

A Rainha dos Sports,
Com seu sceptro empunhado,
Dirige as “torcidas” fortes,
Tornando o jogo animado.
O nosso grande valor
Ha de ser mui respeitado,
Minas luta com ardor
Pelo pavilhão amado.

.....
Marchando alegres para a lucta
Confiantes numa victoria bem sucedida,
Seguem cantando para o campo,
Delirantes pela conquista da gloria,
Esforçando, custe a vida.¹⁴⁴

O refrão expõe o máximo sentimento de paixão que se possa ter por um time, frente ao apontamento do esforço de uma torcida, ainda que à custa da própria vida. Ser torcedor ou torcedora de um clube passava a significar, naquele instante, um comportamento

¹⁴³ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, p. 1, 02 abr. 1927.

¹⁴⁴ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 02 abr. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 2.

mais ativo de incentivo pela vitória, bem como da defesa dos interesses pelas côres do time predileto. A entrevista dada ao periódico pela recém eleita *Rainha dos Sports* e torcedora atleticana Nenen Aluotto demonstrava o pertencimento arraigado pelo clube, onde em um trecho se destacava:

- Qual o sport de sua predilecção?
- Para assistir, prefiro o “foot-ball”, para jogar “cap-ball”.
- Torce ha muito pelo Athletico?
- Ha muito tempo!
- Depois do Athletico, qual o club da sua sympathia?
- Gosto de todos os clubs.
- Na sua opinião, qual o club que levantará o campeonato deste anno?
- O Athletico, está visto!¹⁴⁵

E a jovem torcedora, de 14 anos incompletos, não ficava apenas no discurso. Frequentadora assídua dos campos horizontinos, especialmente aos jogos do Athletico, Nenen Aluotto encarnava o espírito de torcedora, incentivando e sofrendo pelo seu clube de coração. Nas fotos abaixo (Figs. 19 e 20), a menina de alma alvi-negra posava junto aos campeões de 1926, um ano antes da realização do concurso, e em 1927, na conquista do bicampeonato.



FIG. 19 – Foto do Club Athletico Mineiro, campeão de 1926. Acervo Clube Atlético Mineiro.

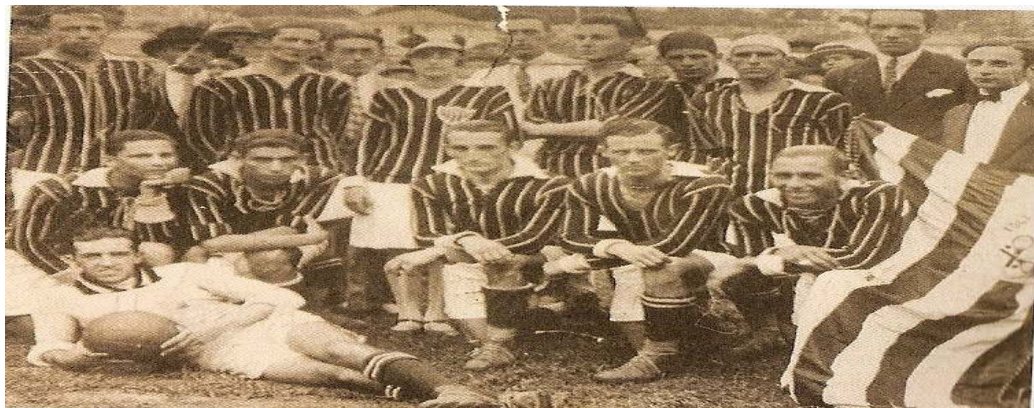


FIG. 20 – Foto do Club Athletico Mineiro, campeão de 1927. Acervo Clube Atlético Mineiro.

¹⁴⁵ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 23 abr. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 2.

A conquista do bicampeonato em 1926-1927 pelo Club Athletico Mineiro acentuava a rivalidade entre este clube e o America. A presença do Palestra criava uma nova percepção de luta e oposição, mas não dirimira a antiga emulação existente entre os tradicionais times da Capital. O semanário “independente, humorístico e desportivo” *Gazeta Esportiva*, explicitava a posição de rivais históricos que Athletico e America possuíam. A manchete da primeira página enfatizava tal condição, ao estampar:



FIG. 21 – Chamada da 1ª página do jornal *Gazeta Esportiva*, em 10.12.1927.

A importância deste confronto também poderia ser medida pelas palavras do jornalista, ao descrever na nota referente do embate entre Athletico e America que “o jogo de amanhã é esperado com grande ansiedade nas rodas esportivas de Bello Horizonte: Os teams do America e do Athletico sempre que se encontram, revolucionam o desporto mineiro”.¹⁴⁶

No periódico *Minas Geraes*, o dia seguinte ao jogo revelou a proporção que o mesmo tomara na vida esportiva da cidade. Na nota da seção *Desportos*, lia-se que:

Foi uma das mais empolgantes a lucta que se travou ante-hontem entre os dois antigos rivaes, portadores de nomes gloriosos no desporto mineiro: - America decacampeão, e o Athletico, bi-campeão. A pugna entre os dois leões, trouxe á tarde de domingo, para os amantes do desporto bretão, momentos deslumbrantes de emoção e de entusiasmo. [...] A tarde de domingo foi, pois, a melhor que até hoje temos assistido. Ardorosa na “torcida”, uma multidão calculada em 5 mil pessoas, se comprimia nas archibancadas e logares adjacentes do “stadium” da av. Paraopeba e, de instante a instante, milhares de vozes, sobresahindo-se a do elemento feminino, animavam os valentes “players” que se batiam em uma lucta renhida. [...] Entre o elemento feminino que ornamentava as archibancadas do alvi-verde, destacava-se a senhorinha Nenem Aluotto, rainha dos desportos, e a mais entusiasta do campeão de 1927.¹⁴⁷

Em 1928, o encontro entre os quadros do Athletico e do America não despertavam menor entusiasmo daquele ocorrido no ano anterior. Na visão do periódico *Minas Geraes*, “[...] O renhido embate, realizado no belo “stadium” do America, cujas obras se acham quase concluidas, foi assistido por uma multidão que podia ser calculada em perto de 15.000 pessoas.”¹⁴⁸ A percepção da quantidade de público se tornara um importante referencial do

¹⁴⁶ GAZETA Esportiva. Belo Horizonte, p. 1, 10 dez. 1927.

¹⁴⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 12-13 dez. 1927. Seção Desportos, p. 9.

¹⁴⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10/11 set. 1928. Seção Desportos, p. 8.

status que algumas partidas alcançavam. Neste sentido, Atlético e América reuniam sempre uma considerável massa de torcedores. Algumas divergências entre o tamanho do público eventualmente ocorriam entre os periódicos, que não dispunham de um instrumento de medição preciso. Neste mesmo jogo, o “semanário de sports e humorismo”, *O Pirolito*, estampava, na primeira página, uma fotografia do aspecto das arquibancadas do inacabado estádio americano, realmente repleto (Fig. 22). Observava-se, na chamada da reportagem, o destaque dado aos 12.000 assistentes, uma diferença de 3.000 pessoas, comparando-se com a nota do *Minas Geraes*.



FIG. 22 – Manchete da 1ª página do periódico *O Pirolito*, 10.09.1928.

A estruturação cada vez mais sedimentada da rivalidade permitia a construção de personagens emblemáticos nas torcidas pelos clubes da cidade. Um deles era Joanesio Moreira, “conhecido nas rodas athleticanas por Bahiano”. No momento que precedia ao jogo entre Athletico e America, o afamado torcedor fazia as suas previsões sobre o resultado da

partida, obviamente favoráveis à equipe alvi-negra. Em uma curta entrevista concedida ao periódico *Gazeta Esportiva*, Joanesio afirmava:

- Então “seu” Joanesio, que nos diz do jogo Athletico x America.
- Que posso eu lhe dizer, senão que confio na victoria do meu club? Meu team está preparadissimo. Posso affirmar que poucas vezes os athleticanos pisarão o gramado com tão accentuada probabilidade de exito. A victoria do meu club é infallivel, não obstante termos alguns jogadores afastados das lides sportivas, nestes ultimos dias por causa dos exames. [...] Mas isto não difficultará o nosso triumpho, infallivel, certissimo. Tanto assim é que já arrisquei e arriscarei ainda qualquer coisa... E o Bahiano esboçou num sorriso esperto, de águia, para nos reptar:
- Quer apostar uns duzentos? Experimente.¹⁴⁹

Continuando na tarefa de colher impressões prévias a respeito do encontro entre “os dois maiores rivaes das alterosas”, a *Gazeta Esportiva* garimpava falas importantes (e inusitadas), como a do *forward* do America, Alfredo Moreira, conhecido como Canhoto. Instigado a opinar sobre o jogo, Canhoto desabafava:

- Vocês sabem que em jogo eu não dou partido a ninguem. O jogo é jogado. Além disso minha “pequena” vae ao campo amanhã. E olhem: é uma “americana do papo amarello”. Se eu fizer feio estou arriscado a tomar o fôra.¹⁵⁰

Tanto no torcedor atleticano Joanesio como no atacante americano Canhoto, a idéia de pertencimento surge de forma contundente. Seja pela paixão extremada pelo clube, que fazia o sujeito apostar folgadoamente duzentos réis, ou pelo amor à “torcedora” que ganhara o coração do jogador, a torcida se manifestava mais ativa e intensamente quando os times rivais se confrontavam no campo de batalha esportivo. Se a disputa fazia nascer sentimentos elevados nos sujeitos da torcida, o resultado do embate gerava desdobramentos que evidenciavam a paixão e o pertencimento clubísticos, percebidos no entusiasmo da vitória ou na dor da derrota. A partida final do campeonato de 1927 entre os Alvi-Negros e os Alvi-Verdes, embora já sendo campeão o Athletico, dividia a cidade em duas côres e duas paixões distintas. E o placar iria induzir a uma série de posturas dos dois lados. A vitória do América por 3 x 2 causaria reações diversas em muitos torcedores. Na seção *Schools*, a *Gazeta Esportiva* dava vazão às sensações pós-jogo, e reportava:

Na Avenida Paraopeba, bando de alegres mocinhas, caminhavam em demanda da cidade. Um as deixavam transparecer visiveis traços de uma profunda tristeza, motivada pelo resultado do jogo entre os grêmios americano e alvi-negro. Outras numa incontida alegria embevecidas pela victoria do quadro alvi-verde, enflorava aquella avenida com seus gestos graciosos, acompanhados daquelles sorrisos que demonstram uma alegria sem par. Estacionados como maliciosas estatuas de sal, a sorrirem dos torcedores do club vencido, estavam o Farah, o Scarpelli, Longo e

¹⁴⁹ GAZETA Esportiva. Belo Horizonte, p. 1, 10 dez. 1927.

¹⁵⁰ *Idem*.

Rubem. Junto a elles passa um grupo de torcedoras do Athletico. O Scarpelli, que é um segundo D. Juan, dirige a uma daquellas “pequenas”, uma “piada”. Aquella, vivamente irritada, abalada ainda pela derrota do seu club, responde-lhe: - O senhor pensa que o Athletico apanha de 9 x 2 como o Palestra, “seu” italiano?¹⁵¹

A incontida paixão tornava colérico o mais fleumático simpatizante. No caso específico de Flexa, alcunha de um dos jogadores do América, a linha que dividia o *footballer* do torcedor era extremamente tênue. A sua atitude após a partida contra o Atlético foi assim narrada:

Foi no domingo, dia do jogo America x Athletico. Tinha terminado o jogo com a victoria do alvi-verde. Tomado de extranha sensação o Flexa que é americano do papo... vermelho, confunde-se com a torcida e invade o campo, pulando como um macaco e dançando divinamente o charleston. O nosso “homenzinho”, toma afinal a frente dos seus collegas e virando-se para as archibancadas da torcida athleticana, dando pulos, torcendo o bigodinho e vermelho como um peru, grita: - Ide! E dissei a toda a gente, que o America “esculhambou” o Athletico.¹⁵²

Cada torcedor produzia uma forma peculiar de lidar com as vitórias e derrotas do seu clube favorito. Em muitos casos, a religião e o misticismo supersticioso eram invocados na tentativa de explicar os motivos pelo fracasso do time pelo qual se torcia. Era assim que a senhorita D.Horta e o “rapaz” Renato justificavam o revés do Atlético ante o rival América, devidamente descrito pelo atento cronista esportivo:

Tinha acabado o jogo. Os torcedores desciam apressadamente as archibancadas, abatidos, no intimo, por uma forte emoção. Moças e rapazes confundiam-se na ansia de chegarem primeiro ao pateo e dahi expandirem suas impressões sobre o jogo desenrolado, aos conhecidos e ate mesmo aos players contendores. A senhorita D. Horta, vivamente contrariada com a derrota do Athletico, falava ao Renato, da surpresa que lhe causou o resultado dessa partida. Accusa Renato como culpado, por não ter, naquelle dia, rezado um pouco. O rapaz, procurando defender-se, mostra uma pequena photographia e disse: “Enquanto eu conservei esta photographia de cabeça para baixo, o Athletico marcou dois goals”. A photographia era de... Franco, um dos players do Athletico. O Franco é “pesado” mesmo.¹⁵³

O bicampeonato de 1926-1927 do Athletico, e a conquista dos títulos de 1928-1929 pelo clube italiano revelavam uma nova composição de forças rivais e acentuava a disputa entre ambos. Se a primeira metade da década de 1920 assistiu à consolidação do acirramento entre America e Athletico, a outra metade celebrou a construção de uma rivalidade que se tornaria histórica. Os jornais da época regurgitavam de notícias sobre este confronto, e anunciavam a intensa movimentação na cidade, em instantes que precediam o esperado embate. Uma das formas mais explícitas de paixão entre os clubes estava no ato de apostar. E apostar começava a fazer parte da rotina dos jogos de futebol em Belo Horizonte,

¹⁵¹ SCHOOTS. *Gazeta Esportiva*. Belo Horizonte, p. 2, 17 dez. 1927.

¹⁵² ENTRE TORCEDORAS. *Gazeta Esportiva*. Belo Horizonte, p. 2, 17 dez. 1927.

¹⁵³ *Idem*.

principalmente quando os grandes se enfrentavam. A partida entre o Palestra Itália e o Athletico Mineiro, em junho de 1930, exemplificava este estado de coisas, como na descrição do anúncio do jogo pela seção esportiva do *Minas Geraes*, que trazia:

Sim, é hoje. Data historica. O maior dia deste anno. Gente vibrando de entusiasmo puro. E outros misturando entusiasmo com ambição. Grandes apostas no Athletico e no Palestra. Segunda-feira, novos ricos. E sujeitos tristes, exactamente como aquelles que gastam tudo no Carnaval. Shoot valendo dinheiro. Apostas de contos de réis. Mas si o jogador fôr profissional, campanha contra elle. Que importa! São os apostadores que animam o jogo com as brigas.¹⁵⁴

Fazia-se de tudo na torcida pelo time predileto, ainda mais quando esta “torcida” valia alguns milhares de réis. Estar presente em campo, gritando e vibrando (ou brigando, como indicava a nota acima) com o desenrolar do jogo, nem sempre era suficiente para garantir a conquista da vitória. Os casos de “ajuda espiritual” surgiam como recurso de incentivo, principalmente quando as apostas em dinheiro se associavam ao torcer. O periódico *Goal* apresentava uma matéria intitulada “Macumba”, que bem ilustrava a situação apontada. Nela, o texto traz à tona reveladores e importantes hábitos constituídos pelos torcedores, nos anos finais da década de 1920:

Os torcedores do Palestra e do Athletico fizeram apostas a semana inteira. Dentro dos cafés, muita gente sonhou com a victoria do club e com melhores planos de restauração financeira. Essa grande agitação foi principalmente notada pelas agencias de loterias, prejudicadas com o grande interesse despertado pelo jogo de domingo. Ganhar dinheiro torcendo, é muito mais agradável do que esperar que as bolinhas cahiam com o numero. A semana foi péssima para os cambistas. [...] Emquanto o pessoal casava os cobres aqui na Avenida, Braulino, o mais inspirado e subtil dos apostadores, embarcou para Matheus Leme. Queria que um velho feiticeiro garantisse a victoria que elle, cheio de entusiasmo, já desejava ao Athletico, apostando nelle mais de quinhentos mil réis. E Braulino ouviu surprehendido, esta resposta:
- É moço, ocê veio tarde. Já teve aqui o sr. Hugo Savassi, que me pediu p'ra pôr os pausinhos p'ro Palestra ganhá.¹⁵⁵

A verdade é que, na disputa entre Braulino e Hugo Savassi, o palestrino comemorou a vitória do seu time com alguns tostões a mais no bolso. Obviamente, a influência do “velho feiticeiro” no placar do jogo (o Palestra venceu por dois a um), não pode ser aqui apontada como determinante no resultado, mas certamente muitos torcedores viajaram a cidade de Matheus Leme em partidas posteriores.

A crônica desta partida no *Minas Geraes* é a narração precisa do movimento estabelecido pelo torcer na Capital mineira, e indica elementos fundamentais para a

¹⁵⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 01jun. 1930. Seção Desportos, p. 12.

¹⁵⁵ GOAL. Belo Horizonte, p. 3, 02 jun. 1930.

compreensão do lugar ocupado pelo futebol e pelas torcidas na cidade. Nela, o cronista vai da expectativa que antecede o jogo à frustração e alegria dos torcedores. Sobre os momentos que antecediam ao confronto, o texto descrevia:

Quasi que não havia missa das dez. O povo tinha pressa de ver si o Athletico, naquelle dia bellissimo de ante-hontem, conseguiria desfazer a influencia da sua falta de sorte tradicional. Os retardatarios sahiram da egreja ás onze horas e correram para o campo. As archibancadas já estavam cheias. Cedo ainda, havíamos assistido os preparativos da comissão de Finanças do Athletico, dirigida por Fabio Brant. O thesoureiro escalava os auxiliares, distribuindo malas, que em poucos instantes se encheram assombrosamente com os cobres daquela torcida apressada. Vinte mil pessoas. Ninguem contou. Mas toda a gente calculava assim. E o proprio Mario de Castro, que é espírito observador, tambem affirmava: - Eu previa esta assistencia. Eu sabia que hoje isto ia ficar assim. Alda e Natividade, sem tempo de almoçar, comiam biscoitos, com uma naturalidade que já estava chamando a atenção de todos. Benedicto, da Imprensa Official, estava firme no meio de umas athleticanas bonitas, que elle descobriu e conquistou no Barro Preto. Já não havia logares. Tudo apertado. Por isto, houve indignação quando uma mulher enorme, typo Studebacker, foi pedindo licença e derrubando gente no caminho. A hora do jogo veio, poderosa, destruindo todas as atenções dispersas. Fazendo esquecer as contrariedades da vida. Approximação da hora tragica. Comparações passadistas dos minutos que são eternidade. Arrepios no corpo. Physionomias mostrando a inquietação interior. Nervos, fios encobertos de electricidade (nós andavamos doidos para escrever isto). Ansiedade de sujeitos malucos que fizeram apostas.¹⁵⁶

Como não há uma estatística oficial de público para esta partida, os vinte mil presentes poderiam representar um exagero entusiástico do cronista, mas apontava para uma quantidade considerável de pessoas na assistência do jogo. Para se ter uma idéia, praticamente 20% da população da cidade estaria presente ao campo. Para efeito de comparação (guardando todas as variáveis anacrônicas), é como se em um confronto entre as duas equipes hoje, comparecessem cerca de 500.000 espectadores, ou ainda em torno de seis mineirões completamente tomados. Embora a quantidade seja um parâmetro importante, os comportamentos do público também instigavam apontamentos significativos. À parte a espera e a expectativa relatada na crônica, o desdobramento do confronto mostrava as plurais reações dos torcedores. Em uma outra parte, a narrativa seguia afirmando:

O jogo Palestra e Athletico é o que consegue reunir em campo o maior numero de pessoas. E o de ante-hontem até fez com que Bello Horizonte visse caras inteiramente desconhecidas, de velhos e modestos italianos, que vivem retrahidos no trabalho. Alguns nem sabiam torcer. Mas, por instincto, dahi a pouco elles tambem acertavam e se entendiam em lamentações, si o Palestra shootava por cima: - Per la madona. Impossibile. [...] Chico Velloso foi notavel nas cabeçadas. José Alexandre defendeu penalty. Foi mesmo o segundo *team* que começou a enrouquecer a torcida do Athletico, a maior da cidade. O Palestra tinha um terço da assistencia. E o jogo do Palestra, embora compromettido pela brutalidade, mostrou o valor do seu segundo *team*, digno do entusiasmo da sua torcida. [...] O Palestra

¹⁵⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 02-03 jun. 1930. Seção Desportos, p. 11.

foi inventado em Bello Horizonte para vencer sempre o Athletico. E o Athletico foi fundado para vencer cariocas e paulistas. Compensações. O privilegio de dois clubs. Quando Mario de Castro ia bater o penalty, uma athleticana bonita, do grupo das meninas do Benedicto, ficou afflicta: - Elle acerta. Deus é grande! - Sim, respondeu outra moça, branca como um bilhete de loteria. Deus é grande, mas o “goal” é muito menor. E Mario de Castro shootou por cima. Arthur Martini, um rapaz que ganhou dez contos de réis nas apostas de ante-hontem, falava em defesa do Palestra: - Médo nós não temos. [...] E agora nada mais de football. Esse jogo de domingo está continuando feroz na Avenida, no Iris e no Excelsior. Vocês viram aquella bola que passou por cima? E aquella outra, muito differente, que passou por baixo? O Palestra póde recordar o jogo, porque venceu. Mas o Athletico deve esquecel-o, exactamente porque reconhece a sua derrota.¹⁵⁷

Nas palavras do jornalista que cobrira a partida, o confronto entre Palestra e Atlético seria aquele com maior capacidade de atração do público. As campanhas vitoriosas nos últimos anos da década e a popularização dos clubes ajudaram a forjar o início daquela que seria a maior rivalidade no Estado, bem como das maiores torcidas. Ao final da nota, a referência à continuação da partida no decorrer da semana, em pontos de convívio público da cidade, indicava o quão intenso o confronto se desenhara no espaço das práticas dos habitantes/torcedores.

O tom de algumas crônicas narrativas nas partidas entre o Atlético e o Palestra parecia prever o desdobramento futuro dessa rivalidade. Em um confronto entre estas duas equipes, ocorrido no dia 09 de junho de 1929, a descrição das sensações despertadas ante o embate dos clubes denunciava o advento de uma nova e intensa emulação:

O domingo sportivo despovoou muito centro o centro da cidade. Bello Horizonte ficou sendo o campo do Athletico. Ao meio-dia, a multidão da torcida começou a movimentar-se. Automoveis cheios. Omnibus andando pesadamente. Subindo o morro, grandes grupos de gente apressada davam a idéia de uma emigração penosa. Quando, afinal, chegavam as proximidades do “stadium”, todos precipitavam-se na conquista de um lugar. Nas archibancadas, quasi cheias, os espaços iam desaparecendo. Moças. Senhoras. Familias inteiras, puxadas por homens que abriam caminho, ás vezes sem pedir licença. Espectadores calmos, com a mania da estatística, fazendo cálculos. 15.000... 18.000... - De um lado da archibancada a torcida do Athletico, a maior da cidade. Do outro, a do Palestra. Na geral e em toda a parte, ainda a torcida do Athletico, prolongando-se até fóra do campo. Vibração em todos os grupos. Previsões exaggeradas. Palpites. Curiosidade de saber o nome do juiz. E os retardatarios entrando, incommodando. Pedidos de desculpa. Revoltas intimas. Murmurações sobre a delicadeza e a sua necessidade. — [...] As torcidas entreolham-se. Palestra! Athletico! [...] Começa então a verdadeira ansiedade. As emoções consideráveis e definitivas. Os athleticanos, já triumphantes, esperando a victoria nova. Os palestrinos mexendo no arquivo dos campeonatos. Gritando resultados antigos de outros jogos. E o “stadium”, enorme, cheio, lembrando o jogo do Corinthians. Os athleticanos confiantes. [...] Poucos minutos para terminar. Palestra, três goals. Athletico, um. A archibancada começa a esvaziar-se. Algumas brigas de torcedores. Murros e confusão. É quase noite. Os palestrinos ficam até o

¹⁵⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 02-03 jun. 1930. Seção Desportos, p. 11.

fim. E a torcida do Athletico retira-se, convencida da magnífica victoria dos jogadores de camisa verde.¹⁵⁸

Se antes o futebol despertava o interesse de uma reduzida classe de pessoas, a dos desportistas convictos, a segunda metade da década de 1920 revelava a grandiosa apropriação do universo futebolístico em Belo Horizonte, com dezenas de milhares de indivíduos ligados à rotina dos jogos e campeonatos ocorridos na cidade. Por toda a parte podia-se ouvir alguém se declarando adepto de uma ou outra agremiação esportiva, notadamente dos clubes de futebol. Tanta gente envolvida fazia crescer também os *incidentes*, um eufemismo muito utilizado pela imprensa local para designar as brigas ou *sururus*, naquele instante algo praticamente inerente às partidas. O aumento da paixão elevava a rivalidade, e por consequência, os conflitos.

Norbert Elias, ao se debruçar sobre o processo civilizatório, elabora, em um dado momento da sua obra, uma relação entre o esporte, a violência e as emoções vivenciadas no mundo esportivo. Sobre isto, chega a afirmar a existência de uma relação entre as formas de conflito com formas de interdependência, na tentativa de estabelecimento do *nosso* grupo e do *outro* (*outsiders*), através de emoções como o prazer e o sofrimento¹⁵⁹. A constituição das torcidas, da rivalidade e dos confrontos é um processo que reflete, em parte, o pensamento de Elias.

Na existência do conflito é que o controle social passa a vigorar. Controle que o sociólogo alemão, em *A Busca da Excitação*, percebe nos dispositivos de coerção sobre os comportamentos violentos, seja através dos discursos, das práticas normativas, dos poderes institucionalizados em maior ou menor medida e nos mecanismos de autocensura ou autocontrole¹⁶⁰. A evidência dessa “normatização de condutas” ocorre nas tentativas de instauração de um ordenamento do torcer em Belo Horizonte.

São inúmeros os indícios dos *sururus* localizados nos periódicos, neste período. Junto à maior incidência dos confrontos entre as torcidas, uma tentativa de minimizar a sua ocorrência pode ser percebida, com a instituição de uma “maneira adequada” de torcer, ou ainda, de uma “educação para o torcer”, onde diversas ações passaram a ser adotadas. Em uma partida entre o Athletico e o America, a diretoria deste anunciava uma série de medidas, publicada na imprensa através de uma resolução que determinava, dentre outras coisas:

¹⁵⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10-11 jun. 1929. Seção Desportos, p. 12.

¹⁵⁹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v.1.

¹⁶⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

Para conhecimento de todos, a directoria do America, em sessão de quinta-feira ultima, resolveu tomar as seguintes providencias que serão rigorosamente mantidas:

1ª) Estão expressamente prohibidos os ditos chulos, as vaias, arrebentar bombas e os assobios;

8ª) Serão postos fóra do recinto do estadio os que não se comportarem com a devida decencia, entrando a directoria do club, para isso, em combinação com o sr. delegado que fôr presidir o encontro desportivo de 9 do corrente;

9ª) O policiamento interno, superintendidos pelos directores do club, terá como chefe o capitão dr. Magalhães Gôes e como seus auxiliares os seguintes socios: Odorico Celso, Ormesindo de Barros, Calogeras Mangeracini, Heitor Gomes, Dermeval Ferreira de Carvalho Symphronio Fidelis, Edgard Vieira, João Carvalho, João Lopes de Moura Filho, Luiz Inneco e Decio Quadros, que terão uma braçadeira branca e verde.¹⁶¹

Se os assobios e as vaias das torcidas deveriam ser banidas do campo de jogo, sob pena de expulsão da arena esportiva, outro rol de práticas, muito mais inconvenientes (e perigosas) acontecia recorrentemente: as brigas entre os torcedores, que deixavam rastros de preocupação em diversos setores da sociedade. A exigência do policiamento se justificava a medida que os “incidentes” já não mais se atinham apenas às discussões de outrora. A reclamação do *Correio Mineiro* parecia pertinente, ao apontar a falta de policiamento em algumas partidas. A nota se referia às conseqüências danosas que a ausência da autoridade policial poderia causar, e afirmava:

Hontem demos uma noticia ligeira a respeito da não realização dos encontros da serie B no campo do Prado Mineiro, e hoje que estamos melhor informados temos que lamentar as causas que determinaram a suspensão dos encontros acima referidos. A Liga Mineira, de accordo com o regulamento da policia, requereu a respectiva licença para os jogos da serie B e pagou os sellos devidos, tendo pedido, portanto, o policiamento para aquelles jogos e entretanto lá não appareceu nem sequer um policial, dando isso causa a serios conflictos que se desenrolaram pela manhã, havendo até aggressão à mão armada. [...] Na serie B, existem clubs que tem a sua “torcida” composta de distinctas senhoritas e estas já tem sido por algumas vezes desrespeitadas por indivíduos sem educação que se aproveitam da occasião para insultar a assistencia.¹⁶²

Os jogos que acabavam sem confusão eram motivos de destacado registro nas notas esportivas. Como na realização de dois torneios esportivos realizados em 1928, com partidas disputadas nos campos do America e Palestra. A falta de sururus despertava comentários do cronista, que registrava:

A assistencia que compareceu aos campos, domingo, procedeu tão correctamente que não podemos deixar de fazer essas considerações que mostram a nossa lisura quando aqui tratamos de qualquer festival sportivo, quer promovido pela Liga Mineira, quer seja organizado pela nova associação sportiva da nossa Capital. Muito concorreu para a boa ordem desses festivaes, não só o procedimento dos juizes que actuaram nas diversas partidas de foot-ball, como a boa direcção do

¹⁶¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 set. 1928. Seção Desportos, p. 11.

¹⁶² CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 31 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3.

policimento feito por praças de policia e guardas civis dirigidos por agentes do corpo de segurança.¹⁶³

A indicação de dois fatores para o bom ordenamento das partidas, no que diz respeito ao comportamento do público assistente, permite algumas considerações. Situar apenas na conduta correta do juiz e no bom trabalho realizado pelo policiamento, a procedência adequada das pessoas presentes aos estádios, revela uma visão reducionista do autor da nota. Para além destes fatores, certamente outros contribuíram para a não ocorrência de confusões. Dentre eles, destaca-se o fato do festival esportivo apresentar um caráter mais festivo que competitivo, inibindo, de certa forma, os comportamentos hostis advindos da rivalidade. De qualquer forma, isto representava muito mais a exceção do que a regra. Como mostrava a *Gazeta Esportiva*, em uma seção intitulada “Ha 32 annos”, onde se podia ler o comentário de que, há muito tempo atrás, “alguns jogos de futebol, realizados nesta capital, ainda não terminavam em sururu’s”¹⁶⁴; um exagero temporal, certamente; porém um importante indício de que as brigas entre os torcedores se tornaram, de fato, comuns nos campos de futebol.

Um artigo publicado na *Folha Esportiva*, intitulado “Bom Meio de Manter a Ordem”, trazia uma solução proposta pela Inglaterra para o arrefecimento dos ânimos exaltados dos torcedores. Ao apresentá-la, o cronista esportivo descrevia as suas impressões sobre os “incidentes” nos campos horizontinos, e oferecia a alternativa inglesa como possível forma de resolução dos conflitos:

É costume, nos campos de competições athleticas, em Inglaterra, usarem, para a manutenção da ordem, bombeiros, em vez de *policemen*. São modos que à primeira vista, parecem absurdos, mas que, analysados melhor, nos patenteiam o espírito pratico dos inglezes. Aqui em nossos estadios, quando ha *sururu*, os visinhos adherem, a policia entra em scena, os soldados arrancam as durindanas e brigam mais que os próprios provocantes, etc. [...] Na Inglaterra não ha senão o seguinte: basta esboçar-se um “camarote” para os bombeiros ligarem as grossas bombas e dirigindo-as para os exaltados, apagarem o seu “fogo”. E isto sem si importarem se molham uns aos outros. Na verdade é um optimo meio, porque, vendo uma briga, não ha quem não queira “tirar uma casquinha”, mas ninguem quer ir para casa molhadinho como um pinto.¹⁶⁵

Apesar do apelo do jornalista, o espírito prático dos ingleses jamais chegou a ser utilizado como recurso de contenção dos confrontos nos campos de futebol em Belo Horizonte. Os principais métodos de apaziguamento consistiam mesmo na intervenção da

¹⁶³ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 06 abr. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 2.

¹⁶⁴ HA 32 ANNOS. *Gazeta Esportiva*. Belo Horizonte, p. 2, 28 jan. 1928.

¹⁶⁵ FOLHA Esportiva. Belo Horizonte, p. 7, 21 abr. 1930.

força pública policial, com o auxílio, em alguns casos, do policiamento interno propiciado pelos principais clubes.

Em outros casos, era o próprio discurso oficial (“dos poderes institucionalizados, em maior ou menor medida”) que se incumbia de ordenar e orientar as condutas dos torcedores. Na partida entre o selecionado mineiro e o fluminense, em 1929, a Associação Mineira de Chronistas Desportivos “distribui, profusamente, no campo, o seguinte boletim”:

“Mineiros!!!

Sabei que estão em jogo o bom nome e o cavalheirismo do povo mineiro. Lembrae-vos de que os bravos rapazes fluminenses não vieram á nossa terra em busca de inexpressivas victorias por supremacia de score. Vieram, sim, estreitar mais um laço de amizade que une os filhos de Minas aos filhos do Estado do Rio. Recebei-os, pois, como recebei os vossos próprios irmãos. Applaudi-lhes os feitos brilhantes no campo de lucta desportiva. Sem uma palavra, nem um gesto menos digno que os possa offender. Honrai as tradições de cultura e civilidade da hospitaleira gente montanheza.

É o que vos pedem os moços da Associação Mineira de Chronistas Desportivos”.¹⁶⁶

No entanto, os sururus não se restringiam aos “pescoções” e confrontos físicos. Ofensas e insultos passaram a fazer parte do repertório de armas para atingir o adversário. Em uma carta redigida por Americo Gasparini, em 10 de setembro de 1928, e publicada no dia seguinte no jornal *O Estado de Minas*, o autor (presidente do Palestra) se mostrava revoltado pela publicação de uma correspondência do suposto palestrino Antonio Marianneli, que tecia duras críticas ao comportamento da torcida atleticana em um confronto com o rival Palestra. Gasparini tentava esclarecer, indignado, que o teor da carta do provável torcedor italiano continha uma série de equívocos e aparava as arestas, apontando:

Ilmo. sr. redactor do “O Estado de Minas” – Surpreendeu-nos hontem, à directoria do Palestra Itália e aos palestrinos, uma carta cheia de injurias e de insensatez publicada na secção sportiva do “O Estado de Minas”. O signatario de tal carta não é socio do Palestra e nem é conhecido nesta cidade. Nenhum palestrino, digo mais, nenhum sportman seria capaz de escrever aquillo. Certamente, foi obra de espirito mal intencionado com o objectivo evidente de fazer crear, em torno do glorioso Palestra, uma atmosphaera de rivalidades e odios. Depois do jogo do dia dois do corrente, entre o Athletico e o Palestra houve, é exacto, pessoas que, em nome do Athletico, se excederam, transpuzeram os limites do razoavel e da decencia. [...] Agora estes, ou alguns delles, que não são, não podiam ser e nunca foram athleticanos, no intuito mal disfarçado de obter os applausos que a opinião sensata lhes negou, vêm, usando de um nome imaginario, e em nome do Palestra, escrever a carta publicada inadvertidamente pelo seu jornal.¹⁶⁷

Um outro fato que mereceu atenção da imprensa foi a publicação de um comunicado anônimo, no Bar do Ponto, com ofensas indizíveis. Com o título de “O Espírito

¹⁶⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 27 out. 1929. Seção Desportos, p. 20.

¹⁶⁷ NO MUNDO DOS SPORTS. *O Estado de Minas*. Belo Horizonte, p. 6, 11 set. 1928.

Engarrafado de Certos Torcedores Ranzinzas e Imbecis”, o jornal trazia uma nota sobre o ocorrido, na qual descrevia:

Infelizmente o meio sportivo da Capital ainda conta em seu meio com elementos profundamente curtos de intelligencia e falhos da mais leve tintura de educação, inteiramente enfermiços do cerebro. Ainda hontem, talvez procurando fazer espirito engarrafado, affixaram no Bar do Ponto, um communicado anonymo que aqui não transcreveremos para não nos nivelar à indecencia e a baixeza de quem, numa hora infeliz, o escreveu e deu, assim, prova de tão perfeita imbecilidade e completa ignorância.¹⁶⁸

Todo este clima hostil do futebol nas arquibancadas, oriundo da rivalidade entre as preferências clubísticas, levantava questionamentos inclusive sobre a sua legitimidade enquanto prática social permitida e vivenciada. O escritor carioca Coryntho da Fonseca, redige um artigo em dezembro de 1929 e publicado pelo *Minas Geraes* em janeiro de 1930, suscitando dúvidas quanto à importância social do futebol e criticando veementemente os conflitos gerados a partir da paixão exaltada de torcedores e jogadores. O texto, sob a denominação “O Foot-Ball não Merece o Título de Desporto”, surgia na seção *Desportos* do periódico oficial, e descrevia o seguinte entendimento do autor sobre o esporte bretão e seus admiradores:

[...] Não conheço, aqui, nem um caso de uma “court” de tennis ser invadida pela assistencia, impondo a introdução da cavallaria policial para desatar sururus ou para garantir os “referees” nem, ainda menos, para conter os próprios jogadores atacadados aos bofetões e ponta-pés. Por maioria de razão não consta na história dos desportos aquaticos que, uma só vez que fosse, a pista tivesse sido invadida pelos “torcidas” [...]. Não ha partida de football que não exija a comparancia de um policiamento reforçado. E não policiamento que se faça por motivos geraes de garantia da ordem em grandes agglomerações occasionaes. Nos campos de football, em todos os dias de partida, o policiamento nunca é, platonicamente, preventivo. Tem de ser repressivo. O “sururu” é do programma, não só entre o publico assistente, em que, de resto, não se podem apurar selecções esmiiçadoras, mas entre os proprios desportistas que tinham a obrigação funcional do bom exemplo de correcção de maneiras. [...] Mesmo que grandes e excepçionaes fosse (sic) as virtudes do football, para a educação physica, taes virtudes não acham compensação, nos seus lamentaveis effeitos de deformação moral, tanto da assistencia como dos jogadores. [...] Um desporto que suggere pensamentos de morte, que provoca, na multidão, gritos de lynchamento, não pode ter, não merece ter o nome de desporto, de meio louvavel para o desenvolvimento physico da raça.¹⁶⁹

Provocar o outro (outro time, outra torcida, outro torcedor) constituía-se em um desdobramento da paixão e do pertencimento. O outro só existe à medida que existe o *meu* time. Neste período, muitas situações contribuíram para o desenvolvimento do sentimento arraigado de *torcer*. Uma das mais importantes, no entanto, esteve na construção do estádio

¹⁶⁸ NO MUNDO DOS SPORTS. *O Estado de Minas*. Belo Horizonte, p. 5, 25 out. 1928.

¹⁶⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 04 jan.1930. Seção Desportos, p. 14.

atleticano. Com o nome do Presidente do Estado à época, o estádio Antônio Carlos representaria uma nova possibilidade de assistir às partidas de futebol na Capital, quer pela sua dimensão grandiosa, quer pela sua estrutura e localização. A sua inauguração reverberou intensamente na imprensa, podendo ser localizado uma gama extensa de referências a tal acontecimento, principalmente por ter o Atlético convidado o Corinthians Paulista para o jogo inaugural. O *Minas Geraes*, por exemplo, tratava a nova praça de esportes atleticana como “a melhor do Estado e uma das maiores do paiz”¹⁷⁰, e especificava as obras do estádio, relatando:

As archibancadas, circumdando o campo em fôrma de U, e comportando em lotação 15.000 pessoas, são de duas categorias: as geraes, descobertas; e a parte nobre, toda abrigada por uma cobertura. Esta ultima, com 80 metros de comprimento, formando fachada sobre a rua Rio Grande do Sul, divide-se em três partes distintas, com entradas independentes e cada uma servida pelo seu bar com hygienicas e confortaveis installações sanitarias. As partes lateraes, se destinam aos assistentes contribuintes e a central é reservada aos socios, com accomodação especial para chronistas desportivos, membros da directoria e convidados de honra.¹⁷¹

O aumento da capacidade de público e o atendimento a questões ligadas à higiene e ao conforto davam prova de uma nova mentalidade, mais atenta a aspectos relacionados à demanda de consumo, cada vez mais ampliadas. A inauguração do estádio Antônio Carlos, com a realização da partida entre o Atlético e o Corinthians, era de fato tão significativo para a cidade, que o próprio comércio local indicava, na sua postura, tal condição:

CASAS COMERCIAES QUE FECHAM HOJE - Para que os seus empregados possam assistir ao grande embate entre o Athletico e o Corinthians Paulista, ficarão fechadas hoje as seguintes casas commerciaes da nossa praça: Casa Conto, Casa Hermany, Joalheria Padua, Sapataria Central, Oliveira, Costa & Comp., Joalheria Diamantina, Marcello de Oliveira & Souza, Casa Caldeira, Casa Machado Coelho, Casa Ferreira, Parc Royal, Casa Guanabara, Casa Para Todos, Casa Teixeira Neves Filho, Casa Antonio d’Almeida, Casa Crystal, Casa Selecta, Casa Oscar Marques, Casa Omega, A’ Sedan, Casa Saliba, Casa Royal Stores, A’ Auxiliadora e Papelaria Brasil.

Poucas situações teriam força suficiente para paralisar boa parte do comércio. O futebol e as suas representações simbólicas impactavam a cidade com uma intensidade não percebida (ou não possível) em outras práticas sociais. A foto da inauguração do campo atleticano (Fig. 23), diz muito do espaço ocupado pelo esporte bretão em Belo Horizonte, naquele instante.

¹⁷⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 30 maio 1929. Seção Desportos, p. 10-1.

¹⁷¹ *Idem*.



FIG. 23 – Inauguração do Estádio Antônio Carlos, em 30.05.1929. Acervo Clube Atlético Mineiro.

O campo completamente tomado, com ares de solenidade, é a ilustração incontestável da influência com que o futebol cobrira a cidade. Pode-se ver, na imagem, uma espécie de “torcida feminina uniformizada”, indicando não apenas a manutenção da presença da mulher no universo esportivo, como também uma participação maior e mais ativa. Outro destaque visual, que não poderia passar despercebido, é a publicidade de uma marca de cerveja, ocupando um enorme espaço acima das arquibancadas, demonstrando que a paixão futebolística começava a ser vista como uma fértil possibilidade de apropriação de produtos. A descrição pormenorizada da inauguração do estádio pode ser encontrada na crônica do *Minas Geraes*, que narra o momento com ricos detalhes, e por esta razão, embora longa, merece ser transcrita:

A inauguração hontem realizada, com o maior brilho e entusiasmo, do grande e imponente “stadium” “Presidente Antonio Carlos”, do Club Athletico Mineiro, foi um acontecimento que ficará memorável nos annaes desportivos do nosso Estado. Pouco antes das 15 horas, partiam do Palacio da Liberdade para alli os automoveis conduzindo o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado de sua filha Luizita Andrada e do assistente militar da Presidencia, commandante Oscar Paschoal, e os senhores dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica, e seu assistente militar, major J. Gabriel Marques; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital, e dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official. No portão central do novo “stadium”, a directoria do Athletico Mineiro aguardava o chefe do governo, que foi conduzido, com seus auxiliares, ao camarote de honra, debaixo de um longo e demorado estuar de palmas e aclamações de mais de trinta mil pessoas, que enchiam todas as archibancadas e se agglomeravam nas elevações vizinhas. O aspecto do “stadium”, occupado por uma multidão de espectadores, entre ao quaes se viam innumeradas senhoras e senhorinhas do nosso escól social, era de empolgante effeito e communicativo entusiasmo. [...]. Seguiu-se a inauguração do “ground” pela

madrinha do novo “stadium”, menina Luizita Andrada, filha do sr. presidente Antonio Carlos, a qual procedeu ao baptismo do campo com “champagne”, de accordo com as praxes sportivas, o que fez por entre palma e vivas da multidão. [...]. Desde que vimos acompanhando o desenvolvimento da cultura physica dos filhos de nossa terra, sentimos que um verdadeiro deslumbramento, um impulso estupendo de entusiasmo domina e impera em todos os corações da gente mineira. Apreciado, a principio, por pequeno circulo de elementos da sociedade, cultivado por reduzido grupo de adeptos, foi gigantesco e rapido o movimento progressivo do sport em Minas, movimento este que se operou em todas as classes sociaes, arrastando dezenas de milhares de pessoas aos campos da lucta, no anseio louvavel de applaudir e incitar os seus affeiçoados nos jogos sportivos. E a prova disso, deunos hontem o Club Athletico Mineiro, com o soberbo espectáculo, jamais visto em todos os tempos em nossa Capital, da inauguração do seu excellent “stadium”, obra que attesta o esforço e o enthusiasmo dos pioneiros do atletismo. [...] E não foram só as 30.000 vozes da assistencia, que enchia as archibancadas athleticas, que ovacionaram a turma alvi-negra, gloriosa de tão renhido prelio, mas toda a Minas Geraes, em todos os rincões do nosso sertão, em todo o paiz onde o mineiro se encontra, vozes e palmas coroaram o esforço e o denodo dos “sportmen” bellorizontinos, que, numa arrancada magnifica souberam collocar o seu estado elevado em que se encontram as suas co-irmãs da Federação. Minas está de parabéns!¹⁷²

Receber cerca de 30% da população da cidade em um único evento esportivo mostrava a dimensão que o futebol tomara em Belo Horizonte, trazendo a reboque a (re)construção de vivências que se situavam em sua órbita. Dentre elas, uma das mais importantes residia no hábito de *torcer*, a esta altura algo já sedimentado na Capital mineira. O “soberbo espetáculo jamais visto em todos os tempos” dependia, necessariamente, de uma platéia que o absorvesse, e neste sentido, a constituição das torcidas era não somente importante, como também parte integrante e indissociável do espetáculo esportivo do futebol. Ir aos estádios e campos acabou se tornando um dos programas favoritos dos habitantes. A ponto mesmo de, aos domingos sem futebol, receberem a denominação de “domingos vasios”¹⁷³.

Assim, as partidas de futebol recebiam um público invariavelmente grande. Mas o aspecto distintivo ainda imperava, com a divisão de espaços próprios e específicos para cada tipo de platéia, dentro da torcida por um mesmo time. O confronto America x Queluziano, da cidade mineira de Queluz, expunha, imageticamente, tal condição. Na foto que estampava em plano geral o aspecto das arquibancadas (Fig. 24)¹⁷⁴, é possível distinguir dois tipos bem diferentes de público: no estádio americano, bastante cheio, a geral e as arquibancadas compunham dois universos em separado.

¹⁷² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 31 maio 1929. Seção Desportos, p. 5.

¹⁷³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 02 fev. 1930.

¹⁷⁴ SEMANA Illustrada, n. 14. Belo Horizonte, 04 set. 1927.



FIG. 24 – Foto da partida entre o America e o Queluziano, notando-se a geral e as arquibancadas.

Na fácil vitória da equipe alvi-verde pelo placar de 5 x 0, o *Correio Mineiro* trazia uma nota descrevendo aspectos gerais da partida. No trecho da nota intitulado “A assistencia”, o periódico destacava:

A assistencia no campo americano foi boa. Lá vimos o sr. cel. Lindouro Gomes, presidente do America; ás senhoritas Lindorinha Gomes, Hilda Pedercini, Angelica Henriot, Altair Gomes, Lourdes Regato, Adalgiza Gomes, Yolanda Pedercini, Marietta Barros, Hilda Paula Ricardo, Thereza Barros, Celia Lana, Amelia Lana e muitas outras pessoas cujos nomes não nos foi possivel tomar.¹⁷⁵

O destaque dado a poucas pessoas, certamente sujeitos da parte de cima e central das arquibancadas, acabava por sombrear a grande massa de indivíduos que lá estavam, participando do espetáculo. Embora não aparecessem nas notas das seções esportivas da imprensa, os “de baixo” (neste caso a expressão torna-se literalmente apropriada) compunham o cenário que a imagem não permite omitir. Fazendo um recorte da foto, e analisando mais detalhadamente a sua parte inferior direita (Fig. 25), encontramos aqueles que, pelas roupas e pela cor da pele, se encontravam em uma camada social distante da fidalga classe da elite, antes predominante na assistência.

¹⁷⁵ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 30 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3.

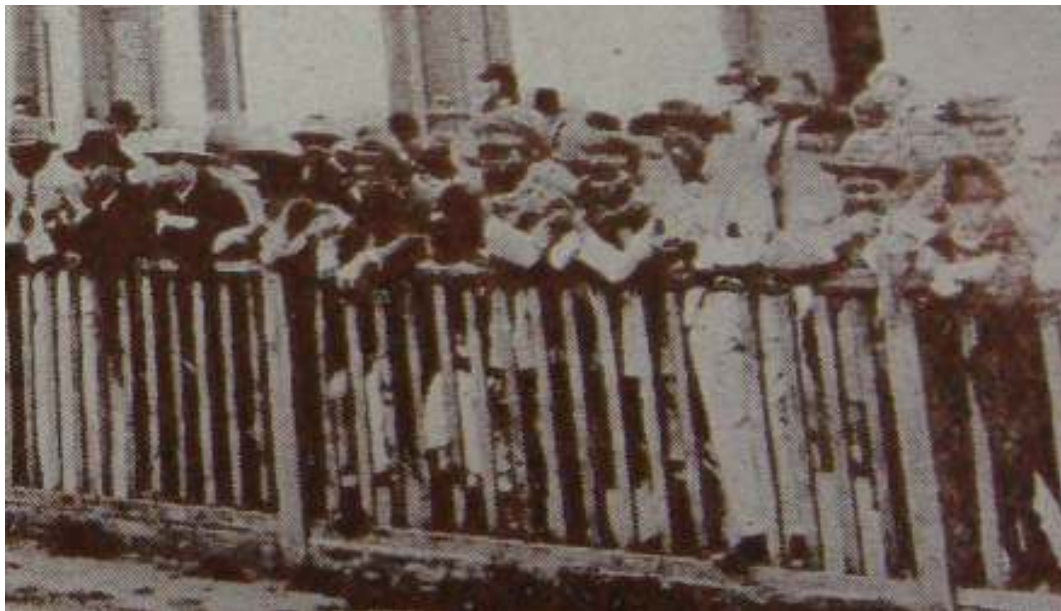


FIG. 25 - Detalhe aproximado da geral, na partida America x Queluziano.

O democrático esporte bretão permitia a participação de quase todos, à exceção daqueles que não tinham condição de pagar pela sua apropriação. Embora fosse popular, o futebol não escapava à lógica mercantilista que dominara o novo ordenamento social. Para a distinção de público, distinção de valores. Buscava-se o lucro em todos os segmentos, o que propiciava a massificação do esporte. Se, em 1916, os ingressos custavam 1\$000 para as geraes e 2\$000 para as arquibancadas, em 1928 os valores não sofrem grandes alterações. Para assistir a partida entre Atlético e América, em 1928, a resolução da diretoria americana fixara assim os preços:

Os preços serão para as archibancadas, 3\$000; geraes, 2\$000, e cadeiras numeradas, na pista, 8\$000. As cadeiras poderão ser de hoje em diante compradas na séde social. – A Directoria.¹⁷⁶

O aumento proporcional de 1\$000 nos ingressos para a geral e arquibancada não pode ser considerada uma mudança tão acentuada, levando-se em consideração a passagem de doze anos. A principal transformação estava na criação de um novo setor: as cadeiras numeradas, com preços estipulados em 8\$000. A necessidade de distinção estava garantida, ocupando um espaço que poucos tinham condição de pagar.

Outras imagens estampavam a convivência de diversas camadas sociais nos campos de futebol. A revista *Semana Ilustrada* trazia flagrantes fotográficos (Figs. 26 e 27)

¹⁷⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 set. 1928. Seção Desportos, p. 11.

que ilustravam esta situação, e explicitava os espaços ocupados por diferentes sujeitos nas torcidas.



FIG. 26 – Assistência no jogo entre Atlético x América. *Semana Illustrada*, 17.12.1927.



FIG. 27 - Assistência no jogo entre América x Palestra. *Semana Illustrada*, 28.04.1928.

O ano de 1929 ficaria realmente marcado na vida esportiva da cidade de Belo Horizonte. Em seguida à inauguração do estádio atleticano, o América envidava esforços para concretizar a construção do seu novo campo. Belo Horizonte veria, em um único ano, o soerguimento de duas praças esportivas que não deixavam nada a desejar aos estádios de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. O projeto arquitetônico do “stadium” americano trazia três lances separados de arquibancadas, o que o tornava original e peculiar. Na foto abaixo (Fig. 28) observa-se o desenho da estrutura da nova praça de esportes do clube do América.

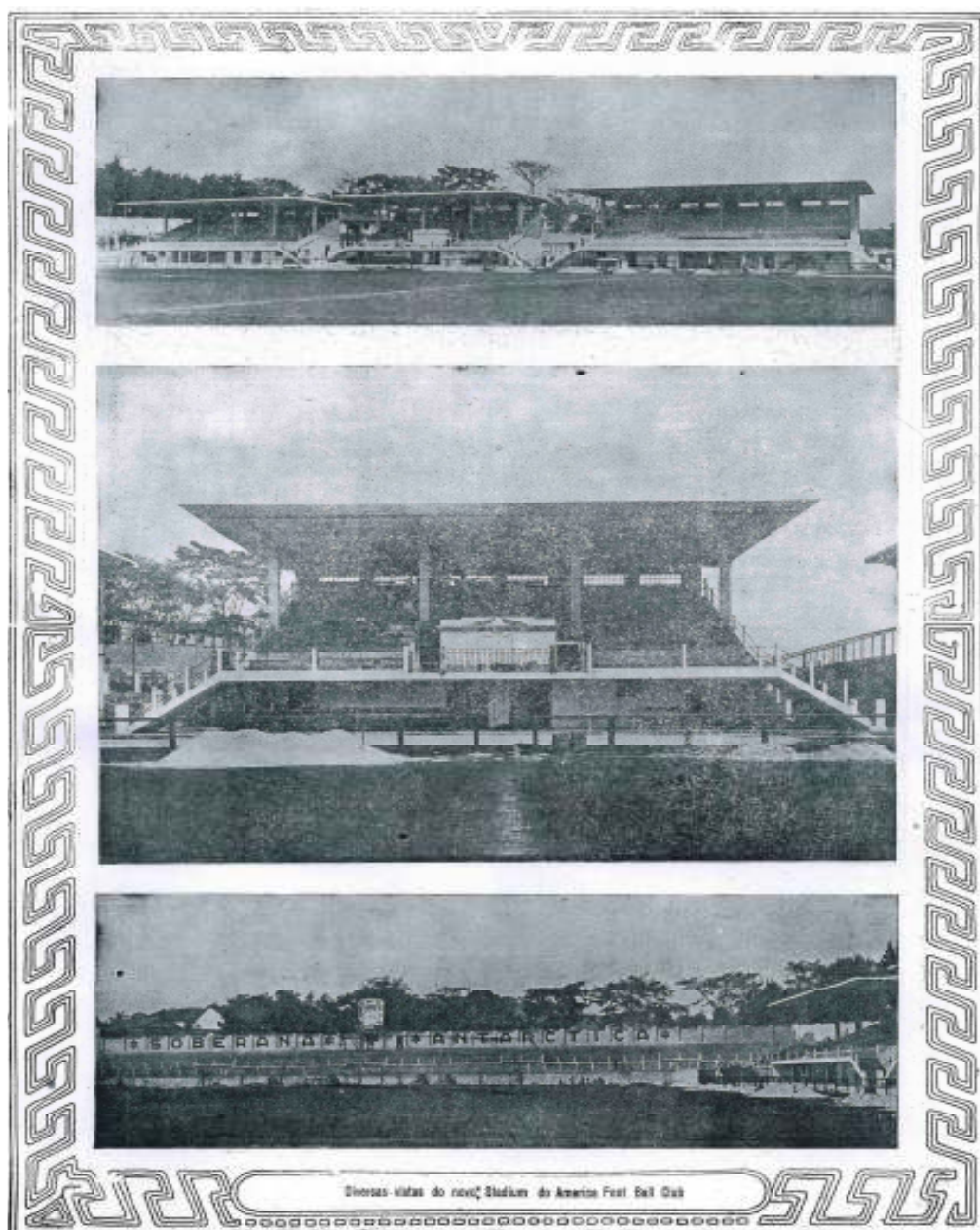


FIG. 28 – Diversas vistas do novo Stadium do America Foot Ball Club. *Minas Geraes*, p. 10, 07.09.1929.

Observando as imagens das arquibancadas do recém-inaugurado estádio do América, notava-se a inserção, novamente, da publicidade da mesma marca de cerveja estampada no campo atleticano. Associar a paixão clubística à venda de produtos começava a fazer parte da maneira de agir de muitos comerciantes. Particularmente, o fato da participação feminina no ambiente esportivo da cidade ter se tornado intensa, motivava reclames específicos para este público-alvo nos periódicos, como indicava a propaganda da Casa Spiller, uma loja especializada em bijuterias (fig. 29). Sobre isto, é esclarecedora a fala de Leonardo Pereira, apontando um processo similar na cidade do Rio de Janeiro, ao dizer que “resultava, deste prestígio do futebol nas altas rodas, o interesse de comerciantes e empresários que viam nele uma grande possibilidade de lucro”.¹⁷⁷



FIG. 29 – Reclame publicado na Folha Esportiva, em 19.05.1930.

Mas a publicidade não mirava somente o público feminino. Torcedores em geral se tornavam alvo das campanhas de reclames dos periódicos locais, e indicavam a percepção dos comerciantes sobre a influência da paixão clubística na apropriação dos seus produtos. Alguns flagrantes destes reclames puderam ser captados, e estão explicitados aqui na figura 30.

¹⁷⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 77.



FIG. 30 – Reclames publicados no *Goal*, em 02.06.1930, e na *Folha Esportiva*, em 19.05.1930.

Para a inauguração do novo estádio americano, uma partida amistosa entre o America e o Palestra foi disputada, terminando empatada em 3 x 3. Dentre os diversos comentários tecidos sobre o evento na imprensa, destacava-se uma referência do *Minas Geraes*, que trazia:

[...] O que se deve destacar é a grande concorrência de senhoras e senhorinhas da nossa sociedade, que encheram todas as archibancadas, fazendo das festas de hontem uma das mais brilhantes reuniões do anno.¹⁷⁸

Contudo, a mesma nota que enaltecia a presença do público feminino, apresentava também uma queixa do cronista, exatamente sobre a postura de uma dessas senhorinhas. Com o subtítulo de “Um Incidente na Archibancada”, o jornalista revelava que o pertencimento e paixão clubística não se atinham a nenhuma classe, muito menos a nenhum gênero, e descrevia, indignado:

Convidados pela directoria do club, estivemos hontem no campo do America, onde os nossos redactores Jair Silva e Jairo de Almeida foram recebidos com muita gentileza pelos seus associados. [...] No intervallo do jogo, uma torcedora, que pôde ser a mais bonita, mas não é ainda a mais delicada que conhecemos, passou a fazer opposição àquelles nossos queridos colegas, discordando em voz alta do acolhimento com que hontem nos distinguiram. Registrando os instantes de decepção e desapontamento que aquella moça nos reservou na esplendida festa de hontem, sob o pretexto de pertencermos ao Club Athletico Mineiro, renovamos ao commandante Oscar Paschoal e aos associados do America a homenagem da nossa admiração.¹⁷⁹

O incômodo da torcedora americana residia no fato do seu entendimento de que os jornalistas do *Minas Geraes* fossem atleticanos; e o jogo sequer era contra o Atlético. A rivalidade não perdoava tempo e espaço, assim como o torcer. Como no caso do sr. Antonio Salvo, que morava na cidade mineira de Curvelo (porta de entrada do sertão mineiro), e era

¹⁷⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 set. 1929. Seção Desportos, p. 12.

¹⁷⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 set. 1929. Seção Desportos, p. 13.

torcedor do tricolor Fluminense carioca. Ao saber que o seu time iria enfrentar o América, em Belo Horizonte, o mesmo não titubeou a romper os mais de 200 km de distância, no intuito de assistir à partida. O fato ganhou as páginas do jornal, e sob o título “Veiu Torcer pelo Fluminense”, narrava-se o feito do torcedor do time carioca:

Esteve hontem, em visita, em nossa redacção, o sr. Antonio Ernesto Salvo, que veiu de Curvello a Belo Horizonte em automovel para assistir ao grande encontro de hoje entre o America e o Fluminense. O sr. Antonio Salvo é um fervoroso tricolor e vae “torcer” hoje pelo sympathico gremio carioca.¹⁸⁰

Nesta partida entre o America e o Fluminense, aliás, uma inusitada situação pôde ser constatada. Como o estádio americano apresentava três arquibancadas separadas, e os torcedores dos principais times da cidade compareciam aos jogos, a estrutura atendia o propósito de abrigar as torcidas, que se posicionavam de acordo com a localização das arquibancadas, o que permitia que não se misturassem. A arquibancada central seria destinada à torcida americana, e as demais divididas entre torcedores do Palestra e do Atlético¹⁸¹. Tal fato é devidamente narrado na interessante crônica da seção esportiva do *Minas Geraes*:

[...] Eram quasi tres horas. E cada um ia procurando a sua archibancada [...]. Para que os gritos tenham a aprovação de gritos eguaes. Para fugir à hostilidade da torcida diferente. Os palestrinos encheram a primeira archibancada. E a multidão, tendo perto o seu grande chefe Antonio Falci, contribuía com entusiasmo para o grande barulho daquella tarde de domingo. Si algum jogador tropeçava, havia um grande silencio. E, então, com um brilho maior nos olhos, os palestrinos murmuravam, satisfeitos: - Si fosse Ninon...

Na archibancada do meio, o commandante Oscar Paschoal presidia a grande festa do seu club. Em torno delle, as moças americanas vibravam, gritando com entusiasmo o nome da sua gente. [...] Elles, de certo, não ouviam. Mas, de longe, ellas continuavam a mandar-lhes conselhos carinhosos e inuteis. [...] Na terceira archibancada ficaram os athleticanos. [...] Por toda a parte athleticanos. Reconhecidos pela naturalidade com que entravam na terceira archibancada, que é a casa do Athletico. Assim como a primeira é do Palestra e a do meio é do America.¹⁸²

A derrota do America por quatro a zero frustraria a archibancada do meio, provocando sentimentos diversos nos ocupantes das outras archibancadas. De qualquer maneira, o hábito de narrar o desenrolar da partida, nos pontos de encontro social da cidade, ganhava força. Sair do campo e ir imediatamente passar as impressões vividas no jogo se tornara uma habitual prática. Na voz do cronista, de olhar sensível a esta postura dos torcedores, ouvia-se:

¹⁸⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 set. 1929. Seção Desportos, p. 13.

¹⁸¹ NO MUNDO DOS SPORTS. *O Estado de Minas*. Belo Horizonte, p. 5, 11 set. 1928.

¹⁸² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09-10 set. 1929. Seção Desportos, p. 14.

O povo começa a retirar-se, olhando para trás, com a emoção exquisita da curiosidade e da vontade de sahir primeiro. Quando Ripper faz o quarto goal, muitos já sahiram. Então, pelas ruas cheias de poeira, a noticia de mais um goal vae sendo levada longe, com a pressa que se tem de communicar, até aos desconhecidos, as coisas desagradaveis.¹⁸³

O vínculo entre um clube e sua torcida podia ser notado em acontecimentos que marcavam essa relação. Acompanhar o time em jogos fora da cidade de Belo Horizonte, em excursões e caravanas esportivas, reforçava a noção de pertencimento e paixão. Torcedores apaixonados faziam questão de acompanhar as suas equipes, e tentavam estar sempre presente às partidas fora de casa. Os jogos em que os times da Capital enfrentavam o Vila Nova de Lima já não tinham apenas a torcida local. A crônica esportiva do *Minas Geraes* descrevia a aventura da torcida atleticana em um jogo contra o rival de Nova Lima, e mostrava o desafio de muitos que se arriscavam na viagem pelo amor ao clube alvi-negro:

Antes, muitos automoveis haviam partido. Gente horrivel, com a mania do football. Rapazes que os paes ensinaram a torcer desde creanças. Tradições de familias. O club da familia. O destino de uma descendencia inteira. Dia de festa em Nova Lima. O domingo levando homens e mulheres, que nem queriam ver a mina. Athletico! Obstinação. Vaidade. Brigas. Entusiasmo. O Athletico! Definição: o Athletico é uma porção de pessoas de todas as classes sociaes que, aos domingos, acompanham o dr. Moura Costa. Até a Nova Lima. [...] Bello Horizonte ficando atrás. Com as festas, as moças e os soldados. Em Nova Lima, de certo o jogo começára. [...] Subindo morro. Descendo morro. A estrada lá em cima. O automovel que vinha parecendo que ia voltando. [...] Que pena! Quanta gente privada de ver o Athletico! Quantos torcedores não desejariam estar alli, sob a poeira, voando para Nova Lima! Ou mesmo como nós, com aquella velocidade de camara lenta. Nova Lima apparecendo. [...] No fundo, o campo do Villa Nova. Em redor, montanhas. Montanhas de Minas. Montanhas, sempre montanhas. Comtudo, generosas. Deixando alli um pedaço de terra, áquella hora cheio de gente. A propria archibancada já era uma elevação do terreno. Quando entramos, o jogo começava. La dentro havia, para aquelle barulho de entusiasmo, uma grande contribuição de Bello Horizonte. Moças torcendo pelo Athletico. E o Villa Nova tinha toda a povoação em festa. A rainha vestida de vermelho e branco. Outras moças com vestidos-uniformes, cujas cores pareciam gritar “eu sou do Villa Nova”. Meninas vibrantes. Estavam alli para que a victoria não sahisse de dentro daquelles morros. [...] Gente boa de Nova Lima. Vivas e hurrahs ao Athletico. Banda de musica. Na beira do campo, uma preta toda enfeitada. A sua simplicidade encantava. E ella estava pedindo alegremente que Deus dêsse a victoria á sua gente do Villa Nova. Ria, perdendo o tempo. Torcendo pelo systema antigo. [...] Barulhão na archibancada. A banda de musica sáe devagarinho. E um homem, com foguetes debaixo do braço, escapa subtilmente, levando para casa aquelle material de regosijo. [...] Ha novo barulhão da torcida. Então a gente repara no grande numero de pessoas de Bello Horizonte. Até umas meninas da rua dos Caetés. Eram athleticanas. Ellas se haviam enganado, porque Said não jogou. Mas continuaram a torcer pelo Athletico. [...] A rainha do Villa Nova sorri, tristemente. A gente de Nova Lima, amavel e educada, vae acceitando aquella victoria imprevista do Athletico, que o juiz José Avelino não queria. O povo grita os nomes dos jogadores do Athletico, fazendo um barulhão de festa no fundo dos Morros. [...] Os automoveis sahiram numa chispada. Eram ainda cinco horas da tarde e havia sol. Meninos pretinhos esperavam, gritando “é sôpa” na beira da estrada. Para elles o Athletico fôra o vencido. E vingavam-se de não ter assistido o jogo, gritando assim

¹⁸³ *Idem.*

á margem do caminho. Um torcedor apaixonado é que não gostou e disse, censurando: - Os ingleses precisam pôr telephone para essa gente aqui. Vejam: não sabem que nós vencemos. Olha, gury safado: dois a zero! Ouviu? Tudo poeira. Adeante, quasi não se enxergava. Automoveis levantando poeira. [...] Bello Horizonte reapparecendo. E então, dominados pela alegria, os torcedores iam anunciando o resultado do jogo, mesmo ás pessoas que não perguntavam. A' noite, a Avenida encheu-se de athleticanos. Os palestrinos encheram o bar Excelsior. Os americanos ficaram no "Bar do Ponto". Todos commentando as tres ultimas victorias do primeiro turno do campeonato, que ante-hontem terminou.¹⁸⁴

O texto da nota desvelava comportamentos incontestáveis de paixão e pertencimento. Mas não era apenas o Atlético que mobilizara tamanho sentimento de entrega. Na partida entre o Vila Nova e o Palestra Itália, a reportagem do jornal *Estado de Minas* enfatizava a debandada palestrina à cidade vizinha, e comentava sobre a assistência na nota de rodapé da fotografia que ilustrava as arquibancadas do campo novalimense (Fig.31), onde podia-se ler:

O campo do Villa Nova apanhou domingo ultimo a maior assistencia até então verificada naquelle campo. O bellohorizontino amante que é do football, contribuiu grandemente para que o numero de assistentes fosse numeroso. Desta Capital, calculadamente mil pessoas compareceram ao campo novalimense.¹⁸⁵

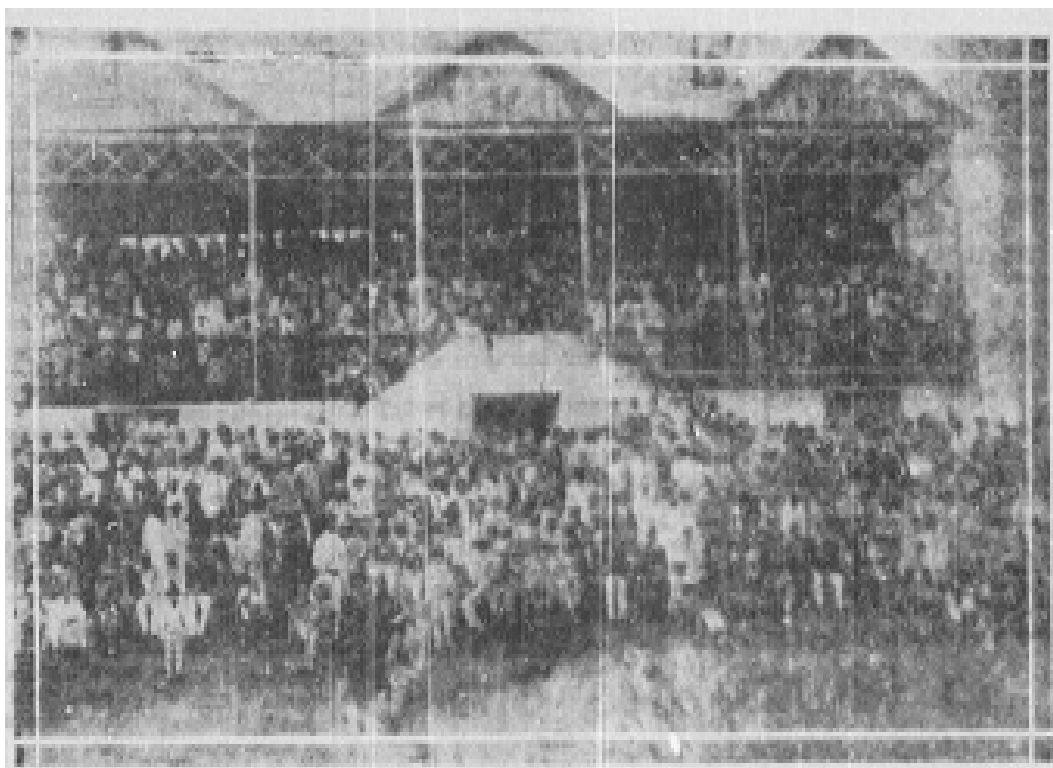


FIG. 31 – Imagem da assistência do jogo entre o Villa Nova e o Palestra Itália. *Estado de Minas*, p. 5, 18.03.1930.

¹⁸⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 30.06/01.07 jul. 1930. Seção Desportos, p. 10.

¹⁸⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 18 mar. 1930.

Embora fosse considerado um time de grande torcida na Capital, o América não parecia se equiparar ao Palestra e ao Atlético quanto às demonstrações extremadas de paixão. Os noticiários reservavam a estes clubes os comentários que continham um grande apelo popular, e mais do que isto, com torcedores capazes de atos grandiosos pelo amor às cores do seu pavilhão. A abertura do Atlético a “todas as classes sociais”, e a fervorosa “passione” italiana davam uma peculiar característica a estes times. Começara ali a identificação destas equipes como “clube de massa”, ou ainda, “clube do povo”.

Se cada time já possuía a sua Rainha, um outro símbolo de identificação entre clube-torcida estava na escolha de uma “mascote”. Diferentemente do que se possa imaginar, as representações das equipes não tinham nenhuma relação com as características de algum animal, que pudesse remeter às características centrais do time. Muito antes da astuta raposa, do lépido coelho ou do brioso galo, os clubes elegiam garotos, filhos de sócios, jogadores ou torcedores, como mascotes. No final da década de 20, cada time grande já expunha as crianças-mascotes com orgulho, e faziam disto uma forma de perpetuar o amor ao clube, passando de geração a geração o sentimento apaixonado do torcedor. O periódico *Folha Esportiva* apresentava, destacadamente, as fotos das mascotes dos principais times de Belo Horizonte (Fig. 32)¹⁸⁶, e ornava a imagem dos garotos com signos alusivos a cada um deles.



FIG. 32 – Mascotes dos três principais times de Belo Horizonte, estampadas na *Folha Esportiva* em 1930.

¹⁸⁶ Mascote do Atlético: *Folha Esportiva*. Belo Horizonte, p. 12, 28.04.1930.

Mascote do Palestra: *Folha Esportiva*. Belo Horizonte, p. 12, 19.05.1930.

Mascote do América: *Folha Esportiva*. Belo Horizonte, p. 08, 21.04.1930.

Um fato que chama a atenção é a exposição apenas das mascotes dos “times grandes” da cidade. Em todos os periódicos analisados, não foi possível encontrar imagens de mascotes de nenhum outro clube da Capital. Sobre o layout e a diagramação das imagens das mascotes, cada uma remetia, simbolicamente, a referências identitárias do seu clube. O “Hurrah” atleticano, como demonstração de vibração e entusiasmo; a escalação do time palestrino, com cada nome inserido em uma estrela, remetendo à adoração do torcedor; e finalmente a mascote americana, com uma pose e uma vestimenta aristocrata, tendo a palavra “America” sido escrita com um tipo de letra que sugeria um ar de glamour. Sobre a relação da mascote com o clube, esta extrapolava a mera aquisição de um título, e se incorporava no dia-a-dia dos jogadores e torcedores, como visto pela nota da seção esportiva de um periódico, que tratava da passagem de aniversário da mascote americana:

[...] A “mascotte” do America faz annos hoje – Passa hoje o anniversario natalício do menino Helio, filho do sr. Amélio Campos Portella. Helio é a “mascotte” do America e que por isso vae receber hoje muitos cumprimentos dos rapazes do primeiro quadro e dos torcedores do alvi-verde.¹⁸⁷

Na disputa pela conquista de mais espaço e importância na vida social de Belo Horizonte, o Club Athletico Mineiro dava mais um passo importante, que iria marcar o ano de 1930. Se no ano anterior, a fundação do seu estádio impactaria toda a cidade, uma ousadia ainda maior ocorreria naquele ano. A inauguração do sistema de iluminação permitiria, pela primeira vez, a ocorrência de um jogo noturno. Aparentemente simples, este fato representou uma verdadeira revolução na vida esportiva da Capital, por possibilitar uma outra forma de apropriação do jogo, com horários diferenciados e a construção de uma cultura esportiva vivenciada sob uma nova ordem de tempo e espaços. Coube ao clube juizforano do *Sport* se bater com o Atlético, em uma festiva noite esportiva. A novidade do primeiro jogo noturno em Belo Horizonte despertava a curiosidade de uma imensa torcida, que compareceu ao estádio para ver a vitória da equipe local pelo dilatado placar de 10 x 2. Certamente, o fato não passaria em branco pela imprensa, que imprimia suas impressões sobre o acontecimento:

O PRIMEIRO NOCTURNO DE HONTEM - Gente chegando. Ambiente de circo. Banda de musica. Assovios ao estylo de vaías amarra-cahorro. Meninos vendendo amendoins. Marinetti uniformizado de jogador de golf. Marinetti discutindo com Jairo:
- Você não joga hoje. Você não quis dormir durante o dia, como eu mandei. Jogo nocturno é diferente. Quem fizer farra de dia não põe o pé na bola. [...] Confusão. Poeira subindo. Poeira dourada, á luz dos reflectores. O pessoal chispando a pé,

¹⁸⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 07 set. 1929. Seção Desportos, p. 24.

desde o alto da Barroca á avenida Affonso Penna, [...] comemorando a primeira victoria do Athletico. A victoria que o sol não viu.¹⁸⁸

Torcer à noite já era possível, e as torres de iluminação representavam uma conquista da modernidade a serviço do desenvolvimento do esporte. Se as torres projetavam imensos fochos de luz sobre o campo, fazendo brilhar os olhares atônitos dos torcedores, elas também permitiam, em jogos que ocorriam durante o dia, o crescimento da capacidade de público, que se debruçava sobre a estrutura metálica em busca de um ângulo original, ou de um espaço inexistente nas arquibancadas lotadas. A foto abaixo (Fig. 33)¹⁸⁹ ilustrava a inusitada apropriação das hastes de iluminação pela torcida do Atlético, demonstrando o seu fervor pelo time.



FIG. 33 – Torcedores atleticanos sobre a torre de iluminação do estádio Antônio Carlos.

Os embates entre os clubes de desdobravam em demonstrações explícitas de enfrentamento, e nem sempre entre as quatro linhas demarcatórias do campo de futebol. Um caso que exprimiu a condição de pertencimento entre time, jogador e torcida foi a passagem do *goal-keeper* palestrino Armando para os quadros do Athletico. Tal atitude causou uma enorme celeuma entre as diretorias das equipes, e se estendeu para os domínios das torcidas de ambos. Considerado como uma ofensa e uma traição, o comportamento do goleiro não era

¹⁸⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10 ago. 1930. Seção Desportos, p. 10.

¹⁸⁹ Acervo do Centro Atlético de Memória.

algo tão incomum naquele período, e tomou tamanha proporção por ter ocorrido entre dois clubes notadamente rivais e pela condição de ídolo que o goleiro atingira no Palestra. A briga pelo “passe” de Armando foi a síntese da disputa e da rivalidade que Palestra e Atlético forjavam, e representava a condição de paixão, *status* e pertencimento que o futebol alcançara em Belo Horizonte. Os periódicos permitiam a compreensão do acontecimento, noticiando em destaque os meandros do ocorrido.

O fato desencadeador do imbróglio ocorreu na partida entre o Athletico e o Tupinambás, de Juiz de Fora. Neste jogo, Armando, já vestindo as camisas do alvi-negro, é hostilizado pelos palestrinos presentes ao estádio. A nota desportiva do jornal apontava que “[...] Armando, o nosso *keeper* do preto e branco, recebendo a saudação da numerosa *torcida* athleticana. A *torcida* do Palestra vaiando o maior *keeper* da cidade. Insultos dos dois lados e uma porção de guardas-civis no meio”¹⁹⁰. A necessidade de intervenção dos guardas-civis mostrava bem a proporção que a situação tomara.

Em outro momento, o conflito mereceu uma descrição esmiuçada na seção desportiva do *Minas Geraes*, que apontava os motivos e as causas do tamanho mal-estar que a atitude do arqueiro do time palestrino provocara:

ARMANDO PERTENCERÁ SEMPRE AO PALESTRA – Armando é o maior *keeper* de Belo Horizonte. O mais corajoso. O mais moço e o mais perfeito jogador da sua posição. Em 1929, Armando conquistou muitas glórias para o Palestra Italia. A maior foi o campeonato, que elle garantiu heroicamente, numa serie de defesas impressionantes. Armando, justamente por isto, era um nome querido nos meios palestrinos. Aconteceu, porém, esta coisa imprevista: Armando deixou aquelle club e entrou para o Athletico, declarando seu antigo desejo de inscrever-se pelo preto e branco. E a sua transferencia para o Athletico parecia definitiva desde domingo, quando toda a *torcida* do Palestra vaiou o esplendido goal-keeper, publicamente insultado pelos antigos admiradores. Hostilizado pelos socios do Palestra, Armando acceitou deliberadamente a amizade e a admiração dos athleticanos. E para regulamentar o seu acto, Armando passou a preferir o café Iris ao Bar Excelsior, de accordo com os estatutos da Liga. Vaiado pelos palestrinos e vestindo a camisa do Athletico, parecia que o maior pegador de bolas da cidade havia realizado o seu proposito. No entanto, a directoria do Palestra não pretende dar a Armando o *passe*, considerando que a vaia de domingo não exprime o seu pensamento. A directoria, reconhecendo os serviços prestados por Armando, não quer que elle vá para o Athletico. Hontem constava até que o magnifico goal-keeper, antes de poder alistar-se legalmente ao seu novo club, terá um anno inteiro de ferias, concedido pela directoria do Palestra. Isto prova que Armando continúa prestigiado e que a sua demissão não será concedida. As accusações feitas ao campeão de 1929 são, portanto, injustas, não havendo má vontade dos directores daquelle club em relação ao Athletico. O Palestra nega o *passe* a Armando, apenas para conservar no seu *team* o brilhante jogador, ao qual quer reafirmar a sua estima. É um assumpto que o nosso publico sportivo ainda não comprehendeu. Em qualquer occasião, no entanto, o Palestra daria o *passe* aos seus jogadores. Para-raio e Polenta, si estes tambem pretendessem passar para o Athletico. Como se vê, embora os associados do Palestra sejam inimigos de Armando, a directoria

¹⁹⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 fev. 1930. Seção Desportos, p. 12.

reconhece o valor do grande keeper mineiro, insistindo em conserval-o no seu primeiro quadro.¹⁹¹

O “caso Armando” revelava uma condição muito comum na época. Os jogadores dos times eram, invariavelmente, também simpatizantes e torcedores dos mesmos. Embora o profissionalismo, em 1933, venha alterar mais radicalmente tal postura, a mudança de um clube para o outro já não era algo tão incomum, e não deixava de prenunciar uma forma de “profissionalismo marrom”. Os motivos que promoviam a transferência para um outro time estavam, via de regra, ligados à possibilidade de melhoria financeira, já que os principais clubes, veladamente, remuneravam os seus principais jogadores. Esse movimento, chamado pelo periódico *Folha Esportiva* de “bonds esportivos”, nem sempre agradava àqueles que ainda acreditavam no valor do amadorismo no futebol. A crítica era contundente, e afirmava:

Os clubs bellorizontinos têm sido, de tempos para cá, victimas do profissionalismo. Ora paulistas, ora cariocas, o certo é que, precedidos de bella fama, para aqui têm vindo alguns *footballers*, a chamado de clubs nossos, afim de “ganharem a vida” e em pouco tempo, depois de cheios, lá se vão outra vez, deixando a ver navios. [...] Até o Armando deu para sabido e passou o seu *bleufezinho* no Palestra.¹⁹²

No entanto, não era somente o vil metal que despertava o desejo de mudança nos *footballers* belo-horizontinos. Muitos deles se apaixonavam pelos doces encantos das torcedoras mineiras, e não pensavam muito para satisfazer o desejo das suas “gentis senhorinhas”, que usavam do seu poder de persuasão para convencer os amados *players* a trocarem de time. Foi o que aconteceu com Odorino, conhecido atacante atleticano, e “querido nas rodas sportivas da Capital”, que trocara o alvi-negro pelo aristocrático América, motivado pelo amor à sua “pequena”, fervorosa torcedora americana.

A reportagem do periódico apresentava uma entrevista com o jogador, e estampava uma foto para ilustrar a situação (Fig. 34). Na nota de rodapé da fotografia, podia-se ler:

Odorino estava verdadeiramente indeciso. Entre o Athletico e o America o seu coração balançava. Nisso, entra a mulher em scena. Foi um baile. A orchestra tocava “Nelly”, e Odorino, enlaçando uma aristocrática cintura, deslisava pelo salão. “Ella” convencia o Odorino a passar para o America, e elle, heróico, resistia. Então a sereia parou de dançar, e falou em voz triste: - É melhor acabarmos tudo, desde agora. Você vae para um lado, e eu para o outro. Quem é que resistiria a isso! Eu não. Nem o leitor camarada. E o Odorino também não resistiu: passou-se com armas e bagagens.¹⁹³

¹⁹¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 20 dez. 1930. Seção Desportos, p. 11.

¹⁹² OS BONDS ESPORTIVOS. *Folha Esportiva*. Belo Horizonte, p. 7, 21 abr. 1930.

¹⁹³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 18 jan. 1930.



FIG. 34 – Flagrante do baile, destacando-se Odorino com a torcedora americana. *Estado de Minas*, 18.01.1930.

Se a fidelidade dos jogadores às cores do pavilhão do seu time já começara a se fragilizar, o sentimento dos torcedores se encontrava cada vez mais fortalecido. O último ano da década ainda reservaria espaço para mais uma prova do arraigado pertencimento e paixão clubística. Quando a conhecida marca de cigarros *Monroe* propõe um concurso para eleger o “leader” dos *footballers* brasileiros, o ego bairrista das principais cidades brasileiras se inflou, cada qual tentando conquistar o título com o jogador representante de um dos seus clubes. A disputa, neste caso, colocava frente a frente o orgulho de se pertencer a um time, a uma cidade, a um Estado. Promovido pelos principais periódicos das cidades mais influentes no cenário nacional, o concurso teve alcançado o seu êxito, pela repercussão tomada. Explicado pelo periódico responsável pela sua organização em Belo Horizonte, entendia-se:

GRANDE CONCURSO NACIONAL MONROE – Os fumantes dos afamados cigarros da CIA. VEADO vão eleger o leader dos foot-ballers do Brasil, votando no Grande Concurso Nacional “Monroe”, instituído por aquela Companhia e patrocinado pelo Diário da Noite, do Rio, Diário de São Paulo, Estado de Minas, de Belo Horizonte.¹⁹⁴

¹⁹⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 06, 02 jan. 1930.

O impacto da campanha residia boa parte na premiação oferecida. Para os votantes, haveria cinco sorteios com prêmios da importância total de sete contos de réis. Já o jogador eleito ganharia um carro esportivo, “uma lindíssima barata CHRYSLER 77”. Publicidade, futebol e consumo de mãos dadas. Cada voto deveria ser acompanhado de uma cartela vazia do cigarro, além do cupom que deveria ser extraído dos jornais patrocinadores (Fig. 35).



FIG. 35 – Cupom de votação do Concurso Monroe.

Além de encher os bolsos dos comerciantes, a disputa trazia uma simbólica conquista: a do Estado que abrigaria o melhor jogador e, por conseguinte, do melhor futebol. Rio de Janeiro e São Paulo já vinham reivindicando tal posto, e a figura de Belo Horizonte parecia ser meramente decorativa. Mas o interesse dos mineiros não era menor, como denunciava o flagrante do Estado de Minas (Fig. 36), onde podia-se ler na nota de rodapé:

Belo Horizonte quer mesmo que parta das nossas montanhas o melhor footballer mineiro. Aqui vêem vocês o redactor sportivo do Estado de Minas, Curtiss de Lima, entregando maços de cigarros Monroe aos festejados “players” Tupã, do America, e Ivo Mello, do Athletico, para que possam elles exercer o direito do voto. Edgard Vieira, conhecido juiz e chronista sportivo, o auxilia nesse trabalho.¹⁹⁵

¹⁹⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 04 jan. 1930.



FIG. 36 – Jogadores mineiros votando no concurso Monroe.

Contudo, o esforço do periódico local em eleger um representante do futebol belo-horizontino parecia não surtir efeitos. Os resultados evidenciavam a força dos adversários cariocas e paulistas. Até mesmo dentro da cidade de Belo Horizonte a apuração surpreendia, pela distância do “player” carioca Russinho, que superara, em muito, os concorrentes dos clubes horizontinos. Na divulgação de uma parcial, de 10 de fevereiro de 1930 (Fig.37) constatava-se:

Apuração do Concurso “Monroe”	
Eleição do Leader	
Resultado de Belo Horizonte	
Em 10 de fevereiro de 1930	
Russinho - Vasco da Gama	3.280 votos
Mario Castro - Athletico	55 »
Lauro - Guarany	44 »
Derwim - Ypiranga	28 »
Tonico - America	19 »
José Stancioli - America	9 »
	<hr/>
	3.435

FIG. 37 – Resultado parcial da eleição do concurso Monroe, em Belo Horizonte.

O resultado desta apuração causava a revolta de muitos torcedores, indignados com a colocação dos jogadores dos seus clubes. Um deles externava este posicionamento, devidamente registrado pelo *Estado de Minas*:

João Rodrigues, o conhecido torcedor do Athletico, em conversa, hontem, com um nosso redactor, mostrava a indignação de que está possuído pela má vontade dos horizontinos para com seus jogadores. Emquanto os nossos astros como Mario, Tónico, etc. são relegados, os players cariocas obtem, nesta Capital, milhares e milhares de votos.

– É o desprezo do que é nosso, disse Rodrigues.¹⁹⁶

Para a lógica capitalista do jornal belo-horizontino pouco importava o sentimento de pertencimento, ou bairrismo, dos torcedores. Para o periódico, dito por ele, “aliás, aos votantes pouco se lhes dá votar nos cariocas ou mineiros; o que elles fazem questão é saborear o delicioso “Monroe”!”¹⁹⁷.

No entanto, embora fosse o concurso promovido pelo *Estado de Minas*, outros jornais também se arvoravam em emitir suas opiniões, não distantes da do torcedor atleticano. Para a *Folha Esportiva*, em um artigo com o sugestivo nome de “Não é mais tempo de se ter modéstia”, os jogadores mineiros não poderiam ser preteridos em detrimento dos “players” de outras cidades, e afirmava:

A respeito de um concurso de football que por ahi se pratica, lemos há dias, em um jornal carioca, uma carta aberta em que um paulista incitava os seus conterrâneos com termos inflammados e bairristas, a levarem a ganho, no concurso, o nome de um dos jogadores da paulicéa, que elle considera os melhores do mundo. [...] Aqui em Minas as cousas se passam diversamente. Os nossos torcedores não têm interesse nenhum pelos jogadores, mal pensando que estes movimentos os animam sobremodo. Milhares de votos poderiam ser dados a um jogador nosso, Ninão ou Souza, Mario ou Said, qualquer um enfim, e no final do concurso, embora elle não fosse vencedor, teria ao menos uma votação consideravel. Que será feito das milhares de carteirinhas de cigarros que aqui são vendidas por semana? Serão jogadas fóra? Não. Sabemos de fonte segura que são remetidas para o Rio e de lá vendidas aos cabos eleitoraes de Fortes ou Russinho, ou serão mandadas para Amado. É verdade que estes tres jogadores merecem o titulo de leader dos footballers brasileiros, mas é também verdade que os nossos jogadores não o merecem menos. É preciso que se deixe de parte a modéstia e se faça justiça, mesmo que, para isto, tenhamos que ter um forte regionalismo. Para nós os nossos jogadores têm que ser os melhores do mundo.¹⁹⁸

O “Concurso Monroe” marcaria o término de uma etapa que consolidou o processo de constituição das torcidas, do pertencimento e da paixão clubística. A mudança de comportamento do público assistente era algo evidente, e o final da década de 1920 contém elementos suficientes para o apontamento desta transformação. Da assistência fidalga dos primeiros anos do futebol na Capital mineira, pouco restara. O alcance de divertimento predileto da gente horizontina projetara o torcer para uma dimensão plural, onde a diversão, o espetáculo, o consumo e a violência catártica se reuniam para compor a estrutura do

¹⁹⁶ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 13 fev. 1930.

¹⁹⁷ *Idem*.

¹⁹⁸ FOLHA Esportiva. Belo Horizonte, p. 7, 21 abr. 1930.

pertencimento e da paixão clubística, definitivamente instituídos no seio esportivo da cidade construída com o intuito de permitir a experiência da modernidade.

E O JOGO CONTINUA: “É DIFFICIL PRESUMIR O VENCEDOR DA CONTENDA”

O estudo da formação do torcer, do torcedor e das torcidas na cidade de Belo Horizonte permitiu o levantamento de uma série de informações e considerações concernentes ao tema. Por se tratar de uma abordagem histórica, cabe reconhecer que as representações construídas ao longo da pesquisa não constituem senão os indícios contidos nas fontes acessadas. Não se pretendeu, em nenhum momento (ainda que os indícios tivessem uma importante consistência), a elaboração de uma “teoria” da constituição do torcer, mas sim o emergir de elementos que permitissem o lapidar de questões pertinentes à lógica propositiva da investigação.

Neste sentido, a apresentação sistemática dos “resultados” dá lugar a uma linha de apontamentos baseada na trama tecida pelas fontes. Para facilitar o enredo conclusivo (que nunca é, de fato, conclusivo), estruturou-se uma divisão de conteúdos, estabelecida a partir da natureza das informações.

Assistência, Pertencimento e Paixão Clubística

A passagem de uma assistência desprovida de um sentimento afetivo por um clube de futebol para a sedimentação de uma paixão clubística, marcada pela idéia central de pertencimento (*meu time*), não se deu de forma linear, mas assentada em uma circunstância plural e dinâmico. Às primeiras manifestações mais consistentes da prática do futebol em Belo Horizonte nota-se a formação de um público seletivo (assim como os praticantes), marcado pela noção distinção e *status* social.

Entre os anos de 1904 e 1910 o futebol passa por um oscilatório momento de afirmação, e traz consigo uma platéia mais voltada para uma notória prática social do que propriamente para um posicionamento a favor deste ou daquele clube. Neste período, os sujeitos que participavam deste processo (jogadores ou assistentes), preocupavam-se notadamente pelo desenvolvimento do espírito esportivo, e focavam suas ações no intuito de fazer do jogo uma importante vivência social. Denominados de *sportmen* e *sportwomen*, constituíam, na primeira década do século passado, uma minoria advinda da elite belo-horizontina, caracteristicamente jovens e apegados aos novos valores, do progresso e da modernidade. Após se efetivar como prática esportiva preferencial (depois de concorrer com esportes como o ciclismo e o turfe), o futebol entra na segunda década do século XX com importantes transformações. Uma delas, que diz respeito à assistência, estava na maior participação, com um aumento significativo do público assistente. Embora mais pessoas

tivessem acesso ao entorno dos campos, o controle da estrutura do futebol ainda se atinha a poucos sujeitos.

Entre 1910 e 1915 foi possível encontrar as primeiras referências de um comportamento diferenciado por parte da concorrência às partidas. A fundação de clubes com um vínculo mais destacado a setores sociais específicos (caso do Atlético com os estudantes, do Yale com os operários e do América com a elite), fez com que os sentimentos de afeição e pertencimento começassem a brotar, ainda que de maneira insipiente e localizada. De mero assistente a admirador de uma equipe vislumbrou-se uma nova forma de participação da platéia. Coexistindo em meados da década de 1910, o assistir e o admirar possibilitaram a gênese do torcer, que foi se configurando a partir da organização de campeonatos sob os cuidados de uma Liga representativa (como a “Taça Bueno Brandão”, em 1914 e o campeonato mineiro, de 1915) e a inserção de pessoas originárias de classes sociais diversas, o que permitiu o início da transformação daquilo que se configuraria mais consistentemente nos anos posteriores.

Com o advento mais sistemático das competições, o futebol começou a gerar um sentimento até então pouco percebido: a rivalidade entre os clubes da Capital. O campeonato anual da Liga Mineira de Sports Athleticos colocava frente a frente, em disputas cada vez mais acirradas pelo título de campeão (uma invenção da modernidade), os principais times da cidade. A conquista do posto de primeiro colocado elevava a condição da necessidade de vencer a todo custo. Os admiradores passavam então a incorporar a rivalidade nascida nos campos, e a admiração cedia lugar a um sentimento mais intenso e elevado de paixão, que vinha a reboque da lógica do pertencimento.

De 1916 a 1925 uma original forma de estar à beira dos gramados se sedimentaria, com a invenção, inclusive, de uma palavra para designar tal condição: torcedor (a): aquele ou aquela que torce, aflitadamente, os seus adereços de vestuário (lenços e chapéus) no sofrimento de acompanhar o time predileto, ou ainda, os que investem em uma torção corporal intensa, torcendo e retorcendo o tronco, os dedos e as pernas na busca de incentivar o *seu* clube favorito.

Juntamente com os torcedores e as torcidas (grupos de torcedores), ocorria o surgimento de acontecimentos singulares: a inauguração da violência e seu posterior crescimento, a participação de grupos sociais específicos (políticos e mulheres, por exemplo), o estabelecimento de locais próprios para a torcida (geral e arquibancadas), dentre outros. Este período também foi marcado pela conquista do decacampeonato mineiro pelo America Football Club, fato que contribuiu sobremaneira para o arrebanhar de um considerável número de

adeptos. Na posição de maior rival americano, o Club Athletico Mineiro também se popularizava, principalmente por não impor condições restritivas de participação na vida do clube aos seus torcedores, diferentemente do America, que se distinguia pela elite e pelo fator econômico e social, ou o Palestra Itália, que estabelecia aos seus sócios e jogadores a necessidade da nacionalidade ou descendência italiana.

Se a rivalidade construída entre America e Athletico centralizava as atenções da vida esportiva na Capital, o ano de 1926 demarcaria uma importante mudança. A presença constante do Palestra Itália entre os primeiros colocados nos principais campeonatos instituiria a determinação de uma terceira força rival. Entre 1926 e 1930, todos os títulos conservaram-se nas mãos dos novos adversários: Athletico (1926-1927) e Palestra (1928-1929-1930). Neste período, a torcida palestrina passou a ocupar relevante espaço no cenário do futebol em Belo Horizonte, dividindo, com atleticanos e americanos, o simbólico *status* de “melhor e maior torcida”.

Diversão, Espetáculo Esportivo e Consumo

Desde os seus primeiros momentos, o futebol em Belo Horizonte estabelece-se como uma prática de “divertimento ao ar livre”, sendo uma das vivências possibilitadas pela recente introdução de um ideário esportivo na cidade. A diversão que, a princípio, se restringia aos grupos de praticantes, estende-se para uma platéia assistente, que começava a se formar em torno das partidas disputadas nos *grounds* horizontinos, na primeira década do século XX.

A distintiva diversão de assistir aos jogos de futebol percorre uma trilha singular, marcada por transformações importantes ao longo do seu percurso. Até o ano de 1910, não foi possível encontrar referências sobre cobranças de ingressos, nem sequer de divisão de público nos acanhados campos da Capital. Isto sugere uma participação bastante restrita na assistência, que enxergava naquele acontecimento muito mais uma “festa social” do que um evento esportivo propriamente dito. O fato das notícias sobre as partidas de futebol estarem inseridas na seção “Festas e Diversões”, do periódico oficial *Minas Geraes*, é bastante emblemático neste sentido. Neste período também não foram encontradas fontes que indicassem um comportamento hostil do público presente aos jogos, denotando uma postura fidalga e polida, característica de um grupo social aristocrático e elitista. Ao contrário, era muito comum que a assistência aplaudisse ambas as equipes, tendo suas emoções guiadas pelo desenrolar dos lances da partida e vibrando com as jogadas feitas por quaisquer um dos

times. Desta forma, não ficou evidenciado, até o ano de 1910, um sentimento de pertencimento e paixão clubística mais característico por parte dos assistentes.

O divertimento atrelado à assistência pôde ser notado em diversas situações. Desde o princípio, os indícios apontavam na direção de uma configuração de espetáculo para além da diversão. A presença de bandas de música aos jogos já fazia parte das práticas que cercavam a vivência do futebol, logo nos primeiros anos. Outros elementos também colaboraram para a constituição de uma lógica espetacularizada. O crescimento do esporte na cidade acabou embutindo a necessidade de uma organização mais sistemática, o que levou os clubes a adotarem algumas medidas, como a cobrança de ingressos para as partidas e a definição de lugares distintos para o público, dentre outras.

O final da década de 1910 estabelece uma outra concepção, do esporte e consequentemente do público. O divertimento não se encontrava mais apenas em assistir às partidas, mas também em torcer por um dos times disputantes. A figura do “torcedor” alterava os sentidos anteriormente instituídos. Gestava-se, naquele instante, a definição de um grupo com forte penetração no cenário social da Capital. A paixão dos sujeitos pelos diversos clubes de futebol incrementava o espetáculo esportivo e acendia os interesses dos empresários e comerciantes, que passaram a enxergar um potencial segmento de consumo dos mais diversos produtos. Desde o hino das equipes até jornais que tratavam unicamente de futebol, vendia-se tudo que estivesse ligado ao sentimento arraigado do torcedor.

Se as notícias sobre o futebol habitavam as seções de “festas e diversões” dos periódicos, a década de 1920 promove a sua passagem para espaços específicos, comumente denominados de “notas sportivas”, “desportos” ou ainda “secção sportiva”. O esporte bretão representava uma diversão diferenciada, única. Apenas as salas de cinema competiam com os campos de futebol como espaços de divertimento legitimamente instaurados. Tanto um como o outro permitiam a vertigem e o aflorar exaltado de emoções intensas. Filhos diletos da modernidade, futebol e cinema se afirmavam na vida das pessoas como principais vivências do tempo vago, e moldavam hábitos e costumes através dos códigos e signos de participação que ambos exigiam.

Os últimos anos da década de 1920 exacerbavam a experiência espetacularizada do futebol, e refletia ocorrências singulares dos torcedores e das torcidas, como a construção de estádios grandiosos, o consumo de marcas e símbolos instituídos em concursos, a exemplo da eleição da “Rainha dos Sports” e o “Concurso Monroe”, a constituição de símbolos identitários (como o hino e as mascotes), e ainda pela enorme massa de sujeitos que vivia

intensamente o dia-a-dia deste esporte. Foi possível notar um desdobramento do torcer, que surge como um divertimento, se transforma em espetáculo e possibilita o desenvolvimento do consumo.

Sujeitos e atores da torcida

A participação social permitida pelo futebol em Belo Horizonte tem momentos caracteristicamente distintos. Nos primeiros anos, os que tinham acesso à assistência das partidas representavam a elite social e econômica da cidade, constituída primordialmente por funcionários públicos, estudantes e comerciantes, que enxergavam no jogo bretão um espaço de vivência social distintiva. Após 1910, com a crescente afirmação do esporte na Capital, a presença de políticos começava a se tornar cada vez mais comum, certamente condicionada à percepção do aumento do número de pessoas em volta dos campos horizontinos. A fundação do Yale, em 1910, acentuava o caráter de importante evento social, e a promoção de verdadeiras festas esportivas que atraíam a classe política.

Porém, em meados da década de 1910, com a criação da Liga Mineira de Esportes Atléticos, que passou a organizar os primeiros campeonatos oficiais, a popularização do futebol passava a ser inevitável. Popularização que permitia a inserção de elementos sociais não pertencentes às classes elitistas. A presença de sujeitos do além-contorno periférico da cidade iria gerar um remodelamento das condutas e comportamentos da assistência. Separados pela geral e pela arquibancada, poucas práticas possibilitavam a co-existência espacial de pessoas tão distantes. Não existia, por exemplo, nos cinemas da Capital, lugares reservados à elite e a populares. Todo o cinema era da elite, ou todo o cinema era popular. A cidade moderna e burguesa explorava a diversão todos indistintamente, mas apenas no futebol os “de baixo” ficavam tão próximos dos “de cima”.

A constituição de grupos que tinham em comum a paixão por um mesmo clube, ou seja, as torcidas, fez com que nos últimos anos da década de 1920 Belo Horizonte assistisse à construção da maior diversão ao ar livre já vista na cidade, tornando os jogos de futebol um espetáculo em que se era possível presenciar praticamente todos os tipos de pessoas na platéia, torcendo ardentemente pelo seu time do coração.

Por fim, cabe destacar a presença e a participação feminina nos campos e estádios da Capital mineira. Integrada ao movimento de penetração do futebol na cidade desde os seus primeiros movimentos, a mulher se constituiu como o mais importante elemento da

assistência e das torcidas, no período pesquisado. Primeiramente parte de uma iniciativa de atração do público assistente, as “senhoras e senhorinhas” representavam o aspecto decorativo do espetáculo esportivo, e eram vistas como peças que ornavam as partidas. Após 1915, assumiam, de forma crescente, um papel mais ativo, reivindicando uma participação legitimamente de torcedora, seja por um clube ou por um jogador. Os relatos que trazem à superfície a presença feminina nos “grounds” da cidade são recorrentes, e representaram uma parte considerável das fontes levantadas pelo estudo, chegando mesmo a serem encontradas seções específicas para este público, intituladas, via de regra, de “As Torcedoras”. O auge desta participação ocorreria em 1927, quando da eleição da “Rainha dos Sports”, promovido pelo periódico “Correio Mineiro”. Ter uma torcedora símbolo, com o emblemático título de Rainha, fazia com que cada clube projetasse nas suas torcedoras um elemento de identidade e de pertencimento. Foi a mulher, portanto, a mais significativa personagem dos sujeitos e atores que compuseram a assistência belo-horizontina nas primeiras décadas do século XX.

Violência, comportamentos desviantes e educação para o torcer

Certamente entendido como um dos principais indícios da existência de um pertencimento e de uma paixão clubística, os comportamentos hostis marcaram o entendimento de uma passagem mais explícita da assistência para o torcer. As primeiras referências a pequenas atitudes tidas como desviantes à época, como as vaias, só foram encontradas em 1914. A partir de 1915, no entanto, é que os relatos sobre as brigas e os insultos ocorridos no entorno dos campos se tornam mais contundentes. Embora ainda não representassem uma prática comum, os *sururús* começavam a habitar mais recorrentemente o ambiente das partidas de futebol em Belo Horizonte, em fins da década de 1910. Por coincidir com o momento de massificação do esporte, atribuiu-se à presença dos populares o aumento dos casos de violência por parte dos assistentes. Certamente o crescimento do público representou um fator contribuinte, mas apontar exclusivamente para os não pertencentes à elite como responsáveis diretos pelo incremento das condutas hostis representa um exagero.

A década de 1920 abriga, assim, um movimento mais regular no desenvolvimento de condutas desviantes, ocasionando intervenções da força policial pública e gerando a instituição de uma “educação para o torcer”, onde a adequada postura deveria prevalecer, aos olhos daqueles que controlavam o espetáculo. Vários clubes (sendo o primeiro o America) criaram um “policimento interno”, composto por sócios e que tinham como intuito apoiar o

policiamento público. Em várias notas, recomendava-se que os torcedores conservassem uma postura correta, sob pena de serem expulsos dos campos.

A existência de uma crescente rivalidade entre os clubes acentuava o caráter de pertencimento e paixão, e estes, por sua vez, inflamavam os torcedores que acabavam se exaltando no afã de verem o seu clube vencedor. Desta forma, é possível estabelecer uma direta relação entre a existência e crescimento da violência e hostilidade com o aumento da noção de pertencimento e da paixão clubística.

Últimos Apontamentos

Mesmo com a compreensão de que toda inferência feita esteja sobre a necessária determinação das fontes analisadas, chegar a uma *verdade* é algo demasiadamente pretensioso. Neste sentido, toda a construção deste estudo permite no máximo apontamentos, pistas a serem interpretadas. Ainda assim, percorrer os caminhos trilhados pelo torcer em Belo Horizonte, desde a sua gênese, foi extremamente gratificante. Localizar a ocorrência de acontecimentos que constituíram uma das mais importantes e significativas vivências de divertimento da população belo-horizontina nas primeiras décadas do século passado permitiu o diálogo com um plural conjunto de teorias e concepções.

Assim, a proximidade do torcer com aspectos particularmente ligados à lógica da modernidade, como a diversão espetacularizada, o consumo e a fundação de um espaço público de catarse coletiva perpassaram como uma das mais significativas considerações a serem demarcadas pela investigação.

Por outro lado, o nascimento de um “estado de espírito”, colocado pelo sentimento de pertencimento do torcedor se revelou teimosamente inapreensível. Apenas nos foi possível a apropriação dos indícios (e foram muitos), que conduziram os rumos da narrativa tecida pela trama. Indícios estes que reforçam a importância do torcer como uma das mais significativas práticas culturais do povo brasileiro, em geral, e do belo-horizontino, especificamente.

Por fim, a prudência sensata nos obriga a generosa compreensão de que este estudo representa um primeiro passo, de uma longo caminho a ser percorrido. Primeiro passo que denota um grande e sincero esforço da construção de um conhecimento que possa ser apreendido por outras investigações, e que possibilitem o alinhavar de outras representações que o objeto permite, quer pela sua riqueza de elementos histórico-sociais, quer pela necessidade de desdobramentos a partir dos indícios emergidos.

REFERÊNCIAS

- A BRAZA. Bello Horizonte, 13.11.1904, p. 2. (Nota sem título).
- A CAPITAL. Bello Horizonte, 18.02.1921, p. 2. (Nota sem título).
- A EPOCHA. Bello Horizonte, 30.10.1904, p. 2. (Nota sem título).
- A GAZETA. Bello Horizonte, 02.07.1923, Secção Sportiva, p. 2. (Nota sem título).
- ALMEIDA, Martins de. *Sobre Belo Horizonte*. **A Noite**, 08.01.1926.
- ALPES, Lucio dos. *A Cidade Morta*. **A Epoque**, 05.11.1905, p. 2.
- ANTOINE, J. *A Season*. **Diário de Notícias**, 29.03.1907, p. 2.
- AOS TORCEDORES inconvenientes. **O Foot-Ball**. Bello Horizonte, 21.09.1917, p. 4.
- ARRUDA, Selenio. *Footing Desportivo*. **Footing**. Bello Horizonte, Seção Desportos, 12.06.1921, p. 5.
- ARTHPIN. **Diário de Minas**, 08.10.1915, p.2. (Nota sem título).
- A'S TORCEDORAS. **O Foot-Ball**. Bello Horizonte, 13.09.1917, p. 2.
- AVANTE! Bello Horizonte, 10.05.1924, p. 4. (Anuncios).
- ÁVILA, Myriam. **O retrato na rua: memórias e modernidades na cidade planejada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- BARROS, José Márcio. *Cidade e Identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte*. In: MEDEIROS, Regina (org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PUC Minas: Autêntica, 2001.
- BLAS, Ruy. **O Bogari**. Bello Horizonte, 03.07.1904.
- BOM MEIO de manter a ordem. **Folha Esportiva**. Bello Horizonte, 21.04.1930, p. 7.
- CAMPEONATO de Foot-Ball. **Minas Geraes**. Bello Horizonte, 24.09.1915, Seção Festas e Diversões, p. 6.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *Os tempos Olímpicos*. In: **Homenzinho na ventania**. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1962.
- CARPAS. **Correio Mineiro**. Bello Horizonte, 18.11.1926, Jogos e Desportos, p. 3.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 17.02.1927, Jogos e Desportos, p. 2.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 02.04.1927, p. 1.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 02.04.1927, Jogos e Desportos, p.2.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 06.04.1927, Jogos e Desportos, p. 2.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 23.04.1927, Jogos e Desportos, p. 2.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 30.08.1927, Jogos e Desportos, p. 3.
- CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 31.08.1927, Jogos e Desportos, p. 3.
- CORRESPONDENCIA das Torcedoras. **O Foot-Ball**. Belo Horizonte, 21.09.1917, p. 3.
- COUTO, Euclides de Freitas, Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927) In: Simpósio da Associação Nacional de História. 24. 2007, São Leopoldo-RS. **Anais...** Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Euclides%20de%20Freitas%20Couto.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2009
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v.1.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- ENTRE TORCEDORAS. **Gazeta Esportiva**. Belo Horizonte, 17.12.1927, p. 2.
- ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. *Através da Imagem II: Fotografia e História Interfaces*. In: **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 19.07.1919, Seção Sport, p. 3. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 02.01.1930, p. 6. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 04.01.1930, p. 5. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 18.01.1930, p. 5. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 02.02.1930, p. 7. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 13.02.1930, p. 5. (Nota sem título).
- ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 18.03.1930, p. 5. (Nota sem título).
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FOLHA ESPORTIVA. Belo Horizonte, 21.04.1930, p. 8. (Nota sem título).

FOLHA ESPORTIVA. Bello Horizonte, 28.04.1930, p. 12. (Nota sem título).

FOLHA ESPORTIVA. Bello Horizonte, 19.05.1930, p. 4. (Anúncios).

FOLHA ESPORTIVA. Bello Horizonte, 19.05.1930, p. 12. (Anúncios).

GAZETA ESPORTIVA. Bello Horizonte, 10.12.1927, Seção Desportos, p. 1.

GINSBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143-180.

GOAL. Bello Horizonte, 02.06.1930, p. 4. (Anúncios).

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HA 32 ANOS. **Gazeta Esportiva**. Bello Horizonte, 28.01.1928, p. 2.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. 1997.

JULIÃO, Leticia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 134-146, 1992.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física*. In: **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. O jornal e o livro. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.14-40.

MACUMBA. **Goal**. Bello Horizonte, 02.06.1930, p. 3.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MASCARENHAS, Gilmar. *A mutante dimensão espacial do futebol: Forma simbólica e identidade*. **Espaço e Cultura**: UERJ, RJ, nº. 19-20, p. 61-70, jan./dez. de 2005.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 13.07.1904, Seção Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 26.10.1904, Seção Festas e Diversões, p. 7.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 27.10.1904, Seção Festas e Diversões, p. 3.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 24.11.1904, Seção Festas e Diversões, p.6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 09 e 10.01.1905, Seção Festas e Diversões, p. 4.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 07.08.1910, Seção Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 12 e 13.09.1910, Seção Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 15.07.1911, Seção Festas e Diversões, p.6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 17-18.07.1911, Seção Festas e Diversões, p. 8.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 17 e 18.07.1911, Seção Festas e Diversões, p. 8.

MINAS Geraes. Bello Horizonte, 13-14 maio 1912. Seção Festas e diversões, p. 7.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 26.07.1914, Seção Festas e Diversões (Notas Sportivas), p. 11.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 27 e 28.07.1914, Seção Festas e Diversões (Notas Sportivas), p. 12.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 21.10.1914, Seção Festas e Diversões, p. 5.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 26 e 27.07.1915, Seção Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 09.09.1915, Seção Festas e Diversões (Sports), p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 24.10.1915, Seção Festas e Diversões, p. 13.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 14 e 15.08.1916, Seção Festas e Diversões, p. 7.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 29.12.1916, Seção Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 11.02.1917, Seção Festas e Diversões (Sports), p. 7.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 15.12.1917, Seção Mercado de Bello Horizonte, p. 6.

MINAS GERAES. Bello Horizonte, 06.03.1918, Seção Sports, p. 5.

- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 09.08.1919, Seção Sports, p. 7.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 31.07.1921, Seção Desportos, p. 5.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 26.01.1922, Seção Desportos, p. 6.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 28.01.1922, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 05.08.1922, Seção Desportos, p. 6.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 03.05.1923, Seção Desportos, p. 10.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 06.05.1923, Seção Desportos, p. 8.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 03.08.1923, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS Geraes. Bello Horizonte, 24 ago. 1923. Seção Desportos, p. 18.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 03-04.09.1923, Seção Desportos, p. 5.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 10.06.1925, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 29.10.1925, Seção Desportos, p. 9.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 12-13.12.1927, Seção Desportos, p. 9.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 08.09.1928, Seção Desportos, p. 11.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 10/11.09.1928, Seção Desportos, p. 8.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 30.05.1929, Seção Desportos, p. 10/11.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 31.05.1929, Seção Desportos, p. 5.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 10/11.06.1929, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 07.09.1929, Suplemento n. 210, p. 10.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 07.09.1929, Seção Desportos, p. 24.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 08.09.1929, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 09/10.09.1929, Seção Desportos, p. 14.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 27.10.1929, Seção Desportos, p. 20.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 04.01.1930, Seção Desportos, p. 14.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 17/18.02.1930, Seção Desportos, p. 12.

- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 01.06.1930, Seção Desportos, p. 12.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 02-03.06.1930, Seção Desportos, p. 11.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 30.06/01.07.1930, Seção Desportos, p. 10.
- MINAS GERAES. Bello Horizonte, 20.12.1930, Seção Desportos, p. 11.
- NÃO é mais tempo de se ter modéstia. **Folha Esportiva**. Bello Horizonte, 21.04.1930, p. 7.
- O BELLO HORIZONTE. Bello Horizonte, 02.08.1915, p. 2. (Nota sem título).
- O BOGARI. Bello Horizonte, 03.07.1904, p.1. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 12.05.1912, p. 1. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 06.08.1919, Secção Esportiva, p. 3. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 08.08.1919, Secção Sportiva, p. 3. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 12.08.1919, Secção Sportiva, p. 3. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 27.08.1919, Secção Sportiva, p.3/4. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 15.09.1919, Secção Sportiva, p. 3. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 07.09.1920, Seção Sports, p. 3. (Nota sem título).
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 11.09.1928, No Mundo dos Sports, p. 5/6.
- O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 25.10.1928, No Mundo dos Sports, p. 5.
- O FOOT-BALL. Bello Horizonte, 13.09.1917, p. 1.
- O JOGO dos campeões. **O Pirolito**. Bello Horizonte, 10.09.1928, p. 1.
- O MALHO. Rio de Janeiro, 19.08.1905.
- O TRENO. Bello Horizonte, 30.03.1918, p. 1.
- O TRENO. Bello Horizonte, 06.04.1918, p. 1.
- OS BONDS ESPORTIVOS. **Folha Esportiva**. Bello Horizonte, 21.04.1930, p. 7.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 15.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)** – Dissertação de Mestrado (FAFICH/UFMG, 2007).

RIBEIRO, Raphael Rajão. *Em Busca de um Campo: o futebol belo-horizontino e a transformação dos espaços da cidade (1904-1921)*. In: LINHARES, Maria Eliza (Org.). **Campo e Cidade na Modernidade Brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)** – Tese de Doutorado (FAFICH/UFMG, 2006).

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHOOTS. **Gazeta Esportiva**. Belo Horizonte, 17.12.1927, p. 2.

SEMANA ILLUSTRADA. Belo Horizonte, n. 14, 04.09.1927.

SEMANA ILLUSTRADA. Belo Horizonte, n. 29, 17.12.1927.

SEMANA ILLUSTRADA. Belo Horizonte, n. 47, 28.04.1928.

SEMANAES. **A Epocha**. Belo Horizonte, p. 1, 12 de fevereiro, 1905.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quando é dia de clássico: das massas aos mitos*. In: FREIRE, Alexandre (Org.). **Preto no Branco – Ensaio sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão**. Belo Horizonte: 2007.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

SPIRIDIAM. *As Farpas*. **A Epocha**. Belo Horizonte, 20.11.1904, p.2.

SPORT. **O Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 24.07.1915, p. 2.

SPORT Club. **Minas Geraes**. Belo Horizonte, 04.10.1904, p. 6.

TANK. Bello Horizonte, anno I, n. 1, 01.01.1919.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

UM LEITOR ASSIDUO. **Estado de Minas**. Bello Horizonte, 13.08.1919, p. 4.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: Educação Physica e Gymnastica como Práticas Constitutivas dos Corpos de Crianças no Ensino Público Primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIDA DE MINAS, A. Bello Horizonte, a.1, n. 5 e 6, 30 set. 1915.

VIDA MODERNA, A. São Paulo, ano IX, n. 234, 13 ago. 1914.

VIDAL, D. G. **Fontes Visuais na História: significar uma peça**. *Varia História*: Belo Horizonte, n.13, 1994, p. 128-131.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones*. **Revista Brasileira de Educação**, p. 63-82, set/dez 1995.

VITA. Bello Horizonte, a. 1, n. 15, 26 jul. 1914.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 200.